

J A M E S PATTERSON

COM ANDREW GROSS

30

G R A U

*Quinta Essência**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: 3rd Degree

Título: 3.º GRAU

Autor: James Patterson e Andrew Gross

Tradução: Dina Antunes

Revisão: João Pedro Tapada

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789895558834

Direitos reservados para Portugal

QUINTA ESSENCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© James Patterson, 2004

Inicialmente publicado por Little, Brown & Co., Nova Iorque.

Publicado com o acordo de Linda Michaels Limited,

International Literary Agents

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Primeira Parte

A PIOR SEMANA DA MINHA VIDA começou com uma manhã clara e calma de Abril.

Estava a fazer *jogging* junto à baía com a minha *border collie*, *Martha*. É o meu costume aos domingos de manhã: levantar-me cedo e colocar a minha outra metade no lugar da frente do *Explorer*. Tento correr cinco quilómetros, desde Fort Mason até à ponte e voltar. O suficiente para me convencer de que me mantenho em algo parecido com uma boa forma física aos trinta e seis anos de idade.

Nessa manhã, a minha amiga Jill acompanhou-me. Para fazer correr o seu cachorro *labrador*, *Otis*, ou, pelo menos, foi isso que alegou. Embora me tenha parecido que estivesse a fazer o aquecimento para uma subida de bicicleta ao monte Tamalpais, ou o que quer que fosse fazer mais tarde como exercício *a sério*.

Era difícil de acreditar que haviam passado apenas cinco meses desde que perdera o bebé. Ali estava ela, o seu corpo novamente tonificado e esguio.

– E então, como correu ontem à noite? – perguntou ela, caminhando sem esforço ao meu lado. – Corre o rumor de que tinhas um encontro.

– Podes chamar-lhe um encontro... – disse, olhando para Fort Mason, que, para minha infelicidade, não parecia estar mais perto –, como poderás dizer que Bagdade é um local de veraneio.

Ela fez uma careta.

– Desculpa ter tocado no assunto.

Durante toda a corrida, não me saiu da cabeça a recordação do desagradável comentário de Franklin Fratelli sobre « revenda de activos » (que era uma maneira fina de dizer que mandava gorilas contratados atrás dos donos das « ponto.com » em falência que já não podiam pagar os seus *BMW* e os seus relógios *Franck Muller*). Ao longo de dois meses, Fratelli aparecera no meu gabinete de cada vez que visitava a brigada, até que me fartei e o convidei para jantar um sábado à noite (tive de guardar no frigorífico as costeletas estufadas em vinho do Porto ao perceber no último momento que ele não ia aparecer).

– Deixou-me plantada – expliquei entre um passo e outro. – Não perguntes mais nada. Não vou contar-te os pormenores.

Parámos no final de Marina Green. Soltei um grito para aclarar os pulmões ao mesmo tempo que a corredora Mary Decker continuava aos pulinhos nas pontas dos pés como se fosse dar outra volta.

– Não sei como consegues – comentei, com as mãos na cintura, tentando recuperar o fôlego.

– A minha avó – explicou, rolando os ombros e esticando os tendões por trás dos joelhos – começou a caminhar oito quilómetros por dia quando tinha sessenta anos. Agora tem noventa. Não fazemos ideia onde esteja.

Desatámos a rir. Era bom ver que a antiga Jill começava a aparecer de novo. Era uma alegria escutar a sua risada outra vez.

– Queres ir tomar um *mochachino*? – indaguei. – É a *Martha* que paga.

– Não posso. O Steve regressa hoje de Chicago e quer ir de bicicleta ver a exposição do decano Friedlich na Legião de Honra assim que mudar de roupa. Sabes como fica aquele cachorrinho quando não tem a sua dose de exercício.

Franzi o sobrolho.

– Custa-me imaginar o Steve como um cachorro.

Jill acenou com a cabeça e despiu a camisola, erguendo os braços.

– Jill – arquejei –, que diabo é isso?

Sob a alça do seu sutiã de desporto apareciam umas pequenas nódoas negras, que se assemelhavam a marcas de dedos.

Colocou a camisola por cima do ombro, como se tivesse sido apanhada desprevenida.

– Cai ao sair do polibã – respondeu ela. – Devias ter visto como ficou o polibã. – E piscou-me o olho.

Assenti, mas havia algo naquelas nódoas negras que não me agradava.

– Tens a certeza que não aceitas o café? – inquiri.

– Lamento... Conheces *El Exigente*, se chego cinco minutos atrasada, começa logo a dizer que é um mau hábito. – Chamou *Otis* com um assobio e largou a correr de volta para o carro. Despediu-se com um aceno. – Vejo-te no trabalho.

– Então e tu? – Ajoelhei-me frente a *Martha*. – Estás com cara de quem lhe apetece um *mochachino*. – Coloquei-lhe a trela e, em passo apressado, dirigi-me para o Starbucks, em Chestnut.

A Marina sempre foi uma das minhas zonas preferidas. Ruas serpenteantes com pitorescas casas restauradas. Famílias, o piar das gaivotas, o ar que chegava da baía.

Atravessei Alhambra, o meu olhar desviando-se para uma bonita casa de três andares que me chama sempre a atenção quando ali passo. Postigos de madeira entalhada e telhado de terracota como no Grand Canal. Segurei *Martha* enquanto passava um automóvel.

Foi o que recordei desse momento. Que o bairro começava a despertar. Que um miúdo ruivo com uma camisola da marca *FUBU* fazia uns quantos truques com os seus patins em linha. Que uma mulher de jardineiras dobrava apressada uma esquina, transportando um fardo de roupa nos braços.

– Vamos, *Martha*. – Dei um pequeno puxão na trela. – Já estou a salivar da vontade que sinto de beber um *mochachino*.

E então, a casa do telhado de terracota explodiu em chamas. Era como se São Francisco se tivesse de súbito transformado em Beirute.

– OH, MEU DEUS! – gritei, ao mesmo tempo que um golpe de calor e uma chuva de destroços quase me atiravam ao chão.

Virei-me e agachei-me para proteger *Martha* enquanto as quentes ondas de choque provocadas pela explosão passavam por cima de nós. Uns segundos mais tarde levantei-me. Mãe Santíssima... mal podia acreditar no que via. A casa que estivera a admirar não passava agora de uma ruína. As chamas consumiam o primeiro andar.

Nesse instante ocorreu-me que devia haver gente no interior.

Prendi *Martha* a um candeeiro de rua. As chamas grassavam a uns quinze metros de nós. Atravessei a rua a correr até à casa em chamas. O primeiro andar tinha já desaparecido. Ali ninguém tivera a menor hipótese.

Procurei o telemóvel na minha pequena bolsa de cintura e marquei freneticamente o 911, o número de emergência

– Fala a inspetora Lindsay Boxer, da Polícia de São Francisco, crachá dois-sete-dois-um. Houve uma explosão na esquina da Alhambra com a Pierce. Uma casa de habitação. É possível que haja vítimas. Necessito de apoio médico e de combate ao fogo. É urgente!

Terminei a comunicação. Segundo as normas, eu devia esperar, mas se havia alguém no interior da casa, então não tinha tempo. Despi a camisola e enrolei-a em volta da cara.

– Meu Deus, Lindsay – murmurei, e sustive a respiração.

Logo em seguida entrei na casa em chamas.

– Está alguém aqui? – gritei, e sufoquei de imediato com o incomodativo fumo cinzento. O calor intenso queimava-me os olhos e o rosto nas zonas onde a camisola não chegara. Uma parede de estuque em chamas pendia sobre a minha cabeça. – Polícia! – gritei de novo. – Há aqui alguém?

O fumo parecia cortar-me os pulmões como o navalhas afiadas e era impossível escutar fosse o que fosse por cima do rugido das chamas. De repente entendi por que razão as pessoas cercadas por chamas em pisos altos preferiam saltar a suportar o intolerável calor.

Protegi os olhos, abrindo caminho por entre o fumo. Gritei uma última vez:

– Está alguém aqui?

Não podia avançar mais. Tinha as sobrancelhas chamuscadas e dei-me conta de que poderia morrer ali.

Dei a volta e dirigi-me para a luz e para o ar fresco que sabia estarem atrás de mim. Subitamente, avistei dois vultos, os corpos de uma mulher e de um homem. Obviamente mortos e com as roupas a arder.

Estaquei, sentindo o estômago às voltas. Contudo, não havia nada que pudesse fazer por eles.

Em seguida, escutei um som abafado. Não tinha a certeza se era real. Detive-me e esforcei-me por escutar por cima do rumor do fogo. Mal conseguia suportar a dor do lacerante calor no meu rosto.

Escutei-o de novo. Sim, era real.

Estava alguém a chorar.

ENGOLI AR e avancei para o interior da casa, que ameaçava ruir a qualquer instante.

– Onde estás? – chamei. Tropecei em destroços chamejantes. Sentia medo, não apenas por quem tinha gritado mas também por mim.

Ouvi-o novamente: um leve gemido vindo da parte de trás da casa. Dirigi-me de mediato para lá.

– Estou a chegar! – gritei. À minha esquerda, uma viga de madeira caiu com estrépito. Quanto mais avançava mais perigo enfrentava. Avistei o corredor de onde me parecia virem os sons, o tecto ameaçando cair.

– Polícia! – bradei. – Onde estás?

Nada.

Voltei a escutar os lamentos. Desta vez mais próximo. Avancei pelo corredor, protegendo a cara com a camisola. *Vá lá, Lindsay... Só mais alguns metros.*

Empurrei uma porta envolta em fumo e chamas. *Meu Deus, é o quarto de uma criança.* Ou o que restava dele.

Vi uma cama caída de lado e encostada a uma parede. Estava envolta numa grossa capa de poeira. Gritei e voltei a ouvir o barulho. Um som abafado, como uma tosse débil.

A estrutura da cama estava quente ao toque, porém consegui afastá-la um pouco da parede. *Oh, meu Deus...* Deparei-me com o perfil do rosto de uma criança.

Era um rapaz, e devia ter uns dez anos.

– ESTOU BEM – garanti, e soltei-me do paramédico. Aproximei-me do rapaz, já deitado numa maca. Transportavam-no para uma ambulância. O único movimento do seu rosto era um ligeiro mexer dos olhos. Mas estava vivo. Meu Deus, tinha conseguido salvá-lo.

Na rua, a polícia tentava controlar os curiosos. Vi o rapaz ruivo que estivera a fazer habilidades com os patins em linha, assim como um amontoado de outras caras aterrorizadas.

De súbito escutei um ladrar. Meus Deus, era *Martha*, ainda presa ao poste de iluminação. Corri para ela e abracei-a com força enquanto me lambia a cara.

Um bombeiro abordou-me. Exibia a insígnia de capitão no capacete.

– Sou o capitão Ed Noroski. Você está bem?

– Penso que sim – respondi sem muitas certezas.

– Na polícia, não vos basta ser heróis no vosso turno, tenente? – comentou o capitão Noroski.

– Estava a fazer *jogging* e vi a casa explodir. Pareceu-me uma explosão de gás. Fiz o que achei que devia fazer.

– E fez muito bem, tenente. – O capitão observou as ruínas. – Mas não se tratou de uma explosão de gás.

– Vi dois corpos lá dentro.

– Sim – disse Noroski, acenando com a cabeça. – Um homem e uma mulher. Havia outro adulto numa sala das traseiras do andar térreo. O miúdo teve sorte por a senhora o ter encontrado.

– Sim – concordei. O meu peito encheu-se de terror: se não se tratava de uma explosão de gás...

Então avistei Warren Jacobi, o meu inspector principal, emergindo do meio da multidão em direcção a mim. Warren estava a fazer o turno de domingo de manhã.

Tinha uma cara gorducha e dir-se-ia que nunca sorria, nem mesmo quando contava uma anedota. Os seus olhos fundos e escondidos pareciam incapazes de registar uma surpresa. Não obstante, quando observou o buraco onde antes se erguia o n.º 210 de Alhambra e me viu a *mim*, coberta de fuligem e de manchas, e sentada a tentar recuperar o fôlego, fez uma expressão de espanto.

– Lindsay? Estás bem?

– Penso que sim. – Tentei levantar-me.

Ele olhou para a casa e depois de novo para mim.

– A casa parece-me um pouco maltratada demais, tenente. Mas tenho a certeza de que farás maravilhas com o lugar. – Conteve o sorriso. – Temos alguma delegação palestina na cidade de que ninguém me tenha falado?

Expliquei-lhe o que tinha visto. Nem fumo, nem chamas, apenas a explosão repentina do primeiro andar.

– Os meus vinte e sete anos de serviço dizem-me que não se tratou do rebentamento de uma caldeira – declarou Jacobi.

– Conheces alguém que resida numa mansão como esta e tenha uma caldeira no primeiro andar?

– Não conheço é ninguém que viva num lugar como este. Tens a certeza de que não queres ir ao hospital?

Jacobi inclinou-se sobre mim. Desde que eu levava um tiro no caso Coombs, Jacobi transformara-se num tio protector. Deixara-se até das suas estúpidas piadas machistas.

– Não, Warren, não quero. Estou bem.

Não faço ideia o que me fez reparar naquilo. Estava apenas ali, no passeio, encostada a um automóvel estacionado, e pensei, *Merda, Lindsay, aquilo não devia estar ali.*

Não depois de tudo o que acabara de ocorrer.

Uma mochila vermelha. Igual à de milhões de estudantes. Ali estava ela.

Comecei de novo a entrar em pânico.

Ouvira falar de explosões secundárias no Médio Oriente. Quem podia dizer que não fora uma bomba o que explodira no interior da casa? Esbugalhei os olhos sem desviar a atenção da mochila vermelha.

Agarrei Jacobi por um braço.

– Warren, quero que tires toda a gente daqui, agora. Afasta toda a gente, já!

A criança tossia e chorava. Mal conseguia falar. O seu quarto ficara soterrado sob uma avalanche de escombros. Não podia esperar. Se o fizesse, o fumo acabaria por nos matar.

– Vou tirar-te daqui – prometi.

Esgueirei-me por entre a parede e a cama e, com todas as minhas forças, desviei-a da parede. Agarrei no rapaz pelos ombros, rezando para que não estivesse a magoá-lo.

Tropecei por entre as chamas, carregando o rapaz às costas. Havia fumo por todo o lado, nocivo e abrasador. Avistei uma luz no local por onde acreditava ter entrado, mas não estava certa.

Tossia, e o rapaz agarrava-se a mim com toda a força.

– Mamã, mamã – chorava. Abracei-o com mais força para o assegurar de que não o deixaria morrer.

Gritei, rezando para que alguém me respondesse.

– Por favor, está alguém aí?

– Aqui. – Ouvi uma voz através da escuridão.

Continuei a avançar, tropeçando em destroços e evitando novos locais onde as chamas irrompiam. Avistei a entrada. Sirenes, vozes. O contorno de um homem. Um bombeiro, que gentilmente me tirou o menino dos braços. Outro bombeiro colocou os braços em redor dos meus ombros. Caminhámos para o exterior.

Já cá fora, caí de joelhos, engolindo grandes quantidades de ar. Um paramédico envolveu-me cuidadosamente num cobertor. Todos ali eram simpáticos e agiam com profissionalismo. Encostei-me a um carro dos bombeiros parado junto ao passeio. Por pouco não vomitei, mas depois vomitei mesmo.

Houve alguém que me colocou uma máscara de oxigénio e inspirei profundamente várias vezes. Um bombeiro agachou-se ao meu lado.

– Estava no interior quando se deu a explosão?

– Não. – Abanei a cabeça. – Entrei para ajudar. – Mal conseguia falar, ou pensar. Abri a mala e mostrei o meu crachá. – Sou a tenente Boxer – disse, por entre ataques de tosse. – Brigada de Homicídios.

CLAIRE WASHBURN tirava de um armário da cave uma velha e familiar caixa que já não via há alguns anos.

– Meu Deus...

Nessa manhã levantara-se cedo e, depois de tomar o café no terraço de madeira e escutar os primeiros gaios naquele ano, vestiu uma camisa e umas calças de ganga e empenhou-se na terrível tarefa de limpar o armário da cave.

Em primeiro lugar, desfez-se dos jogos de tabuleiro que não eram jogados há anos. Depois foi a vez das velhas luvas e protecções dos seus tempos na Liga Juvenil de basebol com Pop Warner como treinador. Uma colcha dobrada que já mais parecia uma convenção de pó.

Em seguida, alcançou a antiga caixa de alumínio enterrada sob um cobertor bolorento. *Meu Deus.*

O velho violoncelo. A recordação fê-la sorrir. Deus santíssimo, há dez anos que não o segurava nos braços.

Desenterrou-o do fundo do armário. Vê-lo acordou uma catadupa de memórias: as horas ininterruptas a aprender as escalas, a praticar. «Uma casa sem música», costumava dizer a mãe, «é uma casa sem vida.» O quadragésimo aniversário do seu marido Edmund, quando tocara com dificuldade o primeiro andamento do *Concerto em Ré Maior* de Haydn – a última vez que havia tocado.

Abriu a caixa e observou a madeira do instrumento. Continuava deslumbrante, um presente do Departamento de Música de Hampton por ter ganho uma bolsa. Antes de se dar conta de que nunca seria como o violoncelista Yo-Yo Ma e que, portanto, teria de optar pela faculdade de medicina, aquele havia sido o seu bem mais precioso.

Ocorreu-lhe uma melodia. A mesma difícil passagem que sempre a iludira. O primeiro andamento do *Concerto em Ré Maior* de Haydn. Claire olhou em redor, como que envergonhada. Que diabos, Edmund estava ainda a dormir. Ninguém a ouviria.

Retirou o violoncelo da caixa. Tirou o arco e segurou-o nas mãos. «Que maravilha...»

Um longo minuto de afinação, as velhas cordas a adaptarem-se de volta às conhecidas notas. Um único movimento, o passar do arco pelas cordas, evocou um milhão de sensações. Ficou com pele de galinha. Tocou as primeiras notas do concerto. Souu-lhe um pouco desafinado, mas recuperou a sensação.

– Ah, ainda não perdi o jeito – comentou com uma gargalhada. Fechou os olhos e tocou mais alguns compassos.

Depois reparou que Edmund, ainda em pijama, a observava ao fundo das escadas.

– Sei que já me levantei. – Coçou a cabeça. – Recordo-me de ter colocado os óculos e até de ter lavado os dentes. Mas não pode ser... devo estar a sonhar.

Edmund cantarolou as notas que Claire acabara de tocar.

– Então, achas que consegues tocar a passagem seguinte? Essa é a parte mais complicada.

– Isso é um desafio, maestro Washburn?

Edmund dirigiu-lhe um sorriso malicioso.

Foi então que o telefone tocou. Edmund pegou no auscultador sem fios.

– Salva pela campainha – resmungou. – É do teu trabalho. Num domingo, Claire? Mas não são capazes de te deixar em paz?

Claire agarrou no aparelho. Era Freddie Rodriguez, um funcionário da policia científica. Escutou e em seguida desligou.

– Meu Deus, Edmund... houve uma explosão na Baixa! A Lindsay ficou ferida.

NÃO SEI o que me passou pela cabeça. Talvez fosse a recordação dos três mortos na casa, ou tantos polícias e bombeiros a correrem pelo local do acidente. Olhei para a mochila e o meu cérebro começou a dizer-me que algo estava errado, muito errado.

– Todos para trás! – gritei de novo.

Caminhei em direcção à mochila vermelha. Ainda não sabia o que pensava fazer, porém tinha de desimpedir a zona.

– Nem pensas. – Jacobi puxou-me por um braço. – Não te compete a si, Lindsay.

Sacudi-o.

– Tira toda a gente daqui, Warren.

– Posso não ser o teu superior – insisti Jacobi, com mais paixão –, mas tenho mais catorze anos de serviço e estou a dizer-te que não vais aproximar-te daquela mochila.

O capitão dos bombeiros apareceu a correr, gritando para o seu rádio:

– Possível engenho explosivo. Manda toda a gente recuar. Chama o Magitakos da Brigada de Minas e Armadilhas.

Em menos de um minuto, Niko Magitakos, chefe da Brigada de Minas e Armadilhas, e mais dois agentes, cobertos por uma pesada vestimenta protectora, empurraram-me para o lado e dirigiram-se para a mochila vermelha. Niko trazia consigo um aparelho de raios X, um instrumento que parecia uma caixa sobre rodas. Uma carrinha blindada, assemelhando-se a um enorme frigorífico, movia-se ominosamente em marcha atrás em direcção ao local.

O técnico do aparelho de raios X examinou a mochila a cerca de um metro de distância. Tinha a certeza de que se tratava de uma bomba, ou pelo menos algo que o criminoso deixara para trás, e dizia para consigo, *Que não expluda, por favor*.

– Tragam o carro. – Niko franzia o sobrolho. – Parece tratar-se de uma bomba.

Nos minutos seguintes, os agentes retiraram cortinas de aço reforçado do carro blindado e montaram uma barreira protectora. Um dos técnicos aproximou uma espécie de garra com rodas e acercou-se da mochila. Se era uma bomba, podia explodir de um momento para o outro.

Dei por mim em terra de ninguém. Não queria mover-me. O suor corria-me pela cara.

O homem com a garra levantou a mochila para assim a transportar para o carro blindado.

Nada aconteceu.

– Não detecto nada – comentou o técnico com o sensor electrónico. – Vamos abri-la com as mãos.

Colocaram a mochila no carro blindado e Niko ajoelhou-se junto dela. Com mãos experientes, abriu o fecho de correr.

– Não tem carga – anunciou Niko. – É a merda de um rádio a pilhas.

Escutou-se um suspiro de alívio colectivo. Afastei-me da multidão e corri para a mochila. Havia uma etiqueta de identificação na alça, uma daquelas etiquetas de plástico. Levantei-a e li.

BUM! CRETINOS.

Tinha razão. Haviam-na deixado ali de propósito. No interior da mochila, ao lado de um rádio despertador comum, estava uma fotografia emoldurada. Uma foto de computador, tirada com uma máquina digital. Nela aparecia a face de um homem bem parecido, com cerca de quarenta anos.

Um dos corpos carbonizados lá dentro, tinha a certeza.

MORTON LIGHTOWER, dizia a inscrição, UM INIMIGO DO POVO.

« DEIXEM OUVIR A VOZ DO POVO. »

Ao fundo, havia um nome. AUGUST SPIES.

Meu Deus, tratou-se de uma execução!

O meu estômago começou às voltas.

NÃO TARDÁAMOS A IDENTIFICAR A CASA. Pertencia efectivamente ao tipo da foto, Morton Lighttower, e à sua família. O nome dizia qualquer coisa a Jacobi.

– Não era o dono da X/L Systems?

– Não faço ideia. – Abanei a cabeça.

– Sabes, sim. O patrão da Internet. Pôs-se ao fresco com seiscentos milhões enquanto a empresa se afundava como um pedaço de cimento. As acções começaram a vender-se a sessenta dólares e agora valem uns sessenta cêntimos.

De repente, lembrei-me de ter visto a notícia na televisão.

– O Grande Açambarcador. – Tratava de comprar equipas de baseball e de rãguebi, devorando luxuosas mansões e instalando um sistema de segurança no valor de cinquenta mil dólares na sua residência de Aspen, ao mesmo tempo que inundava o mercado com as suas próprias acções e despedia metade do pessoal.

– Já ouvi falar de reacções violentas por parte dos investidores – disse Jacobi, abanando a cabeça –, mas isto é um bocadinho de mais.

Atrás de mim, uma mulher gritava para que a deixassem passar. O inspector Paul Chin acompanhou-a por entre o amontoado de carrinhas e equipas de televisão. Deteve-se frente à casa bombardeada.

– Oh, meu Deus – gritou, uma mão a tapar a boca.

Chin apresentou-me a mulher.

– É a irmã do Lighttower – informou.

Tinha o cabelo apanhado atrás, uma camisola de caxemira, calças de ganga e um par de sapatos rasos *Manolo Blahnik* que certa vez eu namorara durante dez minutos na montra do Neiman's.

– Faça favor – disse, ao mesmo tempo que guiava a trémula mulher para o interior de um carro-patrolha. – Sou a tenente Boxer, da Brigada de Homicídios.

– Dianne Aronoff – murmurou ela num tom vago. – Ouvi nas notícias. O Mort? A Charlotte? As crianças... Sobreviveu alguém?

– Salvámos um rapaz de onze anos.

– O Eric – disse ela. – Ele está bem?

– Encontra-se na Unidade de Queimados do Hospital Cal Pacific. Creio que irá ficar bem.

– Graças a Deus! – exclamou e voltou a tapar a cara. – Como pode uma coisa destas estar a acontecer?

Ajoelhei-me frente a Dianne Aronoff e peguei-lhe na mão. Apertei-a com suavidade.

– Senhora Aronoff, tenho de lhe fazer algumas perguntas. Não se tratou de um acidente. Faz alguma ideia de quem poderia querer fazer mal ao seu irmão?

– Não foi um acidente – repetiu. – O Mortie dizia: «A comunicação social trata-me como se eu fosse o Bin Laden. Ninguém entende. Acham que só estou interessado no dinheiro.»

Jacobi mudou de tática.

– Senhora Aronoff, parece que a explosão teve origem no primeiro andar. Faz ideia de quem tinha acesso à casa?

– Há uma mulher-a-dias – explicou, secando cuidadosamente os olhos. – Chama-se Viola.

Jacobi soltou um suspiro.

– Infelizmente, deve tratar-se do terceiro corpo que encontrámos. Enterrado sob os escombros.

– Oh... – Dianne Aronoff conteve um soluço.

Apertei-lhe a mão.

– Escute, senhora Aronoff, eu presenciei a explosão. Aquela bomba foi colocada no interior da casa. Deixaram entrar alguém ou então essa pessoa já tinha acesso à casa. Preciso que pense.

– Havia uma ama – murmurou. – Creio que às vezes passava a noite aqui.

– Teve sorte. – Jacobi revirou os olhos. – Se estivesse aqui com o seu sobrinho...

– Não era para o Eric. – Dianne Aronoff abanou a cabeça. – Era para a Caitlin.

Jacobi e eu olhámos um para o outro.

– Quem?

– Para a Caitlin, tenente, a minha sobrinha.

Ao ver os nossos rostos inexpressivos, ficou estática.

– Quando disseram que só tinham tirado o Eric, eu parti do princípio de que...

Continuámos a olhar um para o outro. Não haviam encontrado mais ninguém no interior da casa.

– Oh, meu Deus, ela tem apenas seis meses.

AINDA NÃO TINHA TERMINADO.

Corri até ao capitão Noroski, o chefe dos bombeiros, que gritava ordens aos homens que revistavam a casa.

– A irmã do Lighttower diz que há uma menina de seis meses dentro da casa.

– Não há ninguém, tenente. Os meus homens acabaram de passar os andares superiores a pente fino. A menos que queira entrar e averiguar por si mesma.

De súbito visualizei a disposição da casa. E percebi. Ao fundo do corredor onde encontrara o rapaz. O meu coração sobressaltou-se.

– Não está nos andares de cima, capitão, mas no de baixo. Também podia haver ali um quarto de criança.

Noroski deu ordens pelo rádio a alguém que permanecia no edifício para que descesse para a parte da frente da casa.

Ficámos frente à casa fumegante e uma sensação de náusea revoltou-me o estômago. Um bebé ainda ali, alguém que eu poderia ter salvo. Aguardámos enquanto os homens do capitão Noroski reviravam os escombros.

Por fim, um bombeiro saiu dos destroços do rés-do-chão.

– Nada – gritou. – Encontrámos um quarto de criança. Berço e um carrinho enterrados sob um monte de escombros, mas nenhum bebé.

Dianne Aronoff soltou um grito de alegria. A sobrinha não estava lá dentro. Depois no seu rosto apareceu uma expressão de pânico ao adivinhar um novo horror. *Se Caitlin não estava ali, onde estaria?*

CHARLES DANKO permaneceu por entre a multidão, a observar. Vestia um equipamento de ciclista e apoiava-se contra uma bicicleta de estrada já velha. Em todo o caso, o capacete e os óculos cobriam-lhe o rosto caso a polícia estivesse a filmar a multidão, como às vezes fazia.

Isto não podia ter corrido melhor, pensava Danko ao contemplar o cenário do homicídio. Os Lighttower estavam mortos, feitos em pedaços. Esperava que tivessem sofrido bastante enquanto ardiam, até mesmo as crianças. Fora o seu sonho muitas vezes, ou talvez o seu pesadelo, mas agora convertera-se em realidade – e essa realidade concreta aterrorizaria os habitantes de São Francisco. Aquele acto incendiário havia exigido muita coragem da sua parte, mas por fim fizera algo. Estavam ali todos: bombeiros, serviços de emergência, a polícia local. Todos honrando o seu trabalho, ou, melhor, o humilde início do seu trabalho.

Uma pessoa havia chamado a sua atenção. Uma mulher loura, obviamente uma polícia com alguma autoridade. Parecia ser corajosa. Observou-a e questionou-se se iria converter-se na sua adversária, e se seria digna de tal.

Perguntou sobre ela a um polícia que patrulhava a barreira policial.

– A mulher que entrou na casa em chamas é a inspectora Murphy, não é? Acho que a conheço.

O agente nem se deu ao trabalho de o encarar. Era a típica arrogância policial.

– Não – respondeu –, é a tenente Boxer. Está na Brigada de Homicídios. Pelo que ouvi dizer, é uma verdadeira bruxa.

O ABARROTADO ESPAÇO do segundo andar que albergava a Brigada de Homicídios vibrava como em nenhum outro domingo de manhã.

Recebi alta do hospital e dirigi-me de imediato para o gabinete para constatar que toda a equipa se havia apresentado. Tínhamos algumas pistas para seguir, mesmo antes de chegarem os resultados dos exames ao local da explosão. Os atentados à bomba não costumavam incluir raptos. *Se encontrarmos a bebé*, dizia para mim mesma, *encontraremos a pessoa que cometeu este horror*.

Havia um televisor ligado. O presidente da Câmara, Fiske, e o comissário da polícia, Tracchio, estavam em directo no local do atentado. «Trata-se de uma horrível tragédia, um acto de vingança», dizia o presidente da Câmara, acabado de chegar do campo de golfe Olympic. «Morton e Charlotte Lightower contavam-se entre os cidadãos mais generosos e empenhados da nossa cidade. Para além disso, eram nossos amigos.»

– E não se esqueça de acrescentar que também contribuíam para as suas campanhas – gracejou Cappy Thomas, o parceiro de Jacobi.

«Quero que todos saibam que a polícia está neste momento a seguir pistas concretas», continuou o presidente da Câmara. «Quero assegurar aos habitantes desta cidade que de trata de um acto isolado.»

– X/L... – Warren Jacobi coçou a cabeça. – Penso que tenho algumas acções dessa merda naquilo a que chamam a minha pensão de reforma.

– Eu também – disse Cappy. – A que fundo pertences?

– Creio que se chama «crescimento a longo prazo», mas quem o baptizou tem um estranho sentido de humor. Há dois anos tinha...

– Se os senhores investidores me derem licença – interrompi. – É domingo e os mercados de valores estão fechados. Temos três mortos, um bebé desaparecido e uma casa queimada num possível atentado à bomba.

– Confirma-se que foi uma bomba – anunciou Steve Fiori, o oficial de ligação entre a imprensa e a polícia. Havia estado a fazer malabarismo com uma centena de departamentos e agências de imprensa nos seus sapatos de vela e calças de ganga. – A Brigada de Minas e Armadilhas acaba de confirmar a notícia junto do comissário. Rasparam da parede restos de um temporizador e de explosivo plástico C-4.

A notícia não nos surpreendia. Porém, a constatação de que uma bomba explodira na nossa cidade, de que andavam à solta por aí uns tipos com C-4 e de que continuava desaparecido um bebé de seis meses deixou-nos a todos petrificados e mudos.

– Merda – suspirou Jacobi melodramaticamente. – Já temos o resto da tarde estragada.

– TENENTE – chamou alguém do outro lado da sala. – É o chefe Tracchio ao telefone.

– Eu bem te disse – riu Cappy.

Atendi, à espera de ouvir um raspanete por ter deixado tão depressa o local do crime. Tracchio era um burocrata irremediável. Nunca estivera tão próximo de uma investigação desde que estudara um caso na academia, fazia vinte e cinco anos.

– Lindsay, é a Cindy. – Contava ouvir o chefe e a voz dela surpreendeu-me. – Não te zangues. Era a única maneira de conseguir falar contigo.

– Não é a melhor das alturas – argumentei. – Pensei que eras o idiota do Tracchio, para me fazer a cabeça em água.

– A maioria das pessoas também pensa o mesmo de mim.

– Mas este assina os meus cheques. – Dito isto, inspirei de forma relaxada pela primeira vez em todo o dia.

Cindy Thomas fazia parte do meu círculo íntimo, juntamente com Claire e Jill. Também se dava o caso de trabalhar para o *Chronicle* e de ser uma das melhores jornalistas criminais da cidade.

– Meu Deus, Linds, acabei de saber. Estou num curso de ioga. Encontrava-me na posição *downward dog* quando o telefone tocou. Desapareço durante algumas horas e tu decides que chegou o momento de te armares em heroína? Estás bem?

– Exceptuando o facto de sentir que os meus pulmões foram queimados com combustível de isqueiro... estou bem – respondi. – Ainda não há muito que te possa dizer sobre este caso.

– Não estou a telefonar por causa disso, Lindsay. Estou a ligar para saber como estás.

– Estou bem – repeti.

Não sabia se estava a dizer a verdade. Dei-me conta de que as minhas mãos ainda tremiam e a boca sabia ao irritante fumo da explosão.

– Queres que vá ter contigo?

– Não conseguirias aproximar-te. O Tracchio proibiu qualquer declaração até averiguarmos o que se passou de verdade.

– Isso é um desafio? – perguntou Cindy com um risinho provocador.

Fez-me rir. Quando a conheci, Cindy havia-se escondido na *penthouse* do Hotel Grand Hyatt, o local de crime mais vigiado da história da cidade. A carreira dela começou com esse exclusivo.

– Não, não é um desafio, Cindy. Mas estou bem. Juro.

– *Okay*, então, se não preciso de me preocupar, que tal falares-me um pouco da cena do crime? Porque se trata da cena de um crime, não é, Lindsay?

– Estás a perguntar-me se o *barbecue* do quintal das traseiras pegou fogo num domingo de manhã? Sim, suponho que possas citar-me. Não pensei que conseguisses perceber do que se trata, Cindy. – Não deixava de me assombrar com a rapidez com que ela compreendia as coisas.

– Mas percebi – disse ela. – E já agora, ouvi dizer que salvaste uma criança. Devias ir para casa. Já fizeste a tua parte.

– Não posso. Temos algumas pistas. Quem me dera poder contar-te, mas não posso.

– Também fiquei a saber que levaram um bebé. Trata-se de alguma espécie retorcida de rapto?

– Se assim é – respondi encolhendo os ombros –, é um raio de uma nova forma de abordar quem vai pagar o resgate.

Cappy Thomas assomou à porta.

– A médica-legista quer falar contigo. Na morgue. Agora.

ERA TÍPICO DE CLAIRE, a médica-legista chefe de São Francisco, e a minha melhor amiga desde há uma dúzia de anos, dizer a única coisa capaz de me fazer chorar no meio de toda aquela loucura.

– A Charlotte Lighttower estava grávida.

Claire parecia abatida e desamparada no seu uniforme alaranjado.

– De dois meses. Pobre mulher, se calhar nem sabia.

Não sei porque fiquei tão triste, mas a verdade é que fiquei. Talvez porque isso tornava os Lighttower ainda mais numa família, humanizava-os.

– Já sabia que teria de falar contigo hoje. – Claire mostrou-me um pequeno sorriso. – Só não imaginei que fosse assim.

– Pois. – Sorri de volta e limpei uma lágrima do canto do olho.

– Já me contaram o que fizeste – declarou Claire. Aproximou-se de mim e abraçou-me. – És muito corajosa. Mas também uma grande palerma, sabias?

– Houve um momento em que pensei que não ia sair dali viva, Claire. Havia tanto fumo. Em toda a parte. Nos meus olhos, nos meus pulmões. Não via um palmo à frente do nariz. Limitei-me a pegar no rapaz e a rezar.

– Viste a luz. Guiou-te? – Claire sorriu.

– Não. O que me safou dali foi pensar que vocês iam achar que eu era uma estúpida se acabasse carbonizada naquela casa.

– Era capaz de estragar um pouco as nossas noites de *cocktails*, sim – concordou, anuindo.

– Já alguma vez te disse... – levantei a cabeça e sorri – que tens o dom de colocar tudo sob uma nova perspectiva?

Os restos mortais dos Lighttower encontravam-se lado a lado em duas macas. Até no Natal a morgue era um lugar solitário, mas naquela tarde de domingo, quando o pessoal já tinha ido todo para casa, a sala, com as fotos das autópsias e as anotações médicas coladas nas paredes anti-sépticas, para além do odor repugnante no ar, parecia ainda mais lúgubre do que a recordava.

Aproximei-me dos corpos.

– Então, chamaste-me aqui – disse. – O que querias que eu visse?

– Disse-te para vires aqui porque me ocorreu que precisarias de um abraço.

– E precisava – confirmei –, mas uma revelação médica bombástica também não caía mal.

Claire dirigiu-se a uma mesa e começou a tirar as luvas cirúrgicas.

– Uma revelação bombástica? – Revirou os olhos. – O que posso eu dizer-te, Lindsay? Estas três pessoas ficaram feitas em pedaços.

UMA HORA DEPOIS, Tracchio e eu organizámos uma tensa e emotiva conferência de imprensa na escadaria do Palácio da Justiça. Cindy estava presente, assim como metade dos meios de comunicação social da cidade.

De volta ao gabinete, Jacobi havia procurado o nome que aparecia na foto, August Spies, em todas as bases de dados policiais europeias, do Instituto Correccional da Califórnia e do FBI. Não obteve quaisquer resultados. Nenhuma correspondência, nenhum nome, nem nenhum grupo. Cappy tentava averiguar o máximo possível sobre a ama desaparecida. Tínhamos a descrição que nos havia sido dada pela irmã de Lighttower, mas não fazíamos ideia de como encontrá-la. Nem tão-pouco sabíamos o apelido da rapariga.

Retirei o grosso volume da lista telefónica de uma prateleira e lancei-a sobre a secretária de Cappy.

– Toma, começa no A, de Amas.

Eram quase seis horas da tarde. Havíamos enviado uma equipa aos escritórios da X/L, mas o máximo que consegui-mos foi um relações-públicas que nos disse que podíamos reunir-nos com eles no dia seguinte, às oito da manhã. Os domingos eram lixados para resolver crimes.

Jacobi e Cappy bateram à porta do meu gabinete.

– Porque não vais para casa? – sugeriu Cappy. – Nós tomamos conta da investigação.

– Ia telefonar agora mesmo ao Charlie Clapper. A equipa dele continuava a analisar o local do crime.

– Estou a falar a sério, Lindsay. Nós tratamos de tudo. Para além disso, estás com péssimo aspecto – declarou Jacobi.

De repente, apercebi-me do quanto me sentia exausta. Haviam passado nove horas desde a explosão. Continuava com o equipamento de corrida e coberta de fuligem.

– Lindsay? – Cappy virou-se. – Só mais uma coisa. Que tal foi a noite passada com Franklin Fratelli? O teu grande encontro?

Permaneciam ali, com um sorriso de orelha a orelha, como dois adolescentes crescidos.

– Não foi – respondi. – Estarias a perguntar se o teu maldito superior fosse um homem?

– Podes apostar que sim – afirmou Cappy. – E ainda diria mais ao meu maldito superior. – O detective inclinou a cabeça calva para trás – «Ficas muito bem com essas calças justas.» Aquele Fratelli é um idiota.

– Anotado. – Sorri. Demorara algum tempo até sentir que ganhara o respeito daqueles tipos. Tinham ambos mais tempo de serviço do que eu e havia-lhes sido difícil de aceitar que a Brigada de Homicídios fosse comandado por uma mulher. – Queres acrescentar mais alguma coisa, Warren? – indaguei.

– Não. – Balançou nos calcanhares. – Só mais uma coisa: Amanhã trazemos fato e gravata ou posso vestir os meus calções e vir com os ténis *Nike*?

Passei por ele, abanando a cabeça. Depois voltaram a chamar-me.

– Tenente?

Virei-me, irritada.

– Sim, Warren?

– Portaste-te bem hoje. – Acenou afirmativamente com a cabeça. – As pessoas que importam sabem-no bem.

ERA UMA VIAGEM de apenas dez minutos até Potrero, onde vivia num apartamento de dois quartos. Quando entrei, *Martha* agitou a cauda, satisfeita por me ver. Um dos polícias presentes no local do crime havia-a trazido.

A luz do atendedor de chamadas piscava. Primeiro a voz de Jill: « Lindsay, tentei ligar-te para o gabinete. Acabei de saber a notícia...» Depois a de Fratelli: « Escuta, Lindsay, se estiveres livre hoje...» Apaguei a mensagem sem sequer escutar que mais tinha ele para dizer.

Fui para o quarto e despi a camisola e as calças. Não me apetecia falar com ninguém. Coloquei um CD. O Reverendo Al Green. Entrei no duche e dei um gole na cerveja que trouxera comigo para a casa de banho. Inclinei-me sob o jacto quente. As camadas de poeira, fuligem e o odor a cinza foram desaparecendo do meu corpo, rodopiando aos meus pés. Algo me deu vontade de chorar.

Sentia-me tão sozinha.

Podia ter morrido hoje.

Desejei que alguém me abraçasse.

Claire tinha Edmund para a acalmar em noites como aquelas, depois de ter juntado os bocados de três corpos carbonizados. Jill tinha Steve, qualquer coisa... Até *Martha* tinha alguém: eu!

O meu pensamento vagueou para Chris pela primeira vez em bastante tempo. Quem me dera que estivesse aqui esta noite. Haviam passado dezoito meses desde a sua morte e eu estava pronta para avançar, pronta para me dar a alguém, se aparecesse alguém. A revelação não chegou com um rufar de tambores, nem com um anúncio do estilo « Senhoras e senhores, o envelope, por favor...», mas sim através de uma pequena voz no meu coração, a minha voz, que me dizia que estava na hora.

Depois pensei de novo na cena em Marina. Vi-me na rua, segurando *Martha* pela trela. A bonita e calma manhã, a casa de estuque. O miúdo ruivo às voltas nos seus patins em linha. O clarão alaranjado.

Revi a película vezes sem conta, e acabava sempre no mesmo sítio.

Há algo que te está a escapar. Algo que a minha mente tinha apagado.

A mulher a virar a esquina mesmo antes do clarão. Vira-a apenas de costas. Loura, de rabo-de-cavalo. Com qualquer coisa nos braços. Mas não era isso que estava a incomodar-me.

Era o facto de ela não ter voltado para trás.

Não me tinha ocorrido até àquele momento. Depois da explosão... O miúdo dos patins estava lá, assim como muitas outras pessoas. Mas não a mulher loura. Ninguém a interrogou. Ela não voltou para trás... Porquê?

Porque a filha-da-mãe estava a fugir.

Revi aquele momento uma e outra vez na minha cabeça. Levava qualquer coisa nos braços. Ia a fugir.

Era a ama.

E a trouxa nos seus braços?

Era a bebé dos Lighttower!

O SEU CABELO CAIU em madeixas grossas e louras no chão da casa de banho. Pegou na tesoura e cortou mais um bocado. Agora tinha de começar de novo. Wendy desaparecera para sempre. Um novo rosto apareceu ao espelho. Despediu-se da ama que havia sido nos últimos cinco meses.

Cortar com o passado. Wendy era um nome para o Peter Pan, não para o mundo real.

A bebé chorava no quarto.

– Não chores, Caitlin. Por favor, querida.

Tinha de decidir o que fazer com ela. Tudo o que sabia era que não podia deixar a bebé morrer. Tinha escutado as notícias todo o dia. Toda a gente a procurava. Apelidavam-na de assassina a sangue-frio. De monstro. Mas não podia ser assim tão monstruosa, pois não? Afinal, tinha salvo a bebé.

– Tu não acreditas que eu seja um monstro, pois não, Caitlin? – gritou para a bebé que chorava.

Michelle inclinou a cabeça sobre o lavatório e despejou uma embalagem de tinta Vermelho Pôr do Sol da *L'Oréal* por cima do cabelo, massajando depois o couro cabeludo.

Wendy, a ama, desapareceu.

Malcolm iria chegar a qualquer momento. Haviã combinado não se encontrar até que tivessem a certeza de que não a tinham seguido. Mas precisava dele, agora que havia provado do que era capaz.

Escutou um ruído na porta do apartamento. O seu coração sobressaltou-se.

E se tivesse cometido algum erro? E se alguém a tivesse visto sair de lá com a bebé? E se estavam a deitar a porta abaixo?!

Foi então que Malcolm entrou no quarto.

– Estavas à espera que fosse a polícia, não era? Já te disse que eles são estúpidos!

Michelle correu para os seus braços.

– Oh, Mal, conseguimos. Conseguimos. – Deu-lhe uma centena de beijos na cara. – Fiz o que estava certo, não fiz? – perguntou Michelle. – Quero dizer, na televisão dizem que quem fez isto é um monstro.

– Eu disse-te, tens de ser forte, Michelle. – Malcolm afagou-lhe o cabelo. – Os tipos da televisão estão comprados, tal como os outros. Mas olhem só... Estás tão diferente.

De súbito, escutou-se um choro vindo do quarto. Malcolm tirou uma pistola da cintura.

– Que merda foi esta?

Michelle seguiu logo atrás quando ele correu para o quarto. Fitou Caitlin, horrorizado.

– Malcolm, podemos ficar com ela, só por uns tempos. Eu tomo conta dela. A bebé não fez nada de mal.

– Sua estúpida – exclamou, empurrando-a para cima da cama. – Todos os polícias da cidade vão andar à procura dela.

Começou a respirar com dificuldade, como sempre lhe acontecia quando a voz de Mal engrossava. Procurou o inalador no interior da mala. Estava sempre lá. Nunca ia a lado nenhum sem ele. Tinha-o a noite anterior. *Onde diabos estava agora?*

– Eu tomei conta dela, Malcolm – insistiu Michelle. – Pensei que entenderias...

Malcolm empurrou-lhe o rosto para junto do da bebé.

– Pois entende *isto*.... Esta miúda vai desaparecer, *amanhã*. Não a quero ouvir chorar. Mete-lhe as mamas na boca ou uma almofada por cima da cabeça. Amanhã de manhã, esta criança já não está aqui.

CHARLES DANKO acreditava que não era boa ideia correr riscos desnecessários; também acreditava que todos os soldados eram dispensáveis, até ele. Gostava de pregar a doutrina: « há sempre outro soldado» .

Assim, fez o telefonema de uma cabina telefónica em Mission District. Se a chamada fosse interceptada, paciência.

O telefone chamou várias vezes antes de alguém atender no apartamento. Reconheceu a voz de Michelle, a maravilhosamente insensível ama. Grande actuação a sua.

– Estou orgulhoso de ti, Michelle. Não digas nada. Passa o telefone ao Malcolm. Mas és uma heroína.

Michelle pousou o auscultador, e Danko teve de conter uma gargalhada ao comprovar como cumpriam bem as suas ordens.

Era inestimável e bastante esclarecedor da condição humana. Diabos, até podia explicar o sucesso de Hitler em Munique. Eram pessoas inteligentes, a maioria com cursos universitários, que raramente questionavam as ordens que lhes eram dadas.

– Sim. Sou eu.

Escutou a voz sombria de Malcolm. Aquele rapaz era brilhante, mas também um verdadeiro assassino, quiçá até um psicopata. Chegava a assustar o próprio Danko.

– Escuta. Não quero que esta chamada dure muito tempo. Queria apenas deixar-te ao corrente. Está tudo a correr bem. Não podia estar melhor.

Danko fez uma pausa durante alguns segundos.

– Volta a fazê-lo – ordenou por fim.

UM LOGÓTIPO DESCOMUNAL mostrando um X entrecruzado com um L. coroava o edifício de tijolo e vidro que se erguia num promontório e se projectava sobre a baía. Uma recepcionista bem vestida guiou-me e a Jacobi até uma sala de conferências. Nas paredes revestidas a madeira viam-se artigos e capas de revistas nos quais figurava o rosto sorridente de Morton Lightower. Uma capa da *Forbes* perguntava: HAVERÁ ALGUÉM EM SILICON VALLEY CAPAZ DE PARAR ESTE HOMEM?

– O que faz exactamente esta empresa? – perguntei a Jacobi.

– Computadores de alta velocidade, ou algo do género. Transmitem os dados pela Internet. Mas isso foi antes de se darem conta de que não tinham dados para transmitir pela Internet.

A porta da sala de conferências abriu-se e entraram dois homens. Um tinha cabelo grisalho e faces rosadas e vestia um fato com bom corte. Devia ser advogado. O outro era corpulento e quase calvo, e envergava uma camisa de quadrados aberta. Era um dos técnicos.

– Sou Chuck Zinn – apresentou-se o homem de fato, oferecendo um cartão de visita a Jacobi. – Sou o CAL da X/L. Você é o tenente Boxer?

– Sou eu a tenente Boxer. – Observei o cartão e funguei. – O que significa CAL?

– Chefe de assessoria legal. – O homem fez um pequeno aceno de cabeça como que pedindo desculpa. – Este é o Gerry Cates, que ajudou a fundar a empresa juntamente com o Mort. É desnecessário dizer que estamos todos horrorizados com o sucedido. – Os dois homens sentaram-se, tal como nós, em redor da mesa de conferências. – A maioria de nós conhecia o Mort desde o início. O Gerry estudou com ele em Berkeley. Quero começar por dizer que terão toda a cooperação da empresa.

– Já há alguma pista? – inquiriu Cates. – Soubemos que a Caitlin está desaparecida.

– Estamos a fazer tudo o que podemos para encontrar a bebé. Informaram-nos de que a família tinha uma ama, que também está desaparecida. Podem fornecer-nos alguma ajuda que nos leve a encontrá-la?

– Talvez a Helene possa auxiliá-los. É a secretária do Mort. – Cates olhou para o advogado.

– Acho que é fazível. – Zinn escreveu algo num papel.

Começamos com as perguntas habituais: Se Lightower tinha recebido alguma ameaça. Se tinham conhecimento de alguém que lhes quisesse fazer mal.

– Não. – Gerry Cates abanou a cabeça e olhou para o advogado. – Claro que os assuntos financeiros do Mort estavam constantemente a aparecer nas notícias – continuou. – Há sempre alguém que perde a cabeça nas reuniões de accionistas. Cães de guarda das contas. Diabos, uma pessoa faz obras na cozinha e eles acusam-na logo de estar a sangrar a empresa.

Jacobi sorriu.

– Acha que podia irritar alguém se ele vendesse seiscentos milhões de dólares das suas próprias acções enquanto andava por todo o país a dizer que comprá-las a dez era um grande negócio?

– Não podemos controlar o preço das nossas acções, inspector – replicou Cates, obviamente irritado com a pergunta.

Instalou-se um silêncio incómodo na sala.

– Vai fornecer-nos uma lista de todos os seus clientes – afirmei.

– Fazível – O advogado voltou a tomar nota.

– E vamos precisar de acesso aos computadores pessoais do senhor Lightower, às contas de correio electrónico e à correspondência. – Aquilo era uma bomba nas mãos do chefe de

assessoria legal.

A caneta do advogado não tocou no papel.

– Esses ficheiros são privados, tenente. Tenho de averiguar qual é a nossa posição legal antes de concordar com isso.

– Pensei que era o senhor quem definia a posição legal – comentou Jacobi com um sorriso de esguelha.

– O seu patrão foi assassinado, senhor Zinn. E esse assunto passou agora a ser da nossa responsabilidade. Havia uma nota no local do crime – indiquei. Deslizei uma cópia da foto pelo tempo da mesa. – Referia-se a Morton Lightower como um « inimigo do povo ». Há um nome ao fundo, August Spies. Significa alguma coisa para algum de vocês?

Zinn pestanejou. Cates inspirou profundamente e os seus olhos perderam de súbito toda a expressão.

– Não precisam que vos recorde de que se trata de uma investigação criminal – lembrei. – Se alguém está a ocultar informações, agora seria o momento. . .

– Ninguém está a ocultar coisa alguma – argumentou Gerry Cates num tom seco.

– Suponho que irão querer falar com a Helene agora – sugeriu o chefe de assessoria legal, endireitando as folhas como que para indicar que a reunião chegara ao fim.

– O que eu quero é selar o gabinete do senhor Lightower agora mesmo. E obter acesso a toda a sua correspondência. Aos ficheiros de computador também. E ao *e-mail*.

– Não sei se isso será factível, tenente. – Chuck Zinn voltou a recostar-se na cadeira.

– Deixe-me dizer-lhe o que é factível, senhor Zinn. – Esbocei o mesmo sorriso falso e descendente que ele nos mostrava. – O factível é estarmos de volta daqui a duas horas com uma ordem judicial, e tudo o que tiver sido apagado dos ficheiros nas últimas vinte e quatro horas será considerado obstrução a uma investigação criminal. Outra coisa que é também factível é que qualquer coisa que encontremos ali que não seja lisonjeira para a X/L irá parar às mãos dos tubarões legais do gabinete do Ministério Público. Alguma destas coisas lhe parece factível, senhor Zinn?

Gerry Cates inclinou-se para o advogado.

– Chuck talvez possamos chegar a um entendimento.

– Claro que podemos chegar a um entendimento. – concordou Zinn. – Mas hoje já não temos mais tempo. E os senhores também devem ter muito que fazer. Por isso, se não há mais nenhum assunto... – Levantou-se e sorriu. – Vou conduzir-vos até à Helene.

DEMOREI CERCA DE seis segundos a telefonar para Jill depois de sair dos escritórios da X/L. Expliquei-lhe em detalhe a frustrante reunião da qual acabara de sair.

– Queres uma intimação judicial – interrompeu-me Jill – para aceder aos ficheiros do Lightower?

– Brilhante dedução, Jill, e rápido, antes que eles mandem o pessoal da Arthur Andersen fazer uma limpeza ao escritório.

– Tens alguma prova de que exista algo de interessante no computador do Lightower?

– Chama-lhe um palpite, Jill, mas quando um tipo que estou a interrogar começa a contorcer-se como um peixe apanhado num anzol, as pequenas antenas policiais que tenho atrás das orelhas desatam a tinir.

– E desta vez o que fizeram elas, Lindsay? – perguntou Jill com uma gargalhada.

– *Pi, pi, pi* – disse, com mais firmeza. – Vá lá, Jill, isto não é nenhuma brincadeira.

– Tens mais alguma coisa, para além dessas antenas, que prove que eles estão a ocultar informações?

Comecei a ficar impaciente.

– Não vais fazer isto por mim, pois não?

– Não *posso* fazer isso por ti, Lindsay. E mesmo que o fizesse, o que quer que encontrasses não seria admissível como prova. Escuta, posso tentar chegar a acordo com eles.

– Jill. Estou a investigar um assassinato múltiplo.

– Então, eu no teu lugar trataria de aplicar alguma pressão que não fosse jurídica.

– Queres explicar-te melhor?

Jill soltou uma risada.

– Que eu saiba, tens alguns amigos nos meios de comunicação social...

– Estás a querer dizer-me que eles talvez colaborem se a empresa for enxovalhada na primeira página do *Chronicle*?

– Brilhante dedução, Linds... – Ouvi Jill rir.

De repente escutei um sinal de chamada em espera no telemóvel. Era Cappy Thomas a ligar do gabinete.

– Lindsay, preciso que regresse o mais depressa possível. Temos uma pista sobre a ama.

QUANDO CHEGUEI, estavam duas mulheres sentadas na Sala de Interrogatório 1. Eram proprietárias de uma pequena empresa de colocação de amas, segundo me informou Cappy. A empresa chamava-se Uma Ama É Amor!

– Entrámos em contacto com a polícia quando soubemos o que tinha acontecido – explicou-me Linda Cliborne, que vestia uma camisola de caxemira cor-de-rosa. – Fomos nós que colocámos a Wendy Raymore naquela casa.

– Ela parecia perfeita para o trabalho – acrescentou Judith Herten, a sua sócia. Tirou uma pasta amarela e fê-la deslizar sobre a mesa. Continha um formulário de candidatura da Uma Ama É Amor!, algumas cartas de recomendação e um cartão de estudante da Cal-Berkeley com fotografia.

– Os Lightower adoravam-na – declarou Linda.

Observei a pequena foto plastificada do rosto de Wendy Raymore. Era loura, com as maçãs do rosto salientes e um sorriso largo e resplandecente. Revi a imagem mental que guardara antes da explosão: a rapariga de macacão a abandonar o local. A rapariga da fotografia podia ser ela.

– Investigamos cuidadosamente todas as nossas raparigas. A Wendy parecia uma jóia. Era alegre e atraente, uma rapariga adorável.

– E os Lightower disseram-nos que a bebé gostava muito dela – acrescentou a sócia. – Nós investigamos sempre.

– E estas recomendações... também as verificam?

Judith Herten hesitou.

– Talvez não todas. Mas telefonei para a escola e certifiquei-me da sua boa reputação. E, é claro, tínhamos o cartão da universidade.

Olhei para o endereço: 17 Pelican Drive. Do outro lado da baía, em Berkeley.

– Creio que ela me disse que vivia fora do *campus* – informou Linda Cliborne. – Enviámos a confirmação para um apartado.

Saí da sala acompanhada de Cappy e Jacobi.

– Eu aviso a polícia de Berkeley. E o Tracchio.

– Como queres tratar disto? – Cappy fitou-me. O que ele queria dizer era: *Que tipo de força devemos usar para a prender?*

Olhei para a fotografia.

– Usa todos os meios – declarei.

QUARENTA MINUTOS MAIS TARDE aproximávamo-nos do número 17 de Pelican Drive, em Berkeley. Tratava-se de uma casa azul desbotada, estilo vitoriano, numa rua de casas muito parecidas, a alguns quarteirões de distância do *campus*. Dois carros-patrolha bloqueavam a rua. Uma carrinha do grupo de operações especiais estacionou junto a nós. Não fazia ideia o que podia acontecer, mas não queria correr qualquer risco.

Vestimos coletes à prova de bala sobre os casacos da farda. Eram onze e quarenta e cinco. A polícia de Berkeley tinha a casa sob vigilância. Informaram-nos de que ninguém tinha saído de casa, mas que uma rapariga negra com uma sacola da Cal-Berkeley havia entrado fazia trinta minutos.

– Vamos lá buscar a bebé desaparecida – ordenei.

Jacobi, Cappy e eu escondemo-nos atrás de uma fila de carros estacionados em frente à casa. Não havia sinais de actividade no interior. Sabíamos que o local podia estar armadilhado.

Dois inspectores aproximaram-se de modo furtivo do alpendre. Um membro do grupo de operações especiais esperou com um aríete caso fosse necessário arrombar a porta. Tudo estava estranhamente silencioso.

Acenei com a cabeça. *Vamos entrar.*

– Abram a porta! Polícia de São Francisco! – Cappy bateu com toda a força na porta.

Eu tinha os olhos colados nas janelas laterais para ver se notava alguma actividade interior. Já tinham usado uma bomba e estava convencida de que não teriam o menor problema em abrir fogo. Porém, nada aconteceu.

De súbito, escutei as passadas de alguém que se aproximava no interior e o som do rodar da fechadura. Assim que a porta se abriu, apontámos as armas a quem quer que estivesse do outro lado.

Era a rapariga negra com a camisola da Cal-Berkeley que os polícias de Berkeley tinham visto entrar. Ao ver o grupo de operações especiais soltou um grito assustado.

– Wendy Raymore? – gritou Cappy, empurrando-a para longe da porta.

A rapariga, em estado de choque, mal conseguia falar. Cappy atirou-a para os braços de um agente das operações especiais. A tremer, apontou para as escadas e balbuciou:

– Acho que ela está lá em cima.

Subimos os três. Dois dos quartos estavam abertos e vazios. Não havia ninguém lá dentro. Ao fundo do corredor, avistámos uma porta fechada.

Cappy bateu à porta e bradou:

– Wendy Raymore? Polícia de São Francisco!

Não houve resposta.

A adrenalina ardia-me nas veias. Cappy olhou para mim e verificou a arma. Jacobi preparou-se. Dei o sinal.

Cappy abriu a porta com um pontapé. Entrámos com as pistolas apontadas para todos os cantos do quarto.

Uma rapariga de *T-shirt* sentou-se na cama como uma mola. Parecia aturdida, pestanejando profusamente. Começou a gritar:

– Oh, meu Deus, o que se passa?

– Wendy Raymore? – Cappy continuava a apontar-lhe a arma. O rosto da rapariga estava branco de terror e os seus olhos esbugalhados. – Onde está a bebé? – bradava Cappy.

Isto está errado! Merda, está tudo errado, pensei.

A rapariga, com o cabelo comprido e negro, era de compleição escura. Não se parecia em nada com a descrição que Dianne Aronoff nos dera. Ou com a fotografia no cartão de estudante de Wendy Raymore. Ou com a rapariga que eu vira a fugir do local da explosão. Estava mesmo a ver o que tinha acontecido. Esta rapariga tinha perdido o cartão ou alguém lho roubara. Mas quem o teria agora?

Baixei a arma. Estávamos a olhar para a rapariga errada.

– Esta não é a ama – informei.

SOBRAVAM EXACTAMENTE dezassete minutos da sua hora de almoço para Lucille Cleamons limpar as manchas de *ketchup* da cara de Marcus, levar os gémeos para a escola e apanhar o 27 de volta para o trabalho, antes que o senhor Darmon começasse a descontar-lhe 7,85 dólares por hora (ou 13 cêntimos por minuto).

– Vamos, Marcus – disse para o filho de cinco anos, que tinha a cara salpicada de *ketchup*. – Hoje não tenho tempo para as tuas patéticas. – Passou um guardanapo no colarinho da camisa branca, que naquele momento parecia uma das suas coloridas pinturas feitas com os dedos, e – raios – nenhuma das manchas parecia querer sair.

Da sua cadeira, Cherisse apontou com o dedo.

– Posso comer um gelado, mamã?

– Não, filha, não podes. A mamã não tem tempo. – Olhou para o relógio e sentiu um aperto no coração. *Ai, meuDeus...*

– Vamos a despachar, crianças. – Lucille amontoou as caixas dos *Happy Meal* no tabuleiro. – Tenho de vos limpar depressa.

– Por favor, mamã, é só um *McSundae* – gritou Cherisse.

– Podes comprar o teu próprio *McSundae* ou o que quiseres quando for o teu dólar e sessenta e cinco a deslizar sobre a mesa. Agora venham que tenho de vos limpar. A mamã tem de ir trabalhar.

– Mas eu estou limpa – protestou Cherisse.

Puxou-os da mesa e apressou-se com eles em direcção à casa de banho.

– Sim, mas o teu irmão parece que andou na guerra.

Lucille arrastou os filhos pelo corredor que levava aos lavabos. Abriu a porta da casa de banho das senhoras. Estavam no McDonald's e ninguém se importaria. Sentou Marcus na bancada, molhou um lenço de papel e começou a esfregar as manchas do colarinho.

O rapaz contorceu-se.

– Caramba, filho, se queres sujar-te, depois tens de aceitar que te limpe. Cherisse, queres fazer chichi?

– Sim, mamã – respondeu a menina.

Era a mais limpa dos dois. Tinham ambos cinco anos, porém Marcus mal sabia puxar o fecho das calças. Algum do *ketchup* estava a começar a sair.

– Cherisse – gritou Lucille –, vais sentar-te nessa sanita ou não?

– Não posso, mamã – retorquiu a criança.

– Não podes? Não temos tempo para isso, minha menina! Baixa os colãs e faz chichi.

– Não posso, mamã. Tens de vir ver.

Lucille suspirou. Quem afirmara que o tempo estava do nosso lado por certo não tinha gémeos. Olhou de relance para o espelho e suspirou de novo. Não tinha um único segundo para si mesma.

Colocou Marcus no chão e depois dirigiu-se para o cubículo de Cherisse.

– Porquê tanta demora, minha menina? – perguntou, impaciente.

A criança olhava para a sanita.

– Meu Deus! – Lucille arquejou.

Sobre o assento da sanita, envolto numa manta e dentro de uma alfofa, encontrava-se um bebé.

DE VEZ EM QUANDO, havia momentos naquele trabalho em que tudo corria bem. Encontrar o bebé dos Lighttower no McDonald's havia sido um desses momentos. Todo o Palácio da Justiça parecia respirar de alívio e gratidão.

Telefonei a Cindy e pedi-lhe um favor. Respondeu-me que seria um prazer pressionar um pouco a X/L.

Desliguei o telefone e Charlie Clapper bateu na porta do meu gabinete.

– Belo movimento, Boxer.

– Isso é um pouco machista, até para ti – comentei com um sorriso.

Clapper riu. A sua equipa passara grande parte do dia anterior a analisar o local da explosão. Charlie parecia exausto.

– Para os teus olhos primeiro, querida – disse ele e com a cabeça fez-me sinal para que o seguisse. – São bem mais giros do que os do Tracchio.

– Eu sabia que tinha ganho este crachá dourado por alguma razão.

Charlie conduziu-me até ao seu gabinete ao fundo do corredor. Niko, da Brigada de Minas e Armadilhas, também lá se encontrava. Sentada numa velha cadeira reclinável de madeira, rapava algo do fundo de uma embalagem de comida chinesa.

– Muito bem, já temos uma ideia de como era o engenho explosivo. – Charlie puxou uma cadeira para mim. Alguém havia desenhado uma planta da casa dos Lighttower num quadro. – Encontrámos vestígios de C-4 por todo o lado. Bastam duzentos e cinquenta gramas para fazer explodir um avião; assim sendo, dada a magnitude da explosão, calculo que terão usado cinco vezes isso. Quem quer que o tenha feito, colocou no interior da casa algo como isto – mostrou-me um saco desportivo preto da Nike – e deixou-o num dos quartos.

– E como sabemos isso? – inquiri.

– É fácil. – Clapper esboçou um sorriso. Puxou de um pedaço de náilon preto com o logótipo da Nike. – Encontrámos isto colado à parede.

– Achas que conseguirás encontrar alguma impressão digital no saco? – perguntei, esperançada.

– Lamento, querida – Clapper deu uma risadinha. – Isto é o saco.

– A explosão foi provocada por um engenho bastante sofisticado – explicou Niko. – E activaram-no por controlo remoto. O detonador estava ligado a um telemóvel.

– É fácil encontrar C-4 no mercado, Lindsay. Podemos averiguar se houve queixas de roubo em obras ou se falta algum no inventário militar – sugeriu Charlie Clapper.

– Tens jeito para crianças, Charlie?

– Se tiverem dezoito anos ou mais – respondeu o investigador com um esgar. – Porquê? O teu relógio biológico está a dar sinal?

Se Clapper fosse trinta centímetros mais alto, pesasse menos vinte quilos e não fosse casado há trinta anos, quiçá um dia aceitasse as suas insinuações.

– Lamento, mas esta é bem mais jovem.

– Estás a falar da bebé dos Lighttower? – Charlie fez uma careta.

Acenei afirmativamente com a cabeça.

– Quero que procures impressões digitais, Charlie. Na criança, no cobertor, na alfofa. Tudo o que conseguires encontrar.

– Há trinta anos que não mudo uma fralda. – Clapper suspirou com uma expressão medrosa. – Ah, quase me ia esquecendo...

Extraíu um saco de provas de debaixo de uma pilha de papéis que tinha sobre a secretária.

– Havia um quarto ao fundo do corredor, depois do quarto de brincar. Alguém passou lá a noite. Alguém cuja identidade não conhecemos.

A ama, pensei.

– Não fiques demasiado esperançada – disse Charlie, encolhendo os ombros. – Ficou tudo reduzido a cinzas. Mas encontrámos isto junto à cama.

Passou-me o saco de plástico para as mãos. No seu interior havia um pequeno recipiente retorcido com cerca de sete centímetros de comprimento.

Observei-o. Não fazia a mínima ideia de que se tratava.

– Deve ter-se derretido. – Clapper encolheu os ombros. Remexeu no seu próprio casaco pendurado na cadeira e tirou de lá algo parecido. – *Proventil*, Lindsay. – Tirou a tampa do seu recipiente e encaixou-o na perfeição naquele que estava dentro do saco das provas. Pressionou o bocal duas vezes e escaparam-se dois jactos para o ar. – Quem quer que tenha dormido naquela cama tem asma.

JILL BERNHARDT ficou sentada no seu gabinete, às escuras, muito depois de toda a gente ter saído.

À sua frente encontrava-se um documento legal. De repente, deu-se conta de que estava há dez minutos a olhar para a mesma página. Nas noites em que Steve não estava a viajar ou a trabalhar até tarde, ela ficava no escritório. Fazia tudo o que podia para o evitar. Mesmo que não estivesse a preparar-se para um julgamento.

Jill Meyer Bernhardt. Superadvogada. O cão de guarda de toda a gente.

Tinha tanto medo de ir para casa.

Massajou com suavidade a nódoa negra na espinha dorsal. A equimose mais recente. Como podia estar aquilo a acontecer? Estava habituada a representar as mulheres que se sentiam assim e não a esconder esse tipo de segredos.

Uma lágrima correu-lhe pela face. *Foi quando perdi o bebé*, cogitou. Foi nessa altura que tudo começou.

Mas não, sabia que o problema com Steve havia começado muito antes disso. Quando terminou o curso na Faculdade de Direito e ele estava a acabar o mestrado em Administração de Empresas. Começou com o que ela devia vestir. Roupas que não lhe agradavam ou que mostravam as suas cicatrizes. Jantares em que a opinião dele – sobre política, o trabalho de Jill ou qualquer outro tema – parecia mais forte e mais importante do que a dela. Quando fingia que tinha sido o ordenado dele a pagar a casa e o *BMW*.

Não és capaz, Jill. Era a cantilena que ouvia desde que o conhecera. Santo Deus, limpou os olhos com as mãos. Era a principal assistente do procurador distrital. O que mais lhe faltava provar?

O telefone tocou. O tinar súbito da campainha assustou-a. Seria Steve? Só de ouvir a voz dele sentia náuseas. Aquele horrípilante tom, tão supostamente preocupado, tão aparentemente solícito: «Então, querida, o que estás a fazer? Anda para casa. Vamos correr.»

Para seu alívio, viu na identificação da chamada que se tratava de um assistente do procurador de Sacramento para responder a uma pergunta sobre a possibilidade de deixar sair uma testemunha da prisão estatal. Deixou passar para o atendedor de chamadas.

Fechou o volumoso documento. Seria a última vez, jurou. Começaria por contar a Lindsay. Custava-lhe não ser sincera com ela. Assim como assim, Lindsay já achava Steve um cretino. Não era parva.

Quando estava a arrumar a pasta, o telefone voltou a tocar. Desta vez tinha um toque especial, atravessando-a como uma faca.

Não atendas, Jill. Já estava quase a chegar à porta, mas algo fê-la olhar para o mostrador digital onde apareceu o número tão familiar. Jill sentiu a boca a secar. Lentamente, pegou no auscultador.

– Bernhardt – murmurou, fechando os olhos.

– Estás de novo a trabalhar até tarde, querida? – A voz de Steve atravessou-a. – Se não tivesse a certeza – disse ele, num tom quase magoado –, pensaria que estavas com medo de vir para casa.

NESSA NOITE, George Bengosian teve sorte.

Baixo e quase calvo, com um nariz grande e achatado, Bengosian deu-se conta bem cedo de que não tinha talento para a urologia e que a sua verdadeira vocação consistia em fundir seguradoras regionais em falência em gigantescas companhias de seguros de saúde. Também percebeu que não era o tipo de homem que conseguiria seduzir as mulheres com previsões de lucros nem com as idiotas piadas da indústria – certamente não aquela analista *sexy* que participava na Conferência de Cuidados de Saúde organizada pelo Banco da América.

Dir-se-ia que estava a viver o sonho de outra pessoa. Mimi parecia fascinada por ele e iam a caminho do seu quarto de hotel.

– No último andar, espera até veres a vista – brincou.

Um pouco embriagado, George traçou o contorno do sutiã dela ao mesmo tempo que abria a porta da suite no Clift. Já imaginava aqueles seios empertigados a saltarem à sua frente e aqueles olhos profundos cravados nos seus. Era o que acontecia quando se tinha a foto no relatório anual.

– Dá-me só um segundo – pediu Mimi, beliscando-lhe o braço e dirigindo-se para a casa de banho.

– Não demores – pediu George, fazendo beicinho.

Numa pressa desajeitada, arrancou o invólucro de uma garrafa de champanhe *Roederer*, cortesia do hotel, e encheu dois copos. O seu pénis de cinquenta e quatro anos agitava-se nas calças como um peixe apanhado na rede. De manhã tinha de regressar de avião para estar presente numa reunião da comissão do Senado de Illinois sobre cuidados médicos. Já sabia que os comissários haviam sido convencidos a fechar os olhos enquanto ele se desfazia das contas individuais mais pobres e arriscadas. Cento e quarenta mil famílias fora do plano, e tudo em benefício do resultado final!

Mimi regressou da casa de banho ainda com melhor aspecto. George estendeu-lhe um copo.

– À tua – brindou ele. – Bem, à nossa. A esta noite.

– À Hopewell. – Mimi esboçou um sorriso e encostou o copo ao dele. – Olha, queres experimentar uma coisa? – Colocou a mão no pulso dele. – Com isto é garantido que as tuas projecções serão firmes e sólidas como uma rocha. – Tirou um pequeno frasco da mala. – Estica a língua para fora.

George obedeceu e ela deixou pingar duas gotas.

Era amargo. Um sabor tão forte que quase o fez dar um salto.

– Não sabem fazer estas coisas com sabor a morango?

– Só mais uma. – O sorriso dela era deslumbrante. – Só para ter a certeza de que estás pronto para mim. Para *nós*.

George colocou a língua de fora uma vez mais. O seu coração batia descontrolado.

Mimi deixou cair outra gota e o seu sorriso mudou. Tornou-se mais frio. Apertou-lhe as bochechas e despejou-lhe o conteúdo do frasco na boca.

A boca de George encheu-se com o líquido. Tentou cuspi-lo, mas ela inclinou-lhe a cabeça para trás e ele não teve outro remédio que não fosse engoli-lo. Esbugalhou os olhos.

– Que raios.

– É tóxico – explicou Mimi, guardando o frasco de volta na mala. – Um veneno muito especial para um tipo muito especial. A primeira gota seria suficiente para te matar em apenas algumas horas. Engoliste o bastante para arrasar toda a população de São Francisco.

O copo de champanhe de George caiu ao chão e estilhaçou-se. Tentou cuspir o líquido

ingerido. Aquela cabra devia estar louca. Só podia estar a gozar com ele. Mas não tardou a sentir uma dor violenta no abdómen.

– Isto é por todas as pessoas que passou a vida a lixar, senhor Bengosian. Ninguém que tenha alguma vez conhecido pessoalmente, eram apenas famílias que não tiveram outro remédio a não ser confiar em si. Na Hopewell. Felicia Brown? Morreu com um melanoma que tinha tratamento. Thomas Ortiz? O nome diz-lhe alguma coisa? Mas à sua equipa de gestão de riscos diria. Deu um tiro na cabeça quando percebeu que não conseguiria pagar o tratamento ao tumor cerebral do filho. Chamamos-lhe «limpar o cofre». Não é o que costuma dizer, senhor B?

De súbito, o seu estômago começou a contrair-se. Uma espuma viscosa encheu-lhe a boca. Cuspiu-a para cima da camisa, mas era como se um par de garras poderosas estivesse a rasgar-lhe as entranhas. Sabia o que estava a acontecer. Edema pulmonar. Falência instantânea dos órgãos. *Grita por ajuda*, disse para si mesmo. *Corre para a porta*. Porém, as suas pernas vacilaram e caiu.

Mimi permanecia ali, tranquila, a observá-lo com um sorriso trocista. Estendeu os braços na direcção dela. Queria esmurrá-la, apertar-lhe o pescoço, esmagá-la. Mas não conseguia mexer-se.

– Por favor...

Não se tratava de nenhuma brincadeira.

Ela ajoelhou-se junto dele.

– Como é ter os cofres limpos, senhor Bengosian? Agora seja um querido e abra a boca uma vez mais. Abra bem!

Com todas as suas forças, George tentou encher os pulmões de ar, mas não havia nada. O maxilar inferior abriu-se. A língua havia inchado até atingir proporções monstruosas. Mimi segurava um papel azul frente ao seu rosto. Bem, pelo menos parecia azul, mas os seus olhos, refractivos e vítreos, já não registavam muito bem as cores. No contorno desfocado conseguiu distinguir o logótipo da Hopewell.

Mimi amarrotou o papel e enfiou-lho na boca.

– Obrigada por ter escolhido a Hopewell, mas, tal como diz o impresso, a cobertura médica foi recusada!

O MEU TELEMÓVEL tocava.

A meio da noite. Sentei-me na cama e olhei para o despertador. *Merda, quatro da manhã.*

Ainda grogue de sono, peguei no telefone e tentei ler o número no ecrã. Era Paul Chin.

– Então, Paul, o que se passa? – balbuciei.

– Desculpe, tenente. Estou no Clift Hotel. Acho que é melhor dar aqui um pulinho.

– Encontrei alguma coisa? – Era a pergunta das quatro da manhã! Os telefonemas a essa hora significavam apenas uma coisa.

– Sim. Creio que a explosão em casa dos Lighttower acabou de se complicar.

Oito minutos mais tarde – calças de ganga, um *top* e algumas escovadelas no cabelo – encontrava-me no *Explorer*, circulando por Vermont a toda a velocidade rumo à Seventh, com as luzes de emergência a piscar na noite silenciosa.

Três carros-patrolha e a carrinha da morgue rodeavam a brilhante e nova entrada do hotel. O Clift era um dos antigos grandes hotéis da cidade e acabara de sofrer obras de restauro. Mostrei o meu crachá aos polícias da entrada, que olhavam admirados para o luxuoso sofá do átrio e para os cornos de touro que decoravam a parede. Alguns dos funcionários do hotel permaneciam ali sem saber muito bem o que fazer. Apanhei o elevador para o último andar, onde Chin me esperava.

– O nome da vítima é George Bengosian. Um peso pesado das seguradoras médicas – explicou Paul Chin, enquanto me conduzia até à *penthouse*. – Prepare-se. Não estou a brincar.

Observei o corpo, sentado e apoiado contra a perna da mesa de conferências do luxuoso quarto.

A cor da pele de Bengosian havia adquirido o tom verde-amarelado da hipoxia e a consistência de uma geleia. Os seus olhos pareciam ter sido puxados das órbitas. Tinha um fluido viscoso e alaranjado a sair-lhe do nariz e algum tinha já secado no queixo de forma grotesca.

– Que diabos andou ele a fazer? – murmurei para o técnico que estava debruçado sobre o corpo. – Terá participado em algum concurso de sugar a vida com um extraterrestre?

O técnico parecia completamente abismado.

– Não faço a mínima ideia.

– Tens a certeza de que se trata de um *homicídio*? – perguntei, virando-me para Chin.

– A recepção recebeu uma chamada às duas e quarenta e cinco da manhã – disse com um encolher de ombros. – Foi feita do exterior do hotel e diziam que era preciso ir recolher o lixo deixado na *penthouse*.

– Para mim é o que chega. – declarei.

– Isso e *isto* – disse Chin, e mostrou-me um pedaço de papel amarrutado que havia recolhido com luvas de látex. – Encontrei-o na boca da vítima.

Parecia um formulário comercial amarrutado.

Havia um logótipo branco em relevo que dizia Seguros Médicos Hopewell.

Tratava-se de uma declaração de benefícios à qual tinham acrescentado algum texto. Quando comecei a ler, senti um arrepiço.

Declarámos guerra aos agentes da cobiça e da corrupção da nossa sociedade. Já não podemos ficar de braços cruzados e tolerar que a classe no poder, cujo único direito de nascimento é a arrogância, enriqueça às custas dos oprimidos, dos fracos e dos pobres. A era do apartheid económico chegou ao fim. Iremos encontrar-vos a todos, não importa a

sumptuosidade das vossas casas ou o poder dos vossos advogados. Estamos nos vossos lares, nos vossos locais de trabalho. Anunciamos que a guerra não está longe, mas aqui mesmo. Entre nós.

Oh, merda. Olhei para Chin. Não era um homicídio. Tratava-se de uma execução. De uma declaração de guerra. E ele tinha razão, a explosão em casa dos Lightower acabara de se complicar.

O papel estava assinado, August Spies.

PRIMEIRO TELEFONEI para Claire.

Tínhamos cerca de uma hora antes que aquele crime grotesco e aparentemente aleatório aparecesse nos cabeçalhos de todos os jornais do mundo como o segundo assassinato de uma onda de terror. Precisava de saber como morreria Bengosian, e depressa.

A segunda chamada foi para Tracchio. Ainda não eram cinco da manhã. O oficial de serviço passou a chamada.

– Fala Lindsay Boxer – anunciei. – Pediu-me para o avisar assim que houvesse mais desenvolvimentos.

– Sim. – Ouvi-o grunhir enquanto remexia no telefone.

– Estou no Clift Hotel. Creio que acabámos de descobrir o motivo da explosão em casa dos Lightower.

Imaginei-o de pijama a sentar-se na cama como uma mola, derrubando os óculos para o chão.

– Um dos sócios da X/L acabou por confessar? Foi por dinheiro, não foi?

– Não – respondi, abanando a cabeça. – Trata-se de uma guerra.

Depois de falar com o chefe, observei o quarto de Bengosian. Não havia sangue, nem vestígios de luta. Um copo de champanhe meio cheio encontrava-se sobre a mesa de conferências. Havia outro partido aos pés de Bengosian. O casaco do fato no sofá. Uma garrafa de *Roederer* aberta.

– Quero uma descrição da pessoa que subiu com ele – pedi a Lorraine Stafford, uma das minhas inspectoras da Brigada de Homicídios. – Se tivermos sorte, pode ser que tenham câmaras de vigilância no átrio. E vamos tentar saber como passou Bengosian a primeira parte da noite.

« Declarámos guerra », dizia o papel, « aos agentes da cobiça e da corrupção... »

Senti um arrepio na espinha. *Vai acontecer de novo.*

Sabia que nas próximas horas tinha de descobrir o mais que pudesse sobre Bengosian e a empresa Seguros de Saúde Hopewell. Não fazia a mais pequena ideia do que poderia ele ter feito para ser assassinado daquela forma.

Peguei no papel amarrotado.

Iremos encontrar-vos a todos, não importa a sumptuosidade das vossas casas ou o poder dos vossos advogados. Estamos nos vossos lares, nos vossos locais de trabalho... Anunciamos que a guerra não está longe, mas aqui mesmo. Entre nós.

Quem diabo és tu, August Spies?

QUANDO AS PESSOAS começaram a ver as primeiras notícias da manhã, já nós tínhamos a descrição de uma « morena gíra e bem vestida » (o porteiro da noite) que « parecia estar completamente derretida por ele » (o empregado do restaurante) e que acompanhara Bengosian de volta ao seu quarto naquela noite.

Tratava-se da assassina ou da cúmplice que permitira a entrada do assassino. Era uma rapariga diferente da ama que procurávamos.

Levantei os olhos dos jornais espalhados sobre a minha secretária e vi Claire.

– Tens um segundo, Lindsay?

Claire mantinha sempre uma atitude positiva, mesmo nos casos mais sombrios, mas, a julgar pela sua expressão, não estava satisfeita com o que tinha encontrado.

– Devo-te umas horas de sono – disse-lhe.

O seu olhar preocupado contestou-me. *Não, não debes.*

– Estou há dez anos nesta profissão. – Claire deixou-se cair na cadeira em frente à minha secretária e abanou a cabeça. – E nunca vi o interior de um corpo nestas condições.

– Estou a ouvir – declarei, inclinando-me para a frente.

– Nem sei como descrevê-lo – continuou ela. – Parecia gelatina. Colapso vascular e pulmonar total. Hemorragia em todo o tracto gastrointestinal. Necrose biliar e renal massiva... *Degradação*, Lindsay – explicou, ao ver os meus olhos vítreos.

Encolhi os ombros.

– Estamos a falar de algum veneno, Claire?

– Sim, mas com um grau de toxicidade mais potente do que alguma vez vi na minha vida. Estive a dar uma vista de olhos em alguns relatórios mais antigos. Em tempos realizei uma autópsia a uma criança que apresentava um colapso vascular semelhante e um edema; relacionámos o acontecido a uma reacção adversa pouco comum a... imagina só, óleo de ricino. Por isso, pensei em sementes de ricino. Mas aqui não se trata de óleo de ricino. É *ricina*, Lindsay! Algo relativamente fácil de produzir em grandes quantidades. Uma proteína presente nas sementes de ricino.

– É venenosa, certo?

– *Altamente tóxica*. Umhas duas mil vezes mais potente do que o cianido – declarou Claire com um aceno de cabeça. – Fácil de esconder. Uma picada de alfinete é o suficiente para parar o coração. Também pode ser lançada no ar, Lindsay. Mas ocorreu-me que a ricina sozinha não deixaria ninguém naquele estado, a menos que fosse administrada...

– A menos que fosse administrada com o?

– A menos que fosse administrada em doses massivas de forma a multiplicar o ciclo destrutivo por dez... por cinquenta, Lindsay. O Bengosian estava morto antes de o copo de champanhe chegar ao chão. A ricina mata em algumas horas, num dia até. Os sintomas são fortes, por vezes semelhantes aos de uma gripe, com dores gastrointestinais e com os pulmões a encherem-se de líquido. Este tipo regressou ao quarto às onze e trinta e por volta das três da manhã estavam a dar o alerta. Três da manhã.

– Encontrámos um copo de champanhe partido no chão que mandámos para o laboratório. Podem procurar vestígios do veneno, certo?

– Não é isso que me preocupa, Lindsay. Porquê matá-lo assim, quando um décimo da dosagem teria bastado?

Percebi onde Claire queria chegar. Quem quer que os tivesse matado, havia estudado ambas

as vítimas. Eram assassinatos planejados e elaborados. E o assassino possuía armas que podiam espalhar o terror.

« Estamos nos vossos lares, nos vossos locais de trabalho...» Estavam a dizer-nos que possuíam aquele material tóxico, que podiam distribuir ricina em grandes quantidades se assim o desejassem.

– Valha-me Deus, é uma advertência, Claire. Estão a declarar guerra.

CONTACTÁMOS TODA A GENTE. A Força Operacional Médica Metropolitana. O Gabinete de Segurança Pública e até o gabinete local do FBI. Já não se tratava de um simples assassinato. Estávamos a falar de terrorismo.

O rasto da ama desaparecida tinha esfriado. Jacobi e Cappy haviam regressado de mãos abanar depois de terem distribuído a foto dela por todos os bares do *campus* em redor da baía. No entanto, houve algo que deu resultado: o artigo que Cindy escreveu no *Chronicle* sobre a X/L. Com equipas de reportagem a rondar os escritórios e a ameaça de uma intimação, recebi uma mensagem de Chuck Zinn informando-me de que pretendia negociar. Uma hora mais tarde, encontrava-se no meu gabinete.

– Poderá ter acesso ao que pediu, tenente. Na verdade, até lhe vou poupar o trabalho. O Mort recebeu uma série de *e-mails* nas últimas semanas. Aliás, como toda a gente do conselho de administração. Ninguém os levou muito a sério, mas colocámos a nossa equipa de segurança interna de sobreaviso.

Zinn abriu a sua elegante pasta de couro, colocou um arquivo cor de laranja sobre a mesa e empurrou-o na minha direcção.

– Estão aqui todos, tenente. Organizados por data de recepção.

Abri o arquivo e senti uma descarga eléctrica a percorrer-me o corpo.

Aos membros da direcção da X/L Systems:

No dia 15 de Fevereiro, Morton Lightower, o vosso presidente, vendeu 762 000 acções da sua empresa por um total de 3 175 000 dólares.

Nesse mesmo dia, cerca de 256 000 dos vossos accionistas perderam dinheiro, uma redução líquida de 87 % com respeito ao ano anterior.

Em todo o mundo, morreram 35 341 crianças com fome.

Neste país, morreram 11 174 pessoas de doenças consideradas «curáveis» mediante tratamento médico adequado.

Nessa mesma quarta-feira, no mundo, 4 233 768 mães deram à luz em condições de pobreza e de desespero.

Nos últimos 24 meses, venderam acções da vossa empresa num valor aproximado de 600 000 000 dólares e compraram casas em Aspen e em França, sem darem nada de volta ao mundo. Exigimos que façam contribuições contra a fome e a favor de organizações mundiais de saúde num montante equivalente a qualquer nova venda. Exigimos que o conselho de administração da X/L, e os de todas as empresas, vejam mais para além do estreito alcance das suas estratégias expansionistas e que contemplem o mundo que os rodeia, um mundo que está a ser esmagado pelo apartheid económico.

Isto não é pedido. É uma exigência.

Aprecie a sua riqueza, Sr. Lightower. A pequena Caitlin está a contar consigo.

A mensagem estava assinada *August Spies*.

Passei os olhos pelas restantes mensagens de correio electrónico. Cada uma mais beligerante do que a anterior. A lista das desgraças do mundo cada vez mais dolorosa.

Está a ignorar-nos, Sr. Lightower. O conselho de administração não cumpriu. Iremos actuar. A pequena Caitlin está a contar consigo.

– Como é possível que não nos tenham entregado isto? – fitei Zinn. – Tudo poderia ter sido evitado.

– Visto em retrospectiva, entendo que assim possa parecer. – O advogado baixou a cabeça. – Mas as empresas recebem *e-mails* ameaçadores a toda a hora.

– Isto não é uma simples ameaça. – Atirei os *e-mails* para cima da mesa. – É extorsão, coacção. O senhor é advogado. A referência à filha é uma ameaça evidente. Veio aqui para negociar, senhor Zinn. Então, é assim que vai ser: nada disto sai daqui. O nome que aparece nestes *e-mails* fica entre nós. A nossa própria equipa irá encarregar-se de averiguar a sua origem.

– Compreendo. – O advogado acenou acanhadamente com a cabeça e entregou-me a pasta.

Dei uma vista de olhos nos endereços de *e-mail*. Footsy123@hotmail.com. Chip@freeworld.com. Ambos assinados com o mesmo nome. *August Spies*. Virei-me para Jacobi.

– O que achas, Warren? Podemos localizá-los?

– Já os investigámos – informou Zinn.

– *Vocês* investigaram os *e-mails*. – Levantei a cabeça, indignada.

– Somos uma empresa de segurança de tráfego de correio electrónico. Estamos a falar de fornecedores gratuitos de Internet. Não é necessária uma morada para enviar factura. Não pedem nada para abrir a conta. É possível fazê-lo numa biblioteca, no aeroporto, basta que exista um terminal com acesso à Internet. Este foi enviado de um quiosque no aeroporto de Oakland. Este de uma loja perto de Berkeley. E estes dois de uma biblioteca pública. É impossível ligá-los a quem quer que seja.

Parecia-me que Zinn sabia do que falava e que teria razão, mas uma coisa era evidente. A loja, a biblioteca, o apartamento da verdadeira Wendy Raymore.

– Podemos não saber quem eles são, mas sabemos onde se encontram.

– Na República Popular de Berkeley – concluiu Jacobi. – Ora vejam só.

DEI UMA ESCAPADELA rápida para almoçar com Cindy Thomas. *Dim sum* no Long Life Noodle Company em Yerba Buena Gardens.

– Leste o *Chronicle* esta manhã? – perguntou, ao mesmo tempo que um pedaço de carne lhe escorregava dos pauzinhos. – Soltámos a bomba na X/L.

– Obrigada – agradecei. – Não vai ser necessário continuar com essa estratégia.

– Bem, agora é a tua vez de fazeres algo por mim, não?

– Cindy, tenho a sensação de que não vou ficar com este caso durante muito tempo, principalmente se começarem a aparecer pormenores na imprensa.

– Ao menos diz-me se tenho razão em achar que os dois assassinios estão relacionados.

– O que te leva a pensar que estão relacionados?

– Ora – soltou uma gargalhada –, dois empresários poderosos assassinados na mesma cidade, um num dia e o outro dois dias depois. Ambos dirigiam empresas que ultimamente apareciam nos cabeçalhos dos jornais pelas piores razões.

– Mas com *modi operandi* completamente diferentes. – Mantive-me firme.

– Ai sim? Por um lado, temos um empresário ganancioso que vende as suas acções a bom preço enquanto as vendas caem a pique; por outro, temos alguém que se esconde atrás de poderosos grupos de influência que tentam lixar os pobres. Estão ambos mortos. Assassinados violentamente. Qual era mesmo a tua pergunta, Linds? O que me leva a pensar que estão relacionados?

– *Okay*. – Suspirei. – Já sabes o nosso acordo. Nada, mas absolutamente nada é publicado sem o meu aval.

– Alguém tem esta gente sob a sua mira, não é verdade? – Não se referia aos que já estavam mortos e eu sabia-o muito bem.

Pousei o recipiente da comida.

– Cindy, tens contactos com muita gente por toda a baía, não é?

– Em Berkeley? Suponho que sim. Se queres dizer que, como alguém que teve êxito, faço umas palestras motivadoras nos cursos de jornalismo, sim, diria que sim.

– Quero dizer com gente que está abaixo do radar. Pessoas capazes de armar confusão. – Respirei fundo e fitei-a, preocupada. – Este tipo de confusão.

– Entendo – disse ela. Fez uma pausa e depois encolheu os ombros. – É certo que se passam coisas por lá. Estamos todos tão habituados a fazer parte do sistema que nos esquecemos o que é estar do outro lado. Há pessoas que estão a ficar... como dizê-lo... fartas. Há pessoas cuja mensagem não chega a ninguém.

– Que tipo de mensagem? – insisti.

– Tu nunca a escutarias. Pelo amor de Deus, és polícia. Estás a milhares de quilómetros de distância destas coisas, Lindsay. Não estou com isto a dizer que não tens consciência social. Mas o que fazes quando lês que vinte por cento das pessoas não têm seguro de saúde ou que, na Indonésia, crianças de dez anos são obrigadas a coser para a Nike por um dólar por dia? Viras a página, tal como eu. Lindsay, tens de confiar em mim, se queres que te ajude.

– Vou dar-te um nome – disse. – Mas isto não pode aparecer no jornal. Pesquisas no teu tempo livre. O que quer que descubras, vens falar primeiro comigo. Falas só comigo! Estamos combinadas?

– Estamos combinadas – garantiu Cindy. – E qual é o nome?

– LINDA – sussurrou Malcolm, enquanto observava, através de lentes cirúrgicas de aumento, a bomba que se encontrava sobre a mesa da cozinha.

Com mãos firmes, retorceu os finos cabos vermelhos e verdes que se estendiam desde o tijolo de explosivo até ao terminal do detonador e moldou a suave massa do C-4 à moldura da pasta. – É uma pena ter de fazer explodir esta obra de arte! – exclamou, admirando o seu trabalho.

Michelle entrou no quarto e colocou uma mão trémula no ombro de Malcolm. Ele sabia que ela se borrava de medo quando o via fabricar bombas, colocar os cabos, a corrente e as cargas a passar por todo o lado.

– Não tenhas medo, querida. Sem carburante não há arranque. Neste momento, é a coisa mais estável do mundo.

Julia encontrava-se sentada no chão, com os olhos colados no aparelho de televisão e já sem a peruca morena que usara na missão da noite anterior. Interromperam a programação para darem a notícia do assassinato no Hotel Clift.

– Escutem. – Aumentou o volume.

– Embora a polícia continue sem ligar a morte de Bengosian à explosão ocorrida no domingo na mansão de um destacado magnata da Bay Area, fontes indicam que existem provas que relacionam os dois acontecimentos. A polícia procura uma mulher morena e atraente, entre os vinte e os vinte e cinco anos, que foi vista a entrar no hotel na companhia de George Bengosian.

Julia baixou o volume do aparelho.

– Atraente? – Sorriu de orelha a orelha. – Nunca saberão. Que vos parece? – Colocou a peruca e fez uma pose à modelo fotográfico.

Michelle fazia rir, mas no fundo desejava não ter sido tão estúpida ao ponto de deixar o inalador para trás. Não era como Julia, que havia matado um homem na noite anterior olhando-nos olhos. E agora ria-se do que fizera, regozijava.

– Mica, querida. – Malcolm virou-se. – Preciso que sejas uma menina corajosa e coloques aqui o dedo. – Prendeu o detonador ao macio C-4 e moldou-o ao telefone móvel. – Esta é a parte mais delicada. Só tens de segurar os cabos, o verde e o vermelho, querida, para que não se cruzem.... Isso sim, seria muito grave.

Malcolm fazia sempre troça dela. Era uma cabecinha tonta, dizia sempre com uma gargalhada. Mas já provara o seu valor. Colocou o dedo nos cabos, tentando mostrar que era corajosa. Que já não era uma salaia.

– Não tens nada com que te preocupar. – Malcolm piscou o olho ao ver o desassossego dela. – Toda essa história acerca de cruzar os cabos é coisa dos filmes. Mas o que seria realmente perigoso era se eu unisse estes dois fiozinhos ao engenho que faz tocar o telefone, ao invés de os ligar à bateria. Nesse caso, haveria pedaços dos nossos corpos espalhados até Eau St. Claire. – A terra natal de Michelle.

O dedo dela tremia. Não sabia se estava a brincar com ela ou não.

– Feito. – Malcolm suspirou por fim, empurrando os óculos para cima. Rolou a cadeira para trás. – Agora sim, tem corrente e está pronta a rugir. Faria voar a cúpula da câmara municipal. Agora que penso nisso, até nem era má ideia. – Achas que devemos dar uma voltinha com ela? – perguntou Malcolm. – O que dizes? – Michelle hesitou. – Vá lá – insistiu com um sorriso malévolo. – Parece que viste um fantasma.

Passou-lhe um segundo telemóvel para a mão.

– O número já está marcado. Lembra-te de que é apenas um brinquedo até ao quarto toque.

Esse é o sinal de alerta. Não vais querer ouvir o quarto toque. Acelera, querida... Vamos a isto.

Michelle abanou a cabeça e entregou-lhe o telefone de volta. Malcolm limitou-se a sorrir.

– Vá lá, não te preocupes. Sem carburante não há arranque, já te disse. Está tudo preparado.

Michelle inspirou profundamente e carregou no botão de chamada, só para demonstrar que era capaz de fazê-lo. Um segundo depois, o telefone ligado à bomba tocou.

– Temos contacto. – Malcolm piscou o olho.

Michelle sentiu um arrepio na espinha. Malcolm estava tão confiante. Tinha tudo planeado. Mas às vezes aquelas coisas corriam mal. No Médio Oriente, os bombistas palestinos explodiam a toda a hora.

Bip. Os olhos de Michelle dirigiram-se para a pasta. Segundo toque. Tratou de aparentar calma, mas as suas mãos tremiam.

– Malcolm, por favor. – Tentou devolver o telefone. – Já viste que funciona. Não gosto destas coisas, por favor...

– Por favor, *o quê*, Mica? – Malcolm segurou-lhe o pulso. – Não confias em mim?

O telefone armadilhado tocou uma vez mais. Terceiro toque...

O sangue de Michelle gelou.

– Já chega, Malcolm.

Tentou alcançar o botão de desligar. O próximo toque faria o contacto.

– Malcolm, por favor, estás a assustar-me!

Ao invés de obedecer, Mal apertou-lhe os dedos. De repente, Michelle já não sabia o que estava a acontecer.

– Por Deus, Malcolm, isto vai...

Bip. Quarto toque.

O som atravessou a divisão como um grito. O olhar de Michelle fixou-se no telefone. Na bomba.

Ela começou a vibrar. *Oh, merda...* Observou os olhos de Malcolm.

Escutou-se um zunido.

Não houve explosão nem clarão. Apenas um clique agudo.

Na cápsula detonadora.

Malcolm exibiu um sorriso malévolo. Levantou a cápsula desligada que estava a segurar.

– Eu disse-te, querida. Sem carburante não há arranque. Então o que te parece? Eu acho que funciona muito bem.

Michelle acalmou. Mas no seu interior, gritava. A sua vontade era esmurrá-lo, mas sentia-se demasiado esgotada. O suor encharcava-lhe a *T-shirt*.

Malcolm pegou na cápsula detonadora e arrastou a cadeira de volta para junto do engenho explosivo.

– Achavas mesmo que eu ia fazer explodir esta preciosidade? – Abanou a cabeça. – Não. Nem pensar, querida. Ela tem uma missão muito importante para cumprir. Esta bomba vai deixar toda a gente em São Francisco de boca aberta.

POR VOLTA DAS SETE regressi ao gabinete. As minhas equipas estavam dispersas por toda a zona, seguindo as pistas que tínhamos. Cindy havia-me oferecido um exemplar do livro *Capitalismo Vampiro*. Segundo ela, dar-me-ia uma ideia do novo radicalismo que começava a propagar-se.

Passei os olhos pelos títulos dos capítulos: «O fracasso do capitalismo». «Apartheid económico». «Economia vampírica». «O Armagedão da ganância».

Nem sequer dei conta de que Jill se encontrava encostada à ombreira da porta. Quando bateu à porta, apanhei um susto.

– Se o John Ashcroft¹ pudesse ver-te. A cavilha de segurança da máquina de aplicação da lei na cidade... *Capitalismo Vampiro*?

– Leitura obrigatória – expliquei com um sorriso envergonhado. – Para o assassino em série com tendências explosivas.

Vestia um elegante fato vermelho e uma gabardina *Burberry* de Verão e carregava uma pilha de pastas na sacola de couro.

– Ocorreu-me que era capaz de te apetecer uma bebida.

– E apetece – disse, pousando o livro na secretária –, mas ainda estou de serviço. – Ofereci-lhe um pacote de sementes de soja.

– O que estás a fazer? – soltou uma risadinha – A liderar a nova ala de autores subversivos da polícia, é?

– Muito engraçadinha – contrapus. – Aposto que não sabias que o Bill Gates, o Paul Allen² e o Warren Buffet³ ganharam mais dinheiro o ano passado do que os trinta países mais pobres do mundo, ou seja, um quarto da população mundial.

Jill sorriu.

– É bom saber que estás a desenvolver uma consciência social, tendo em conta o que fazes para ganhar a vida.

– Há algo que me incomoda, Jill. O segundo engenho falso no exterior da casa dos Lightower. A nota no formulário da empresa enrolado na boca do Bengosian. Esta gente deixou os seus motivos bem claros, mas estão a tentar provocar-nos. Porquê fazer este jogo?

Jill balançou um sapato vermelho na beira da minha secretária.

– Não faço ideia. És tu que os apanhas, querida. Eu apenas os mando prender.

Fez-se silêncio. Um silêncio incómodo.

– Importas-te que mude de assunto?

– Como queiras. As sementes de soja são tuas – argumentou ela com um encolher de ombros e colocando uma na boca.

– Não sei se vou parecer tola, mas fiquei preocupada contigo no outro dia. No domingo quando fomos correr. Aquelas nódoas negras, Jill. Nos teus braços. Fiquei a pensar.

– A pensar em quê? – perguntou ela.

Fitei-a nos olhos.

– Sei que não as fizeste indo contra a porta do polibã. Sei como é, Jill, quando temos de admitir que somos humanos, como os restantes. Eu sei o quanto querias aquele bebé. Depois o teu pai faleceu. Sei que fazes de conta que és capaz de controlar tudo. Mas talvez às vezes não sejas assim tão capaz. Não falas sobre isso com ninguém, nem mesmo conosco. Por isso a resposta é que não sei o que são essas marcas. Diz-me tu.

Havia uma teimosia no seu olhar que de repente se tornou frágil, ao ponto de quebrar. Não

sabia se não teria ido demasiado longe, mas que se lixasse, ela era minha amiga e desejava apenas que fosse feliz.

– Talvez tenhas razão num ponto – disse Jill por fim. – Talvez aquelas marcas *não* se devam à porta do polibã.

1 Procurador-geral durante a primeira administração Bush. Político, advogado, membro da direita do Partido Republicano. Conhecido pela sua crença fundamentalista cristã. (N. da T.)

2 Co-fundador da Microsoft. (N. da T.)

3 O mais bem-sucedido investidor do mundo. Em 2010 foi considerado o terceiro homem mais rico do mundo. (N. da T.)

HÁ CRIMES brutais e imperdoáveis. Às vezes deixam-me com o estômago às voltas, mas os seus motivos são óbvios. Por vezes até os entendo. Depois há os crimes ocultos. Aqueles que não devem ver-se nunca. O tipo de crueldade que mal aflora à pele e que esmaga o interior, aquela pequena voz que, em todos nós, é humana.

São esses que me levam a perguntar porque faço o que faço para ganhar a vida.

Depois de Jill me ter contado o que se passava entre ela e Steve, depois de lhe ter secado as lágrimas e chorado com ela como uma irmã mais nova, levei-a a casa, aturdida. Uma nuvem ensombreira-lhe o rosto, pálido por uma vergonha que nunca esquecerei.

Jill, a minha Jill.

O meu primeiro instinto foi ir a casa deles nessa mesma noite e esmurrar Steve. Já há demasiado tempo que aquele cretino moralista andava a atormentá-la e a bater-lhe.

Só conseguia pensar em Jill, na sua expressão de menina pequenina, não na de assistente do procurador, a melhor da sua turma em Stanford, que aparentava viver a vida com toda a facilidade, que colocava assassinos atrás das grades com aquele olhar gélido. A minha amiga.

Passei a noite a rebolar na cama. Na manhã seguinte, tive de recorrer a toda a minha força de vontade para me concentrar no caso. As provas de laboratório, que me esperavam sobre a mesa, confirmavam as suposições de Claire. George Bengosian ingerira de facto ricina.

Nunca antes vira o Palácio da Justiça tão tenso como naquela manhã, repleto de agentes do FBI de fato escuro e funcionários das relações públicas. Quase senti que teria de fugir à segurança para telefonar a Cindy e a Claire.

– Preciso de falar com vocês – disse-lhes. – É importante. Encontram o-nos no Susie’s ao meio-dia.

Quando cheguei ao pequeno e tranquilo café na Bryant, Cindy e Claire já estavam sentadas muito juntas numa mesa de esquina. Pareciam ambas ansiosas.

– Onde está a Jill? – perguntou Cindy. – Pensámos que ela vinha contigo.

– Não a convidei – disse. Sentei-me à frente delas. – Esta conversa é *sobre* ela.

– *Okay*... – anuiu Claire, confusa.

Contei-lhes ao pormenor as minhas primeiras suspeitas sobre as marcas que vira no corpo de Jill no dia em que tínhamos ido correr. Que não gostava do aspecto que tinham e que, talvez, com consequência de ter perdido o bebé, as havia feito a ela mesma.

– Isso são águas passadas – interrompeu Cindy. – Não são?

– Perguntaste-lhe? – inquiriu Claire com uma expressão preocupada.

Assenti com o olhar fixo no dela.

– E...?

– Ela disse: «E se não as fiz a mim mesma?»

Observei como Claire me estudava, tentando interpretar o meu semblante. Cindy pestanejou: começava a entender.

– Oh, meu Deus – murmurou Claire. – Não estás a dizer que o Steve...

Acenei afirmativamente com a cabeça e engoli em seco.

Um silêncio profundo, quase doloroso, abateu-se sobre a mesa. A empregada aproximou-se. Fizemos o nosso pedido, meio atordoadas. Quando a empregada virou costas, fitei-as nos olhos.

– Aquele grande filho-da-mãe. – Cindy abanou a cabeça. – A minha vontade era cortar-lhe os tomates.

– Junta-te ao clube – declarei. – Passei a noite a pensar nela.

– Há quanto tempo? – interrogou Claire. – Há quanto tempo isso dura?

– Não sei bem. Ela insiste em dizer que foi por causa do bebé. Quando o perdeu, o Senhor Sensibilidade culpou-a. « Nem isso foste capaz de fazer, pois não? A grande heroína. Nem sequer conseguiste o que todas as mulheres conseguem. Ter um filho.»

– Temos de a ajudar – sugeriu Cindy.

Suspirei.

– Alguém tem alguma ideia?

– Tirá-la de casa – indicou Claire. – Pode ficar com qualquer uma de nós. Mas ela *quer* sair?

Não fazia ideia.

– Não sei se ela já terá chegado a esse ponto. Creio que neste momento tenta lidar com a vergonha. Como se tivesse desiludido as pessoas. Nós. Talvez até a ele. Por estranho que pareça, acho que há um lado nela que deseja provar que pode ser a esposa e a mãe que ele desejava que ela fosse.

Claire anuiu.

– Então falamos com ela, certo? Quando?

– Hoje à noite – respondi.

Olhei para Claire.

– Hoje à noite – concordou.

Trouxeram a comida e comemos sem grande apetite. Ninguém perguntara sequer sobre o caso. De súbito, Claire abanou a cabeça.

– Como se não tivesses o suficiente com que te preocupar.

– Por falar nisso... – Cindy puxou da mala. – Tenho uma coisa para ti. – Tirou um bloco de argolas e arrancou uma página.

Roger Lemouz. Dwinelle Hall. 555-0124.

– Este tipo trabalha na Universidade de Berkeley. No Departamento de Linguística. É um perito em globalização. Prepara-te: o seu ponto de vista sobre a vida... hum, digamos que não coincide exactamente com o teu.

– Obrigada. Onde conseguiste isto? – Dobrei a folha e guardei-a na mala.

– Já te disse. A milhões de quilómetros de distância.

ESFORCEI-ME POR RELEGAR a situação de Jill para segundo plano. Telefonei a Roger Lemouz e consegui encontrá-lo no seu gabinete. Falámos durante alguns minutos e ele aceitou receber-me.

Sair do Palácio da Justiça foi como receber um sopro de ar fresco. Ultimamente, raras eram as vezes em que ia àquela parte da baía. Estacionei o *Explorer* perto do estádio, numa rua perpendicular à Telegraph Avenue, e passei frente aos vendedores de marijuana e de autocolantes. O sol banhava Sproul Plaza, havia estudantes de sandálias e mochilas às costas por todo o lado, alguns sentados nos degraus a ler.

O gabinete de Lemouz ficava em Dwinelle Hall, um edifício com aspecto oficial que dava para o pátio central do *campus*.

– Está aberta – gritou uma voz com um forte sotaque mediterrânico quando bati à porta. Havia nela algo de formal, polido. Britânico, talvez?

O professor Lemouz recostou-se na cadeira atrás de uma secretária caótica no pequeno gabinete repleto de livros e de papéis. Era um homem de ombros largos, moreno, cabelo negro encaracolado que lhe caía sobre a testa e uma ligeira barba no rosto.

– Ah, inspectora Boxer – disse ele. – Sente-se, por favor. Fique à vontade. Lamento que o local não seja muito luxuoso.

A sala cheirava a bolor, a livros e a fumo. Sobre a mesa vi um cinzeiro e um maço de cigarros *Rothmans* sem filtro.

Sentei-me numa cadeira frente a ele e tirei o meu bloco. Estendi-lhe um cartão-de-visita.

– Homicídios – leu e franziu os lábios, aparentemente impressionado. – Suponho então que não está aqui para me apresentar uma dúvida sobre etimologia?

– Não, mas talvez o assunto também seja do seu interesse – declarei. – Está, creio, ao corrente dos acontecimentos que tiveram lugar do outro lado da baía?

Lemouz suspirou.

– Sim. Até um homem que anda quase sempre com o nariz metido nos livros o levanta de vez em quando. Trágico. Totalmente contraproducente. Como disse Fanon: «A violência é o seu próprio juiz e júri.» Ainda assim, não é de todo surpreendente.

A falsa simpatia de Lemouz atraíu-me tanto quanto uma ida ao dentista.

– Importa-se de me explicar o que quer dizer com isso, senhor Lemouz?

– Com certeza, senhora inspectora, assim que tiver a amabilidade de me dizer o que a trouxe aqui.

– *Tenente* – corriji-o. – Encabeço a Brigada de Homicídios. A pessoa que me indicou o seu nome considera possível que o senhor tenha um conhecimento pessoal do que ocorreu aqui. Do tema ideológico. De gente para a qual mandar pelos ares três adultos e quase matar duas crianças inocentes, assim como implodir o sistema vascular de alguém, constitui uma forma aceitável de protesto.

– Por «aqui» suponho que se refira aos pacíficos lares académicos de Berkeley – contrapôs Lemouz.

– Por «aqui» refiro-me a qualquer lugar onde alguém pretenda cometer estas atrocidades, senhor Lemouz.

– *Professor* – replicou. – Da cátedra Lance Hart de Línguas Românicas. – Vi o vislumbre de um sorriso. – Já que estamos a mostrar as credenciais.

– Disse que estes crimes não o surpreendiam.

– E porque haveriam de surpreender? – Lemouz encolheu os ombros. – Deverá um paciente ficar surpreendido por estar doente quando o seu corpo está coberto de lesões? A nossa sociedade está infectada, tenente, e as pessoas que transmitem a doença olham em redor e perguntam, « *Quem, eu?* »

« Sabia – ergueu o olhar – que os benefícios das poderosas multinacionais superam já o PIB de noventa por cento dos países da Terra? Suplantaram os governos como sistema de responsabilidade social.

« Porque será – soltou uma gargalhada cínica – que nos apressamos tanto a gritar contra a indignidade moral do *apartheid* quando ameaça a sensibilidade social, mas ficamos quietos quando se trata de reconhecer o *apartheid* económico? Será porque não o vemos através dos olhos dos subjugados, mas sim pelos olhos da cultura dominante? Da empresa? Na televisão?

– Desculpe – interrompi –, mas vim aqui falar de quatro mortes cruéis. Há pessoas a morrer.

– Pois há, tenente. Era a isso precisamente que me referia.

Havia uma parte de mim que gostaria de ter agarrado e abanado Lemouz pelas lapelas. Ao invés, tirei a fotografia da ama no cartão de estudante de Wendy Raymore e um retrato-robô da mulher que fora gravada a entrar no Hotel Clift com George Bengosian.

– Conhece alguma destas mulheres, professor?

Lemouz quase desatou a rir.

– E porque haveria de a querer ajudar? O Estado é o arquitecto desta injustiça, não essas duas mulheres. Diga-me, por favor, quem cometeu a maior injustiça? As duas mulheres suspeitas – fez deslizar a primeira página do *Chronicle* sobre a secretária – ou estes admiráveis exemplos do nosso sistema?

Fiquei a olhar para as fotos de Lightower e de Bengosian.

– Se esta gente anuncia o começo de uma guerra – continuou Lemouz com uma gargalhada – eu digo, deixá-la vir. Qual é a nova frase, tenente? – Sorriu. – Aquela que os Americanos abraçaram com todo o seu imperativo moral? *Deixa rolar*.

Peguei nas fotografias, fechei o bloco, coloquei-o de volta na mala e levantei-me. Sentia-me cansada e aviltada.

Abandonei o gabinete do professor da cátedra Lance Hart de Línguas Românicas antes que fosse obrigada a dar-lhe um tiro.

NO CAMINHO DE REGRESSO ao Palácio da Justiça sentia-me furiosa por causa das diatribes moralistas de Lemouz e frustrada por não termos conseguido ainda nada com respeito aos assassinatos. Continuava irritada quando entrei no meu gabinete, já passava das seis. Telefonei a Cindy e combinei encontrar-me com ela no Susie's. Talvez conseguíssemos alguma coisa frente a umas *quesadillas* de lagosta. Precisava das minhas amigas.

Quando pousei o auscultador, Warren Jacobi entrou no meu gabinete.

– Yank Sing – sugeriu.

– Yank Sing?

– É uma aposta mais segura do que as *quesadillas*. *Dim sum*. As mulheres abrem-se mais com comida chinesa. Não é nenhum segredo, tenente. Enquanto lá estás, eles aproveitam para contar que a galinha com sal e gengibre provocou a queda da dinastia Qin. Onde estiveste? – Sentou-se. Tinha qualquer coisa para mim. Conhecia aquele sorriso matreiro.

– A perder o meu tempo na República Popular. Tens alguma coisa para mim, para além da crítica gastronómica?

– Tivemos êxito com o alerta lançado por causa da Wendy Raymore – respondeu, com um sorriso de orelha a orelha.

Aquela notícia deixou-me entusiasmada.

– Telefonaram de um supermercado da cadeia Safeway do outro lado da baía. Um dos caixas do turno da noite pensa ter reconhecido o rosto. Mandaram-nos um vídeo. Disse que ela agora tem o cabelo ruivo e usa óculos de sol, mas que os tirou por segundos para contar o dinheiro, e ele jura que é ela.

– Em que local da baía, Warren?

– Harmon Avenue, em Oakland. – Revi o meu mapa mental e chegámos ambos à mesma conclusão. – Perto do McDonald's onde a pequena Caitlin foi encontrada.

Do ponto de vista geográfico, as peças começavam a encaixar-se.

– Espalha a fotografia por todas as lojas das redondezas.

– Já está feito. – Nos olhos de Jacobi surgiu um pequeno brilho que aparecia apenas quando estava a esconder alguma surpresa.

– Tivemos muitas denúncias – declarei, inclinando a cabeça. – O que te leva a acreditar que esta é para valer?

Piscou o olho.

– Ela estava a comprar uma bomba para a asma.

QUANDO JILL CHEGOU, Cindy, Claire e eu já quase tínhamos acabado as nossas cervejas *Corona* e um prato de asas. Pendurou o casaco a aproximou-se, inquieta, da nossa mesa. O nervosismo era visível no seu sorriso tenso.

– Então – disse ela, pousando a mala e sentando-se ao lado de Claire –, quem quer ser a primeira a esmuiçar?

– Não é nenhuma dissecação – argumentei. – Há aqui asas de frango e... toma. – Servi-lhe o que restava da minha cerveja.

Levantámos todas os copos, embora Jill o tenha feito de forma hesitante. Instalou-se um momento de silêncio, cada uma de nós esforçando-se por pensar na melhor coisa para dizer. Quantas vezes nos havíamos reunido? Ao princípio, quatro mulheres com trabalhos duros e difíceis que se juntavam para partilhar recursos e resolver um crime.

– Às amigas – brindou Claire. – Uma por todas e todas por uma. E isso significa em todas as circunstâncias, Jill.

– É melhor beber isto – disse Jill, os seus olhos enchendo-se de lágrimas –, antes que fique ranhosa.

Bebeu um terço do copo de um trago e em seguida respirou fundo.

– *Okay*, não vale a pena estar com rodeios, não é? Já todas sabem?

Assentimos.

– Telefone, telégrafo, tele-Boxer. – Jill piscou-me o olho.

– Se tu estás em sofrimento, todas nós sofreremos – afirmou Claire. – Seria a mesma coisa se os papéis de invertessem.

– Bem sei que sim. – Jill acenou com a cabeça. – Bem, então o que se segue é vocês dizerem-me que eu não encaixo no perfil típico da esposa maltratada.

– A única coisa que se segue – declarei, molhando os lábios –, é tu dizeres-nos como te sentes.

– Sim. – Respirou fundo. – Para começar, não sou uma mulher maltratada. Nós discutimos. O Steve não passa de um rufia. Nunca me deu um murro. Nem sequer uma bofetada.

Cindy ia preparar-se para objectar, mas Claire impediu-a.

– Eu sei que isso não o desculpa, nem o justifica. Queria apenas que soubessem. – Mordeu o lábio inferior. – Acho que não sei descrever o que sinto. Já levei demasiados destes casos à barra do tribunal para conhecer toda a gama de emoções. Antes de tudo, estou envergonhada. Tenho vergonha de admitir que esta sou eu.

– Há quanto tempo dura isso? – inquiriu Claire.

Jill encostou-se para trás e sorriu.

– Queres a verdade ou a desculpa que dava a mim mesma nestes últimos meses? A verdade é que começou antes mesmo de nos casarmos.

Cerrei os dentes.

– Era sempre por qualquer coisa. O que eu vestia, qualquer coisa que comprava para a casa que não encaixava no estilo dele. Gosta muito de me dizer que sou estúpida.

– Estúpida? – Claire arquejou. – És intelectualmente superior a ele.

– O Steve não é parvo – declarou Jill. – Apenas não é capaz de perceber as suas possibilidades. Ao princípio limitava-se a apertar-me, aqui, nos ombros. Fazia sempre de conta que fora sem querer. Em duas ocasiões atirou-me coisas depois de ataques de fúria. A minha mala. Uma vez lembro-me – desatou a rir –, foi um pedaço de queijo *Asiago*.

– Porquê? – Cindy abanou a cabeça, incrédula. – Porque faz ele isso?

– Porque paguei uma conta mais tarde do que deveria. Porque comprei um par de sapatos quando tínhamos pouco dinheiro. – Encolheu os ombros. – Porque podia.

– Isso passa-se desde que te conhecemos? – perguntei, espantada.

Jill engoliu.

– Acho que vos tenho mantido à margem... – A empregada trouxe umas *quesadillas* e em fundo tocava uma canção da Shania Twain. – Isto parece um suborno. – Mergulhou uma *quesadilla* no molho guacamole e soltou uma gargalhada. – Novo método de interrogatório. « Sim, eu sei onde se situa o esconderijo do Osama bin Laden, mas por favor deixem-me comer outra coisa destas...»

Rimos. Jill sabia sempre como nos fazer rir.

– Nunca é por nada importante – continuou. – É sempre por coisas triviais. Para ser franca, nos assuntos importantes creio que somos parceiros. Já passámos por muita coisa juntos. Mas as pequenas coisas... Se aceito ir jantar com pessoas que ele não gosta. Se me esqueço de dizer à empregada para levar as camisas dele para a lavandaria. Faz-me sentir como uma criança estúpida. Mediocre.

– És tudo menos medíocre – disse Claire.

Jill limpou os olhos e sorriu.

– As minhas apoiantes... Podia matar o filho-da-mãe a tiro, que vocês elogiavam a minha pontaria.

– Já discutimos essa opção – afirmou Cindy.

– Sabem, também já pensei nisso. – Jill abanou a cabeça. – Interroguei-me sobre quem defenderia o meu caso. Bem, acho que estou a ser um pouco melodramática.

Perguntei:

– O que aconselharias a uma mulher que te procurasse com o mesmo problema? Jill, a procuradora, não Jill, a esposa. O que lhe dirias?

– Que lhe enfiasse um processo pelas goelas abaixo, de modo a que ele o visse sempre que fosse lavar os dentes – respondeu, e riu.

Uma a uma, todas rimos também.

– Dizes que precisas de um pouco mais de tempo – disse para Jill. – Não estamos aqui para te obrigar a mudar de vida hoje mesmo. Mas eu conheço-te. Ficas com ele porque sentes que é tua responsabilidade fazer com que o casamento dê certo. Quero que me prometas uma coisa, Jill. Ele não tem sequer de fechar o punho. Se houver mais algum incidente, apareço em tua casa e sou eu mesma quem te faz as malas. Ficas na minha casa, na da Claire, na da Cindy... Bem, na da Cindy não, que é uma lixeira. Mas tens por onde escolher, querida. Quero que me prometas que da próxima vez que ele se lembrar nem que seja só de te *ameaçar*, tu saís de casa.

Havia um resplendor no rosto de Jill e um brilho nos seus penetrantes olhos azuis. Algo me fez pensar que nunca a tinha visto tão bonita. A franja enrolava um pouco por cima dos seus olhos.

– Prometo – disse por fim, corando por trás de um sorriso.

– Estamos a falar a sério – insistiu Cindy.

Jill ergueu a palma da mão.

– O juramento das Escuteiras de Highland Park! Juro nunca trair as minhas irmãs; caso contrário, que a minha cara se encha de borbulhas.

– Parece-me aceitável – afirmou Claire.

Jill pegou nas nossas mãos por cima da mesa.

– Gosto muito de vocês – declarou.

– E nós de ti, Jill.

– E agora que tal pedirmos a comida? – sugeriu ela. – Sinto-me como se tivesse acabado de

fazer o exame para a Ordem. Estou a morrer de fome.

TALVEZ FOSSE PORQUE não preguei olho e dei voltas toda a noite a pensar no filho-da-mãe – que era sempre o primeiro a aparecer quando algum dos seus amigos queria ir jogar golfe e o primeiro a fingir em público que era um carinhoso e amantíssimo esposo – que maltratava uma das mulheres mais inteligentes da cidade, alguém que eu adorava.

O que quer que fosse, a verdade é que Steve me ocupou os pensamentos durante grande parte da manhã seguinte, até não aguentar mais ali sentada, a atender telefonemas e a fazer de conta que estava concentrada no caso.

Agarrei na mala.

– Se o chefe andar à minha procura, digam-lhe que volto daqui a uma hora.

Dez minutos mais tarde, estacionei o carro frente ao número 160 de Beale, um daqueles arranha-céus de vidro na Baixa de Market repleto de contabilistas e advogados, onde se situava o gabinete de Steve.

Subi furiosa ao trigésimo segundo andar, quase a hiperventilar. Empurrei a porta, entrei na Northstar Partnerships e uma bonita recepcionista sorriu-me detrás da secretária.

– Steve Bernhardt – declarei, mostrando-lhe o meu crachá.

Não esperei que ela me anunciasse e dirigi-me de imediato para o gabinete de esquina que certa vez visitara na companhia de Jill. Steve, que tinha a orelha encostada ao auscultador, balançava para a frente e para trás na sua cadeira. Vestia calças cor de caqui e um pólo verde-lima da *Lacoste*. Sem sequer se dar ao trabalho de mudar de tom, piscou-me um olho e apontou-me uma cadeira. *Eu já te acabo com as piscadelas de olho, cretino.*

Esperei que terminasse o que me pareceu uma conversa de trabalho, a minha raiva a aumentar enquanto ouvia aquele discurso próprio do mundo dos negócios, cheio de ridículas frases feitas do tipo « Parece-me que queres aquecer as coisas ».

Por fim lá desligou e rodou na cadeira.

– Lindsay – cumprimentou, observando-me como se não soubesse muito bem o que estava a passar-se.

– Deixa-te de merdas, Steve, sabes o que me trouxe aqui.

– Não, não sei. – Abanou a cabeça e a sua expressão mudou ligeiramente. – Está tudo bem com a Jill?

– Sabes, estou a fazer um grande esforço para não te enfiar o telefone pelas goelas abaixo. A Jill contou-nos, Steve. *Já sabemos.*

Ele encolheu os ombros com um ar inocente, cruzando um par de sapatos *Bass Weejuns* frente à minha cara.

– Sabem o quê?

– Eu vi as nódoas negras. A Jill contou-nos o que se está a passar.

– Ah! – Recostou-se e arqueou as sobancelhas – Ela disse-me que ia sair com vocês ontem à noite. – Olhou para o relógio. – Adorava ficar aqui sentado a contar-te todos os nossos problemas pessoais, mas tenho uma reunião às doze e trinta...

Inclinei a cabeça por cima da secretária.

– Escuta-me bem. Estou aqui para te dizer que se acabaram os maus-tratos. Terminam hoje mesmo. Se voltas a pôr-lhe uma mão em cima... se ela partir uma unha e não quiser falar sobre isso... se ela aparecer no meu gabinete com o sobrolho franzido, pespego o teu nome numa denúncia por maus-tratos. Estás a entender, Steve?

A expressão dele não mudou. Enrolou a ponta do cabelo e soltou uma risada.

– Safa, Lindsay, as pessoas sempre disseram que eras dura, mas eu não fazia ideia... A Jill não tem o direito de te meter neste assunto. Sei que as mulheres com uma profissão a tempo inteiro, com cão e tudo, não lhe dão muita importância, mas trata-se de um casamento. O que quer que se passe, é assunto nosso.

– Já não. – Fitei-o – A violência doméstica é um crime público, Steve. Eu detenho pessoas do teu calibre.

– A Jill *nunca* testemunharia contra mim – disse ele. Depois franziu o sobrolho. – Vejam só as horas... Se não te importas, Lindsay, estão à minha espera para uma reunião.

Levantei-me. Não entendia como podia ele agir daquela maneira. Estávamos a falar da Jill.

– Deixa-me colocar isto de forma a que entendas – insisti. – Se voltas a pôr-lhe a mão em cima, a última coisa com que terás de te preocupar é se a Jill testemunha ou não. Sais para correr, estás na garagem à noite, depois do trabalho, e escutas um ruído estranho... É *bom* que fujas, Steve.

Dirigi-me para a porta sem tirar os olhos dele. Steve permaneceu sentado, balançando-se, algures entre o estupefacto e o indignado.

– Isto é o suficiente para «aquecer as coisas», Steve?

CINDY THOMAS encontrava-se sentada à sua secretária no *Chronicle*, sentindo-se inquieta. Deu a volta à tampa do seu sumo orgânico de damasco e bebeu um gole. Depois abriu o jornal e passou os olhos pelas notícias. Um dos seus artigos aparecia na primeira página, na coluna da direita, com grandes cabeçalhos:

SEGUNDO ASSASSINATO DE UM DIRECTOR OBRIGA POLÍCIA A REEXAMINAR O PRIMEIRO.

Ligou o computador para ver o correio electrónico. Depois clicou no ícone do *Internet Explorer* e acedeu à sua conta.

Doze e-mails novos.

Viu um de Aaron, com o qual terminara tudo há quatro meses. *Pumpkinseed Smith vai dar um recital na igreja às 20h00, dia 22 de Maio. Podes vir?* Pumpkinseed Smith era um dos melhores músicos de trompa! *Podes crer que vou*, respondeu Cindy. *Ainda que tenha de ouvir um dos teus sermões.*

Passou os olhos a correr pelos restantes *e-mails*. Uma resposta de um investigador que examinava os antecedentes de Lighttower e de Bengosian. Aquele cretino enfrentara quarenta e seis queixas de accionistas que haviam visto as suas acções perder valor. Que ladrão!

Estava prestes a apagar a última mensagem de um endereço desconhecido – SLAM@hotmail.com – quando o assunto lhe chamou a atenção: O QUE ACONTECE DEPOIS.

Cindy clicou na mensagem e preparou-se para a enviar para a tumba etérea onde acaba todo o *spam*. Deu um gole no sumo.

Não pergunte como sabemos o seu nome ou porque estamos a contactá-la. Se quiser marcar a diferença, fará o que está correcto agora.

Cindy aproximou a cadeira do monitor.

Os «trágicos» incidentes da última semana são apenas a ponta do icebergue do que está para vir.

Os ministros das Finanças de todo o mundo vão reunir-se na próxima semana para acabar com o que resta da economia mundial «livre» depois dos acordos de Breton Woods – aquilo que ainda não consumiram selvaticamente.

O coração de Cindy batia forte enquanto lia.

Estamos preparados para matar um destacado porco sanguessuga a cada três dias, a menos que recuperem o juízo e denunciem o vírus global em que se transformou o sistema de livre comércio, que inculca nas nações mais desfavorecidas a Grande Mentira de que o comércio livre as libertará; que submeteu as nossas irmãs à escravidão das multinacionais exploradoras, que roubou as poupanças do trabalhador americano numa bolsa de valores que não passa de um esquema corrupto para os privilegiados com determinados conhecimentos.

Já não somos apenas vozes isoladas.

Somos um exército, tão letal e com tanto alcance como as superpotências vampiras.

Cindy pestanejou incrédula, quase incapaz de se mexer. Seria uma daquelas coisas que às

vezes circulavam pela Internet? Uma brincadeira de mau gosto de alguém?

Imprimiu a mensagem, limpando a secretária e segurando o telefone entre o queixo e o ombro enquanto lia.

A sua escolha prende-se com o facto de os canais normais dos meios de comunicação serem tão corruptos e servis quanto as multinacionais globais a que pertencem. Faz parte dessa corrupção? Em breve saberemos.

Pedimos às pessoas importantes que vão reunir-se na próxima semana em São Francisco, ao G-8, que faça algo histórico. Quebrem as correntes. Perdoem a dívida. Defendam a liberdade e não o lucro. Revertam as máquinas da colonização. Abram as economias do mundo.

Enquanto não ouvirmos essa voz, vocês escutarão a nossa. A cada três dias, um porco morrerá.

Saberá o que fazer com isto, Sr.^a Thomas. Não perca o seu tempo a tentar localizá-lo. A menos que não queira que voltemos a contactá-la.

Cindy tinha a boca seca como palha. SLAM@hotmail.com. Seria real? Estaria alguém a brincar com ela?

Foi andando até ao final da página e durante uns segundos não conseguiu mover-se.

O e-mail estava assinado: *August Spies*.

NA MINHA SECRETÁRIA havia uma mensagem do chefe Tracchio e outra de Jill.

– E o *Chronicle* está à sua espera – gritou Brenda, a minha secretária.

– O *Chronicle*?

Levantei a cabeça e vi Cindy, sentada com os joelhos encostados sobre uma pilha de pastas do lado de fora do meu gabinete. Levantou-se quando me aproximei, mas a verdade é que não tinha tempo para a atender.

– Cindy, não posso falar contigo agora. Lamento. Há uma reunião marcada...

– Não – interrompeu e segurou-me com uma mão. – Tenho uma coisa muito importante para te mostrar, Lindsay. É prioritário.

– Está tudo bem?

Abanou a cabeça.

– Creio que não.

Fechámos a porta do meu gabinete e Cindy retirou uma folha de papel da sua sacola. Parecia uma mensagem de correio electrónico.

– Senta-te – pediu-me. Colocou a folha à minha frente e ocupou o lugar ao meu lado. – Lê.

Bastou-me olhar para ela para perceber que não ia gostar daquilo.

– Estava na minha caixa de *e-mail* esta manhã – explicou. – O meu endereço aparece listado no *website* do *Chronicle*. Não sei de quem é ou porque o mandaram. Mas estou bastante assustada.

Comecei a ler. « Não pergunte como sabemos o seu nome ou porque estamos a contactá-la...»

Quanto mais lia, mais grave ia ficando. « Estamos preparados para matar um destacado porco sanguessuga a cada três dias...» Levantei a cabeça.

– Continua a ler – insistiu Cindy.

Voltei a baixar a cabeça e li o resto do texto. Estava a tentar decidir se seria verdadeiro. Quando cheguei ao fim da página, percebi que era.

August Spies.

A pressão aumentava no meu peito. De repente, ficou claro onde pretendiam chegar. Estavam a manter a cidade refém. Aquela era uma declaração de terror e o G-8, o seu alvo. A reunião estava marcada para o dia 10, dali a nove dias. Os ministros das Finanças dos principais países industrializados do mundo estariam em São Francisco.

– Quem sabe disto? – inquiri.

– Tu e eu – respondeu Cindy. – E eles.

– Querem que publiques as exigências – declarei. – Querem usar o *Chronicle* como tribuna. – Pensei em todos os cenários possíveis. – Isto vai fazer o Tracchio ter um ataque cardíaco.

A contagem decrescente já começara. « A cada três dias.» Era quinta-feira. Sabia que tinha de entregar aquele *e-mail*. E assim que o fizesse o caso deixaria de ser meu. Mas tinha de fazer qualquer coisa primeiro.

– Podemos tentar ver a quem pertence o endereço – sugeriu Cindy. – Conheço um pirata informático...

– Isso não nos levaria a lado nenhum – garanti. – *Pensa* – pressionei-a. – O que os levaria a contactar-te? Há uma montanha de repórteres a trabalhar no *Chronicle*. Tem de haver uma boa razão.

– Talvez porque o meu nome figurava no final do artigo. Quiçá porque tenho raízes em

Berkeley. Mas isso foi há dez anos, Lindsay.

– Poderá ser alguém desse tempo? Alguém que conhecias? O idiota do Lemouz?

Olhámos uma para a outra.

– O que queres que eu faça? – perguntou-me Cindy por fim.

– Não sei...

Tinham estabelecido contacto. Conhecia os assassinos o suficiente para saber que quando desejam dialogar, quando há algo que se possa fazer para atrasar o próximo acto de horror, então há que dialogar.

– Acho que quero que respondas – declarei.

TUDO PARECIA apontar para o outro lado da baía. As origens das mensagens electrónicas. O local onde a bebé da família Lightower fora encontrada. Lemouz. O cartão de estudante que haviam roubado a Wendy Raymore. O relógio não parava. Uma nova vítima a cada três dias...

Estava farta de esperar que as coisas viessem ter comigo. Um enxame de agentes do FBI ocupava o Palácio da Justiça, examinando e analisando minuciosamente a mensagem recebida por Cindy. Havia chegado o momento de fazer chegar a informação aos responsáveis por aqueles violentos assassinios.

Jacobi e eu fomos falar com Joe Santos e com Phil Martelli, dois polícias de Berkeley que encabeçavam a Unidade de Informação de Rua. Santos fazia parte da força policial desde os anos 60 – Roubos, Homicídios –, era um daqueles veteranos que já tinha visto tudo. Martelli, mais jovem, pertencera à Brigada de Narcóticos.

– A verdade é que temos todo o tipo de grupos e gangues a operar na República Popular – explicou Santos com um encolher de ombros. Colocou uma pastilha na boca. – O BLA4, o

IRA, os árabes, os defensores da liberdade de expressão, do comércio livre. Todos os ressentidos... e ressentimentos é o que mais abunda por lá.

– Corre o rumor – acrescentou Martelli – de que há grupos de arruaceiros em Seattle que planeiam vir até aqui provocar o caos durante as reuniões do G-8, o encontro de todos aqueles génios da economia.

Tirei a pasta relativa ao caso com as fotos macabras da explosão em casa dos Lightower e as fotos de Bengosian.

– Não andamos à procura de simples manifestantes, Phil.

Martelli sorriu para Santos. Tinha entendido.

– No outro dia – disse ele –, colocámos uma equipa de agentes à paisana a vigiar um filho-da-mãe que andava a aborrecer a Pacific Gas and Electric.

A Pacific Gas and Electric era a empresa que nos apresentava a factura eléctrica. Desde o caso da Enron, não havia uma única pessoa na Califórnia que não sentisse que estava a ser roubada, e o mais provável era terem razão.

– Toda a gente desconfia desses tipos – comentou Jacobi. – Até eu.

– Este tipo tem feito bem mais do que incomodar a assistente do atendimento a clientes. Montou acampamento frente à sede da empresa, distribui cartazes e incita as pessoas que passam a não pagarem a factura. Chamou-lhe Iniciativa do Poder do Povo Livre. Ficámos com a impressão – acrescentou Santos, com uma risada – de que se tratava de um tipo muito, mas muito zangado.

Martelli continuou.

– O cretino andava sempre com um saco de lona às costas. Pensámos que estaria cheia de panfletos. Certo dia, um dos agentes à paisana obrigou-o a abrir o saco. O tipo trazia um lança-*rockets M49* com ele. Revistámos a casa e encontramos granadas, C-4, detonadores. A Iniciativa do Poder do Povo Livre planeava fazer explodir a empresa por causa das facturas.

– Bem, Joe – disse eu, mudando de assunto – estavas a falar de uns radicais que planeavam vir até cá provocar descatos durante a reunião do G-8? É um bom ponto de partida.

– Podemos fazer melhor do que isso... – Santos meteu outra pastilha na boca e encolheu os ombros. – Um dos nossos agentes à paisana disse-nos que têm uma manifestação planeada para hoje. Frente a uma das sucursais do Banco da América, em Shattuck Parece que os chefões vão estar por lá. Porque não vens também e vês com os teus próprios olhos? Bem-vinda ao nosso

pesadelo.

4 BlackLiberation Army. Organização clandestina nacionalista negra de inspiração marxista que operou nos Estados Unidos. (N. da T.)

VINTE MINUTOS MAIS TARDE, estacionámos a cerca de dois quarteirões do Banco da América no carro descaracterizado de Santos e de Morelli. Cerca de cem manifestantes amontoavam-se em redor da entrada da sucursal, a maioria exibindo cartazes pintados. Um deles dizia:

O FLUXO LIVRE DE DINHEIRO
É UM SINAL DE UM POVO LIVRE

Outro apregoava:

VAMOS CONTAGIAR A OMC COM SIDA

Um dos organizadores, de *T-shirt* e calças de ganga rasgadas, encontrava-se de pé sobre o tejadilho de um *SUV* preto a gritar para um microfone:

– O Banco da América escraviza e oprime raparigas que ainda não atingiram a puberdade. O Banco da América suga o sangue do povo.

– Mas estão a protestar porquê? – perguntou Jacobi. – Por causa das hipotecas?

– Sabe-se lá – respondeu Santos. – Por causa do trabalho infantil na Guatemala, contra a Organização Mundial de Comércio, as grandes empresas, a porcaria da camada de ozono. A maioria deles não passa de um bando de desocupados a receber subsídio e a pedir para o tabaco. São os cabecilhas que me interessam.

Sacou de uma máquina digital e começou a tirar fotografias da multidão. Um círculo composto por cerca de uns dez polícias separava os manifestantes do banco.

As coisas que Cindy me dissera começaram a ressoar na minha cabeça. Como, no conforto da nossa própria existência, podíamos ignorar os artigos de jornal sobre as pessoas que não tinham seguro médico ou sobre os pobres ou as pessoas dos países subdesenvolvidos afogadas em dívidas? E havia gente que não conseguia fechar os olhos a tudo isso. A milhões de quilómetros de distância, não era? Pois agora já não parecia tão distante.

De repente, um novo orador trepou para o tejadilho do *SUV*. Os meus olhos arregalaram-se. Era Lemouz. Ora, ora.

O professor pegou no microfone e começou a gritar:

– Quem faz parte do Banco Mundial? Um grupo de dezasseis instituições de todas as partes do mundo. Uma delas é o Banco da América. Quem emprestou o dinheiro ao Morton Lightower? Quem deu o aval para a oferta pública inicial da empresa? O nosso velho amigo Banco da América, companheiros!

De súbito o ambiente mudou.

– Esses filhos-da-mãe *deviam* ir todos pelos ares! – bradou uma mulher.

Um estudante desatou a entoar:

– Banco da América. Banco da América. Quantas raparigas escravizaste hoje?

Vi que começavam a formar-se pequenas bolsas de violência. Um miúdo atirou uma garrafa contra uma das janelas do banco. Ao princípio pensei que se tratasse de um *cocktail molotov*, mas não houve explosão.

– Estás a ver com o que temos de lidar aqui? – disse Santos. – O grande problema é que alguns até têm razão.

– Ai pois têm – concordou Jacobi.

Dois agentes invadiram as fileiras e tentaram encurrular o rapaz que atirara a garrafa, mas a multidão compactou-se, impedindo a sua entrada. Vi o miúdo correr rua abaixo. Depois

escutaram-se gritos e houve pessoas que se atiraram para o chão. Nem sequer consegui perceber onde começara aquilo.

– Oh, merda. – Santos guardou a máquina fotográfica. – Isto pode descambar!

Um dos polícias brandiu o bastão e um rapaz de cabelos compridos aterrou de joelhos no chão. Outros manifestantes começaram a atirar coisas: garrafas, pedras. Dois dos agitadores envolveram-se fisicamente com a polícia, que os atirou para o chão e os manteve seguros com os bastões.

Lemouz continuava a bradar ao microfone.

– Vejam o que o Estado faz! Agride mães e crianças.

Fartei-me de estar ali sentada no carro a observar.

– Estes tipos precisam de ajuda – declarei, abrindo a porta.

Martelli segurou-me.

– Se nos metermos ali, reconhecem-nos.

– Eles a mim já me conhecem – argumentei, sacando da arma que trazia presa à perna.

Atravessei a rua a correr, com Martelli logo atrás.

Os polícias estavam a ser atingidos com pedras e detritos.

– Porcos! Nazis!

Abri caminho por entre a multidão. Uma mulher tapava a cabeça ensanguentada com um lenço. Outra tentava fugir com um bebé que chorava. Graças a Deus ainda havia gente com algum juízo.

O professor Lemouz fixou o seu olhar em mim.

– Vejam como a polícia trata a voz inocente do protesto! Chegam de pistolas apontadas! Ah, senhora tenente – acrescentou, e sorriu do seu palanque improvisado –, vejo que continua a desejar educar-se. Diga-me, o que aprendeu hoje?

– O senhor planeou isto – exclamei. A minha vontade era prendê-lo por desacato à ordem pública. – Isto era uma manifestação pacífica. O senhor é que os incitou.

– É uma pena, não acha? As manifestações pacíficas nunca são noticiadas. Mas veja só... – Apontou para uma carrinha de uma estação de televisão que acabara de estacionar perto dali. A repórter saiu a correr e o operador de câmara começou a filmar enquanto corria.

– Estou de olho em *si*, Lemouz.

– Isso é uma honra, tenente. Não passo de um humilde professor de uma disciplina que passou de moda. A sério, devíamos tomar uma bebida juntos um dia destes. Ia gostar muito. Mas agora, se me dá licença, tenho um caso de brutalidade policial para resolver.

Fez uma vénia, abriu um sorriso arrogante que me fez arrepiar e começou a agitar os braços por cima da cabeça, incitando a multidão, cantando:

– Banco da América, Banco da América. Quantas raparigas escravizaste hoje?

CHARLES DANKO entrou no deprimente vestibulo do grande edificio municipal. À sua esquerda, num controlo de segurança, dois guardas inspeccionavam malas e pacotes com pouco entusiasmo. Os dedos de Danko apertaram-se em torno da alça da pasta de couro.

Claro que já não se chamava Danko, mas sim Jeffrey Stanzer. Antes fora Michael O'Hara e Daniel Browne. Já havia tido tantos nomes ao longo dos anos. Alterava-os e mudava-se sempre que sentia que as pessoas se aproximavam muito dele. Os nomes eram fáceis de mudar, bastando para tal uma nova carta de condução. A única coisa que permanecia constante era aquela firme convicção na sua alma, a de que estava a fazer algo muito importante. Algo que devia às pessoas que lhe estavam próximas, pessoas que haviam morrido por uma causa.

Mas o mais espantoso era que nada daquilo era verdade.

Porque Charles Danko não acreditava em nada que não fosse o ódio que lhe queimava as entranhas.

Estudou o método de trabalho dos seguranças e não notou nada de novo. Já o tinha visto muitas vezes. Subiu para a plataforma e começou a despejar os bolsos. Fizera-o tantas vezes nas últimas semanas que bem podia trabalhar de facto naquele edificio. «Pasta para ali», desenhou as palavras com os lábios sem as proferir em voz alta.

– Pasta para ali – pediu o segurança, abrindo um espaço na mesa do *scanner*. – Já chove? – perguntou a Danko enquanto a passava pelo raio X.

Danko abanou a cabeça, o coração aos pulos. Desta vez Malcolm tinha construído uma obra de arte, colocando o engenho no forro. Para além disso, aqueles idiotas não saberiam encontrar a bomba mesmo que tivessem conhecimento da sua existência.

Atravessou o detector de metais e escutou-se um apitar. Apalpou o casaco de cima a baixo e pareceu admirado quando tirou o telefone de um dos bolsos.

– O meu telemóvel – explicou, sorrindo em ar de desculpa. – Só me lembro que o tenho quando ele toca.

– O meu só toca quando é para os meus filhos – declarou o segurança com um esgar.

Era tão fácil. Aquela gente estava mesmo adormecida. Apesar de todas as advertências que as rodeavam. Outro guarda empurrou a pasta até ao extremo da plataforma. E pronto, já estava lá dentro. No palácio da dita justiça.

La fazê-lo voar pelos ares! Mataria todos os seus ocupantes. Sem hesitações nem remorsos.

Deixou-se ficar ali por momentos, a observar aquelas pessoas tão atarefadas que corriam de um lado para o outro. Recordou os anos que levava tentando passar despercebido, a existência tranquila e trivial que estava prestes a deixar para trás. As palmas das suas mãos encheram-se de suor. Dali a alguns minutos saberiam que ele podia atacar em qualquer lado. No epicentro do poder, no coração da investigação.

Iremos encontrar-vos a todos, não importa a sumptuosidade das vossas casas ou o poder dos vossos advogados....

O que levava era suficiente para fazer explodir um andar completo.

Entrou num elevador cheio de gente e carregou no botão do terceiro andar. Subiu com as pessoas que regressavam da sua hora de almoço. Polícias, investigadores do gabinete do procurador, pedes do Estado. Com as suas famílias e animais de estimação, fãns dos Giants, provavelmente acreditavam que não eram responsáveis. Mas eram. Até o homem que limpava o chão. Era todos responsáveis, e mesmo que não fossem, que importava isso?

– Com licença – pediu Danko e ao chegar ao terceiro andar e abriu caminho por entre duas ou

três pessoas.

Dois policiais de uniforme passaram por ele no corredor e nem sequer pestanejou. Ousou até sorrir-lhes. Era tão fácil. A casa do procurador, do chefe da polícia, da investigação.

Tinham-no deixado entrar! Idiotas!

Queriam mostrar que tinham toda aquela coisa do G-8 sob controlo. Já lhes ia mostrar que não faziam nem ideia.

Danko respirou fundo e parou frente à porta com o número 350. A placa dizia: brigada de HOMICÍDIOS.

Permaneceu ali um momento, para dar a impressão de que era um deles. Mas depois virou costas e caminhou em direcção ao elevador.

Um ensaio, pensou enquanto descia.

É preciso praticar para atingir a perfeição. Em breve...

Bum! Com amor, August Spies.

ERAM QUATRO da tarde quando saí de Berkeley e regresssei ao meu gabinete. A minha secretária, Brenda, apanhou-me no corredor.

– Tem duas mensagens da assistente do procurador, Jill Bernhardt, mas não se acomode muito. O chefe quer falar consigo.

Quando bati na porta do gabinete de Tracchio, a reunião do Grupo Operacional de Emergência tinha já começado. Não fiquei surpreendida ao ver Tom Roach, da divisão local do FBI. Ele e a sua equipa haviam analisado tudo desde que Cindy recebera o *e-mail* naquela manhã. Estavam também presentes Gabe Carr, o delegado do presidente da Câmara para assuntos policiais, e Steve Fiori, o oficial de ligação com a imprensa.

E havia outra pessoa, um homem que se encontrava de costas para mim e que *não* reconheci. Envergava um fato escuro, tinha o cabelo castanho, e um corpo robusto. Mais valia o tipo ter «equipa especial para a reunião do G-8» escrito na testa. Daí a nada eu ia era ficar com azia.

Saudei com um aceno de cabeça todos aqueles com os quais havia trabalhado e deitei um olhar rápido ao tipo que não conhecia.

– Quer pôr-nos a todos ao corrente dos acontecimentos, tenente? – disse o chefe.

– Claro. – O meu estômago contorceu-se. Não me havia preparado para uma apresentação e tinha a sensação de que estava a ser tramada. Ao estilo de Tracchio. – Há muitos indícios que apontam para Berkeley – expliquei e resumi os pontos-chave que nos encontrávamos a investigar. Wendy Raymore, a manifestação daquele dia, Lemouz.

– Acredita que esse tipo está envolvido? – perguntou Tracchio. – Ele é professor universitário, certo?

– Pesquisei o nome dele nas bases de dados e as únicas coisas que descobri foram umas quantas manifestações ilegais e ter resistido à voz de prisão – repliquei. – As queixas foram retiradas. É inofensivo. Ou muito, muito esperto.

– Algum rasto dos marcadores no C-4? – inquiriu Tracchio. Parecia estar a querer mostrar serviço ao tipo de fato do FBI. Mas quem diabos seria ele?

– Isso está nas mãos do Gabinete de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos – respondi.

– Enquanto essas pessoas continuam a ameaçar-nos através de *e-mail* usando postos de Internet públicos – comentou o chefe.

– O que quer que façamos? Que vigiemos todos os computadores de acesso público na Bay Area? – interoguei. – Sabe de quantos computadores estamos a falar, chefe?

– Dois mil cento e setenta e nove – revelou o agente de fato. Olhou para uma folha de papel. – Dois mil cento e setenta e nove portais de acesso público à Internet na Bay Area, dependendo de como são definidos. Universidades, bibliotecas, cafés, aeroportos. Isso inclui dois nos centros de recrutamento militar em San Jose, mas não creio que tentem aí, se isso nos ajuda a delimitá-los.

– Sim – disse eu, os nossos olhares cruzando-se por fim –, isso já delimita um pouco.

– Peço desculpa. – O homem massageou as têmporas e esboçou um sorriso cansado. – Aterrei há vinte minutos de um voo proveniente de Madrid. Esperava rever apenas alguns pormenores de segurança para a reunião do G-8 na próxima semana. Agora começo a interrogar-me se não estarei no meio da Terceira Guerra Mundial.

– Lindsay Boxer – apresentei-me.

– Eu conheço-a – retorquiu o agente do FBI. – Trabalhou no caso da explosão da igreja em La Salle Heights o ano passado. Os pesos pesados do Ministério da Justiça tomaram nota disso. Acha que conseguiremos conter essas pessoas na próxima semana?

– Conter? – Aquela palavra parecia saída de um romance do Tom Clancy.

– Vamos deixar-nos de jogos, tenente. Vai ter aqui lugar uma reunião dos chefes das finanças do mundo livre. A isso temos de acrescentar uma ameaça à segurança pública e, tal como disse o chefe Tracchio, não temos muito tempo.

Aquela falta de rodeios agradou-me. Não era habitual naqueles engravatados de Washington.

– Então continua tudo como estava? – perguntou Gabe Carr, o delegado do presidente da Câmara.

– Como estava? – O homem de Washington olhou para todos os presentes na sala. – Os edifícios têm segurança, certo? Temos homens suficientes, não temos, chefe?

– Todos os homens da força estarão à sua disposição na próxima semana. – Os olhos de Tracchio pareceram ganhar um novo brilho.

Pigarreei.

– E o *e-mail* que recebemos? O que fazemos com ele?

– O que pretende fazer com ele, tenente? – inquiriu o tipo de Washington.

Tinha a garganta seca.

– Quero responder – declarei. – Quero encetar um diálogo. Fazer um mapa dos pontos de contacto dos quais respondem. Ver se lhes escapa alguma informação. Quanto mais falarmos, mais eles poderão revelar...

Fez-se um daqueles silêncios incómodos e eu esperei não estar prestes a ser corrida do caso.

– Boa resposta. – O agente do FBI piscou-me o olho. – Deixemo-nos de melodramas, só queria ver com quem estava a trabalhar. Joe Molinari – apresentou-se com um sorriso, e entregou-me um cartão-de-visita.

Por muito que tentasse não me mostrar impressionada, o meu coração acelerou ao ler o que dizia:

DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA INTERNA. JOSEPH P. MOLINARI. DIRECTOR-ADJUNTO.

Merda, este tipo estava bem relacionado!

– Vamos então encetar um diálogo com esses filhos-da-mãe – disse o director-adjunto.

QUANDO REGRESSEI ao meu gabinete sentia ainda a cabeça a andar à roda da reunião com Molinari. A caminho, parei no gabinete de Jill.

Um empregado da limpeza encontrava-se já a aspirar o corredor, mas ela ainda tinha as luzes acesas.

Um CD de Eva Cassidy tocava baixinho. Escutei Jill a ditar qualquer coisa para um gravador.

– Olá. – Bati à porta com o sorriso mais justificativo que consegui esboçar. – Sei que me deixaste algumas mensagens. Não deve ajudar se te contar como foi o meu dia.

– Bem, sei como *começou* – disse Jill num tom frio.

Era merecido.

– Escuta, não levo a mal por estares zangada. – Entrei no gabinete e coloquei as mãos nas costas de uma cadeira alta.

– Pode dizer-se que estava um pouco zangada ao início do dia – declarou Jill.

– E agora?

– Agora... Acho que pode dizer-se que estou furiosa, Lindsay.

Na expressão dela não havia o menor traço de humor. Quando era preciso uma pessoa para apertar os tomates a alguém – ainda que a metáfora não se aplicasse – Jill era a mulher indicada.

– Estás a torturar-me – afirmei e sentei-me na cadeira. – Eu sei que exagerei.

Jill soltou uma risada irónica.

– Eu diria que aquela parte de mandares um assassino contratado atrás do meu marido foi um bocadinho de mais, até para ti, Lindsay.

– Não era um assassino contratado – corriji. – Mas sim alguém capaz de lhe partir os joelhos. Mas isso são apenas pormenores técnicos. Estás casada com um cretino filho-da-mãe. – Arrastei a cadeira para mais perto dela. – Escuta, Jill, eu sei que não agi bem. Mas não fui lá para o ameaçar. Fui por ti. Mas o tipo armou-se em parvo.

– Talvez o *tipo* não tenha gostado de ver os nossos problemas domésticos dispostos assim como uma lista de supermercado. O que te contei era confidencial, Lindsay.

– Tens razão. – Engoli em seco. – Desculpa.

Paulatinamente, as pequenas rugas na sua testa começaram a desaparecer. Fez rolar a cadeira para perto de mim e ficámos quase de joelhos encostados.

– Lindsay, já sou crescida. Deixa-me travar as minhas próprias batalhas. Neste caso és minha amiga e não uma agente da polícia.

– É o que todos me dizem.

– Então escuta-os, querida, porque preciso que sejas minha amiga. Não do Décimo Primeiro Regimento Aerotransportado. – Pegou-me nas mãos e apertou-as. – Uma amiga escuta a outra, convida-a para almoçar, talvez lhe arranje um encontro com um colega de trabalho giro... Mas invadir o gabinete do marido dela ameaçando partir-lhe os joelhos... Quem faz esse tipo de coisas são os *inimigos*, Lindsay.

Ri, e pela primeira vez avistei um esboço de um sorriso aflorar aos lábios de Jill. Apenas um esboço.

– *Okay*, então, como amiga, como estão as coisas entre ti e o filho-da-mãe desde que te magoou? – Contive um sorriso falso.

Jill riu e encolheu os ombros.

– Suponho que bem.... Falámos sobre a possibilidade de procurarmos aconselhamento matrimonial.

– O único aconselhamento de que o Steve precisa é de um advogado, durante um processo-crime.

– Não te esqueças, Lindsay, preciso que sejas minha amiga.... Mas temos assuntos mais importantes para tratar. O que se está a passar nesta cidade?

Falei-lhe da mensagem que Cindy recebera nessa manhã e da repercussão que tivera no caso.

– Alguma vez ouviste falar de um tipo envolvido na luta contra o terrorismo chamado Joe Molinari?

Jill pensou por uns segundos.

– Recordo-me de um Joe Molinari que era procurador em Nova Iorque. Um investigador de primeira. Trabalhou na explosão do World Trade Center. Também não era nada feio. Acho que foi para Washington com um cargo especial.

– Esse « cargo especial » significa Departamento de Segurança Interna e é o novo homem à frente do caso.

– Podia calhar-te pior – comentou Jill. – Já mencionei que ele era giro?

– Pára com isso. – Corei.

Jill inclinou a cabeça.

– Não costumas achar piada aos agentes federais.

– Porque a maioria deles está mais preocupada com a carreira e em ser promovido à custa das nossas fontes e pistas. Mas este Molinari parece ser um tipo com cabeça. Talvez pudesses tentar saber umas quantas coisas por mim...

– Queres dizer que tipo de advogado ele é? – Jill fez um sorriso irónico. – Ou preferes que tente saber se ele é casado? Quer-me parecer que a Lindsay tem um fraquinho pelo agente especial.

– Director-adjunto. – Enruguei o nariz.

– Ah!... o homem está bem na vida. – Jill acenou de modo aprovador. – Eu já te disse que ele era giro, não já? – Sorriu de novo e soltámos ambas umas boas gargalhadas.

Alguns minutos depois, peguei na mão de Jill.

– Lamento ter feito o que fiz, Jill. Não quero piorar a tua situação e morreria se isso acontecesse. Não posso prometer-te que irei manter-me longe da situação, pelo menos não completamente. És nossa amiga, Jill, e estamos muito preocupadas contigo. Mas tens a minha palavra... não o vou mandar matar. Pelo menos, antes de falar contigo.

– Combinado. – Jill assentiu e apertou-me a mão. – Eu sei que te preocupas comigo, Lindsay, e gosto muito de ti por isso. Mas deixa que eu encontre o meu próprio caminho. E para a próxima, deixa as algemas em casa.

– Combinado – concordei com um sorriso.

APESAR DE SER SUÍÇO, Gerd Propp havia adquirido muitos dos gostos e dos costumes americanos. Um deles consistia em pescar salmão. No seu quarto do Hotel Governor em Portland, Gerd estendeu sobre a cama de casal o seu novo casaco de pescador *Ex Officio* que acabara de adquirir, juntamente com alguns engodos e um croque.

O seu trabalho como economista da OCDE em Genebra podia ser formalista e aborrecido, mas permitia-lhe viajar para os Estados Unidos várias vezes por ano e conhecer pessoas que compartilhavam da sua paixão pelo salmão.

E amanhã iria à pesca, sob o pretexto de dar os últimos retoques ao seu discurso para a reunião do G-8 que teria lugar em São Francisco na semana seguinte.

Vestiu o seu casaco de pesca e admirou-se ao espelho. *Pareço mesmo um profissional!* Gerd ajustou o boné, encheu o peito dentro do elegante casaco e sentiu-se tão cheio de energia e viril quanto uma estrela de Hollywood.

Alguém bateu à porta. O criado de quarto, supôs, pois havia pedido na recepção que lhe engomassem o fato.

Quando abriu a porta, ficou surpreendido por não ver um jovem com o uniforme do hotel, mas um tipo com um casaco de lã preto e um boné que lhe escondia parte do rosto.

– Herr Propp? – perguntou o jovem.

– Sim? – Gerd subiu os óculos pela cana do nariz – O que deseja?

Antes que tivesse tempo de pronunciar outra palavra, um braço lançou-se contra ele. Atingiu-o na garganta, deixando-o sem ar. Depois foi atirado para o chão, aterrando na alcatifa com toda a força.

Gerd sacudiu a cabeça para acordar. Já não tinha os óculos. Sentiu o sangue escorrer-lhe pelo nariz.

– Meu Deus, o que se passa?

O jovem entrou no quarto e fechou a porta. De repente, na sua mão apareceu um objecto de metal negro. Gerd ficou imóvel. Não via bem, mas não se enganara. O intruso empunhava uma arma.

– Gerhard Propp? – inquiriu o jovem. – Economista-chefe da OCDE em Genebra? Não se atreva a negá-lo.

– Sim – murmurou Gerd. – Com que direito irrompe por aqui e...

– Com o direito de centenas de milhares de crianças que morrem todos os anos na Etiópia de doenças que podiam evitar-se facilmente, se o pagamento da sua dívida não equivalesse a seis vezes a cobertura sanitária nacional – interrompeu o homem.

– O-o quê? – gaguejou Gerd.

– Com o direito dos doentes de sida na Tanzânia – continuou o homem – que o governo permite que apodreçam porque estão demasiado ocupados com a dívida com que o senhor e os seus elegantemente vestidos filhos-da-mãe os asfixiaram.

– Eu sou apenas um economista – explicou Gerd. O que pensava aquele homem que ele fazia?

– O senhor é Gerhard Propp. Economista-chefe da OCDE, cuja missão consiste em facilitar que as nações economicamente privilegiadas do mundo expropiem os recursos dos mais fracos de modo a convertê-los no caixote do lixo dos mais ricos. – Tirou uma almofada da cama. – O senhor é o arquitecto do Acordo Multilateral para o Investimento.

– Está enganado – explicou Gerd, em pânico. – Os acordos trouxeram estes países atrasados para o mundo moderno. Criaram empregos e um mercado de exportação para nações que nunca

sequer sonharam poder competir.

– Não, é o senhor quem está equivocado! – bradou o jovem a plenos pulmões. Aproximou-se do televisor e ligou-o. – A única coisa que originou foi avareza, pilhagem e pobreza. E esta merda na televisão.

Nesse momento, a CNN passava as notícias económicas internacionais, o que parecia apropriado. Gerd esbugalhou os olhos quando viu o intruso ajoelhar-se a seu lado, ao mesmo tempo que o comentador na televisão anunciava que o real brasileiro voltava a sofrer pressões.

– O que está a fazer? – Gerd arquejou com os olhos bem abertos.

– Vou fazer o que mais de um milhar de mulheres grávidas que sofrem de sida gostariam de fazer, *Herr Doktor*.

– Por favor – implorou Gerd. – Por favor... está a cometer um erro muito grave.

O intruso sorriu. Deu uma vista de olhos pelos objectos espalhados sobre a cama.

– Ah, estou a ver que gosta de pescar. Posso usar estas coisas.

CHEGUEI AO GABINETE às sete e meia da manhã seguinte e fiquei surpreendida por ver Molinari, o director-adjunto, ao telefone, sentado na minha secretária. *Algo* acontecera.

Fez-me sinal para que me sentasse. Deduzi pelo que ouvia que falava com o seu gabinete, actualizando-se sobre um caso. Tinha uma pilha de pastas no colo e de quando em vez tomava notas, duas das quais consegui decifrar: *9mm* e *Itinerário*.

– O que se passa? – inquiri assim que ele desligou.

Com um gesto, pediu-me que me sentasse.

– Houve um assassinato em Portland. Um cidadão suíço foi morto no seu quarto de hotel. Um economista. Preparava-se para viajar para Vancouver esta manhã e participar numa excursão de pesca.

Não queria aparentar indiferença, mas a verdade era que já tínhamos entre mãos dois casos que ameaçavam a segurança nacional e os olhos dos líderes do mundo livre postos em nós.

– Lamento – disse –, mas que tem isso a ver connosco?

Molinari abriu uma das pastas, que continha fotos da cena do crime que já haviam sido enviadas por fax. Mostravam um corpo vestido com o que parecia um casaco de pesca com dois buracos de bala. Havia-lhe rasgado a camisa e no peito desnudo apareciam desenhadas as letras *AMI*.

– A vítima era um economista, tenente – respondeu Molinari. – Da OCDE. – Fitou-me com um esgar. – Parece-me claro.

Ao sentar-me o meu estômago contorceu-se. *Bastante claro*. Assassinio número três. Observei mais atentamente as fotos do crime. Disparos no peito e um tiro de misericórdia na testa. Um enorme anzol de pesca num saco de provas. As letras gravadas no peito da vítima. *AMI*.

– Estas letras significam alguma coisa para si?

– Sim – disse Molinari com um aceno de cabeça. Levantou-se. – Explico-lhe tudo no avião.

O « AVIÃO » que Molinari nos arranjou era um *Gulfstream G-3* com uma insígnia azul e branca na fuselagem e as palavras GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS. O director-adjunto ocupava definitivamente um lugar bem alto na cadeia alimentar.

Era a primeira vez que subia de bordo de um jacto particular na zona privada do aeroporto de São Francisco. As portas fecharam-se e os motores começaram a funcionar assim que ocupámos os nossos lugares. Não pude negar um pequeno frémido.

– Esta é, sem dúvida, a melhor maneira de viajar – disse para Molinari. Ele não discordou.

O voo para Portland durava pouco mais de uma hora. Molinari esteve ao telefone nos primeiros minutos. Quando desligou, eu queria falar. Espalhei as fotos do crime.

– Ia dizer-me o que isto significa. AMI?

– O AMI foi um acordo comercial secreto – explicou –, negociado há alguns anos pelos países ricos da Organização Mundial de Comércio. Outorgava às grandes multinacionais direitos que às vezes superavam os dos governos. Na opinião de algumas pessoas, isso abriu uma espécie de época de caça às economias mais pobres. Uma campanha popular em mil novecentos e noventa e oito levou ao seu abandono, mas disseram-me que a OCDE, para a qual Propp trabalhava, estava a preparar outro acordo semelhante para testar as águas. Imagina onde?

– Na reunião do G-8 na próxima semana?

– Sim... A propósito – Abriu a pasta. – Acho que isto pode vir a ser-lhe útil. – Entregou-me umas pastas que continham a informação que havia pedido a Seattle. Cada uma delas exibia o selo CONFIDENCIAL, PROPRIEDADE DO FBI.

– Não as perca de vista – pediu o director-adjunto com um piscar de olhos. – Seria bastante embaraçoso para mim se aparecessem por aí perdidas.

Observei a informação. Algumas pessoas possuíam antecedentes, desde incitação à violência, passando por resistência à prisão e por posse ilegal de armas de fogo. Outras pareciam estudantes empenhados numa causa. Robert Alan Rich possuía ficha na Interpol por incitar à violência na reunião do Fórum de Economia Mundial em Gstaad. Terri Ann Gates tinha sido presa por fogo posto. Stephen Hardaway, um miúdo com aspecto doentio e expulso de Reed College, tinha assaltado um banco em Spokane.

– Bombas activadas remotamente, ricina – pensava eu em voz alta. – A tecnologia é bastante avançada. Algum destes tipos tem contactos suficientes para realizar os ataques?

Molinari encolheu os ombros.

– Podia ter-se unido a alguma célula terrorista já estabelecida. A tecnologia está à venda. Ou talvez estejamos a lidar com um coelho branco.

– Um coelho branco? Como o álbum dos Jefferson Airplane?

– É o nome que damos aos terroristas que passam muito tempo escondidos. Como o grupo terrorista Weathermen dos anos sessenta. A maioria voltou a integrar a sociedade. Têm famílias, empregos normais. Mas alguns ainda não abandonaram a luta.

A porta da cabina abriu-se e o co-piloto informou que íamos começar a descer. Guardei as pastas na mala, impressionada com a rapidez com que Molinari havia executado o meu pedido.

– Mais alguma questão? – perguntou, apertando o cinto de segurança. – Normalmente sou abordado por um esquadrão de agentes do FBI quando aterro.

– Apenas uma. – Sorri. – Como prefere ser tratado? Director-adjunto parece tratar-se de alguém que dirige uma central hidroeléctrica na Ucrânia.

Ele riu.

– No trabalho prefiro que me chamem « senhor» , mas fora dele pode ser « Joe» – revelou com um sorriso. – Isso facilita-lhe as coisas, tenente?

– Veremos, *senhor*.

UMA ESCOLTA POLICIAL acompanhou-nos a toda a velocidade da pista particular nos arredores de Portland para o Hotel Governor, no centro da cidade. Tratava-se de um edifício antigo restaurado ao estilo do Oeste, e isso era o mais grave que alguma vez ali acontecera.

Enquanto Molinari conferenciava com o chefe do gabinete regional do FBI, a inspectora de homicídios Hannah Wood e o seu parceiro, Rob Stone, puseram-me ao corrente dos acontecimentos

Molinari deu-me tempo para investigar a cena do crime, que era definitivamente horripilante. Era óbvio que Propp havia franqueado a entrada ao seu atacante. O economista tinha sido atingido por duas balas no peito e outra atravessara-lhe a cabeça. A bala estava alojada no chão. Para além disso, Propp tinha sido golpeado várias vezes, provavelmente com uma faca de serrilha que ainda se encontrava no chão.

– A equipa que analisou a cena do crime encontrou isto. – Hannah mostrou-me um saco que continha uma bala de nove milímetros achatada. Também nos mostraram um anzol.

– Encontraram impressões digitais? – perguntei.

– Parciais, no interior da maçaneta da porta. Provavelmente de Propp. O consulado suíço já contactou a família da vítima – revelou Hannah. – Tinha marcado um jantar com um amigo e às sete da manhã viajaria para Vancouver. Para além disso, não recebeu telefonemas nem visitas.

Calcei um par de luvas, abri a pasta na cama de Propp e folhee os apontamentos do economista. Havia alguns livros espalhados, a maioria sobre assuntos académicos.

Entre na casa de banho. O estojo de toucador de Propp encontrava-se aberto sobre o balcão. Não havia lá nada que nos ajudasse. Pelos vistos não tinham mexido em nada.

– Seria mais fácil se nos dissesse o que procuramos, tenente – afirmou Stone.

Não podia fazê-lo. O nome August Spies ainda não fora revelado. Concentrei-me nas cópias das fotos do local do crime que se encontravam coladas no espelho. Era uma cena horrível, havia sangue por todo o lado. E depois o aviso: AMI.

Os assassinos estavam a fazer o trabalhinho de casa, pensei. Queria uma tribuna. E já a tinham. Então, onde diabos estava o discurso?

– Escute, tenente – disse Hannah um pouco incomodada –, não é muito difícil de adivinhar o que fazem aqui a senhora e o director-adjunto. Os incidentes horríveis que aconteceram em São Francisco estão relacionados com este crime, não é verdade?

Antes que conseguisse responder, Molinari entrou com o agente especial Thompson.

– Já viu o suficiente? – perguntou-me.

– Se não tem objecções, senhor – o agente do FBI sacou do telemóvel –, vou alertar a unidade antiterrorista em Quantico que o assassino está em movimento.

– Está de acordo, tenente?

Molinari olhou para mim.

Abanei a cabeça.

– Não. Creio que não.

O agente do FBI fitou-me surpreendido.

– Repita lá isso, tenente!

– Acho que é melhor esperar. – Pesei cada palavra. – Não creio que este assassinato esteja relacionado com os outros. Tenho quase a certeza disso.

PARECIA QUE O QUARTO do andar superior tinha caído nas nossas cabeças, a julgar pela expressão do agente do FBI. A favor de Molinari, devo dizer que não reagiu de nenhum modo especial. Parecia disposto a escutar o que eu tinha para dizer.

– Sabe o que o Gerhard Propp fazia para ganhar a vida? E porque estava no nosso país? – perguntou o agente especial Thompson.

– Claro – respondi.

– E onde deveria fazer uma apresentação na semana que vem?

– Fui informada – disse. – Tal como o senhor.

Thompson dirigiu um sorriso presunçoso a Molinari.

– Então, trata-se de *outro* maníaco homicida que, por mera coincidência, tem como alvo a reunião do G-8?

– Sim – retorqui. – É exactamente isso que eu penso.

Thompson riu e abriu o telemóvel. Começou a carregar no botão de chamada rápida.

Molinari segurou-lhe o braço.

– Gostaria de escutar o que a tenente tem para dizer.

– Okay... Em primeiro lugar, esta cena do crime é completamente diferente das outras. Depois, o assassino deve ser homem; a julgar pela força que utilizou para atirar Propp para o chão. Contudo, não é a isso que me refiro, mas sim à condição física do corpo.

– Os dois primeiros assassinatos foram executados com frieza. – Apontei para a fotografia da cena do crime colada no espelho. – Isto é passional. Pessoal. Repare nos cortes. O assassino desfigurou o rosto de Propp. Utilizou um revólver e uma faca.

– Está a dizer que há uma diferença entre rebentar com alguém, despejar-lhe veneno pela garganta e isto? – quis saber Thompson.

– Alguma vez disparou a sua arma em serviço, agente especial?

Ele encolheu os ombros, mas corou.

– Não... E então?

Descolei a foto que mostrava o cadáver de Propp.

– Era capaz de fazer isto?

O homem do FBI pareceu hesitar.

– Assassinos diferentes, temperamentos diferentes – interrompeu Molinari. – Este pode ser um sádico maníaco.

– De acordo, depois há a questão do momento. A mensagem de ontem indicava que haveria outra vítima a cada três dias. Isso seria no domingo. É demasiado cedo.

– O mais provável era o tipo estar disponível – comentou o homem do FBI. – Não pode estar a querer dizer que acredita na palavra de um terrorista.

– É *precisamente* isso que quero dizer – confirmei. – Já lidei com suficientes assassinos que seguem um padrão para os compreender. Estabelecem um vínculo connosco. Se não acreditamos na sua palavra, porque haveríamos de acreditar nas suas mensagens? Como poderíamos confirmar que se trata do mesmo grupo por trás dos seus actos? Têm de possuir total credibilidade.

Thompson olhou para Molinari em busca de ajuda. O olhar de Molinari estava fixo em mim.

– Ainda tem a palavra, tenente.

– O mais importante – continuei – é não haver assinatura. Os dois crimes de São Francisco tinham a assinatura de alguém que deseja que saibamos quem é. Quase temos de admirar o seu

engenho. Uma mochila a fazer de engenho secundário deixada no exterior da casa. O formulário da empresa de Bengosian amarrado na sua boca.

Encolhi os ombros.

– Pode chamar todos os médicos ou peritos em técnicas forenses do FBI ou o Conselho Nacional de Segurança que para mim é igual... mas foi a *mim* que você trouxe. E garanto-lhe que *não se trata da mesma pessoa*.

– ESTOU PRONTO para fazer a chamada.

O homem do FBI acenou com a cabeça para Molinari, ignorando por completo tudo o que eu acabara de dizer. Aquela atitude humilhou-me e enfureceu-me.

– Só quero que fique claro, tenente – disse Molinari, centrando a sua atenção em mim. – Acredita que se trata de outro assassino, de um imitador.

– Pode ser um imitador ou pode também ser alguma espécie de grupo dissidente. Creia-me, quem me dera que estivessemos perante o terceiro assassinio, porque agora temos em mãos um problema ainda maior.

– Não estou a entender. – O director-adjunto pestanejou.

– Se não se trata do mesmo assassino – expliquei –, então o terror começou a espalhar-se. E acho que foi isso que aconteceu.

Molinari assentiu lentamente.

– Vou aconselhar a Agência, agente Thompson, a tratar estes casos como acções independentes. Pelos menos por enquanto.

O agente Thompson suspirou.

– Entretanto, temos um assassinato para desvendar. O homem morreu aqui – declarou o director-adjunto. Olhou em redor do quarto e a sua atenção fixou-se em Thompson. – Alguma objecção?

– Não, senhor – replicou Thompson, guardando o telemóvel de volta no bolso do casaco.

Fiquei boquiaberta. Molinari acabava de me apoiar. Até Hannah Wood o fitou com uma expressão adúladora.

Passámos o resto do dia no gabinete regional do FBI em Portland. Falámos com a pessoa com a qual Propp se deveria encontrar em Vancouver e com o seu amigo economista da universidade de Portland State. Molinari incluiu-me em duas chamadas de dois investigadores principais do gabinete central em Washington, D.C., apoiando sempre a minha teoria de que se tratava de um imitador e de que a ameaça de terror poderia estar a espalhar-se.

Por volta das cinco horas, ocorreu-me que não poderia permanecer ali durante muito mais tempo. Alguns casos bastante importantes requeriam a minha presença em São Francisco. Brenda informou-me de que havia um voo de volta das linhas aéreas Southwest às seis e meia da tarde.

Bati à porta do cubículo cinzento e alcatifado que Molinari estava a utilizar como gabinete.

– Se não precisa mais de mim aqui, estava a pensar em regressar. Gostei muito de ser «Agente do FBI por Um Dia».

Molinari sorriu.

– Escute, esperava que pudesse ficar mais um par de horas e jantasse comigo.

Ali, encostada à ombreira da porta, esforcei-me por fazer de conta que as suas palavras me eram indiferentes, mas, apesar da minha regra sobre agentes federais, sentia curiosidade. Quem não sentiria?

Não obstante, ocorriam-me umas quantas razões pelas quais não deveria sentir tal coisa. A começar pelos casos que tinha em mãos e pelo facto de Molinari ser a segunda pessoa mais importante das forças de segurança do país. A menos que estivesse a interpretar mal o pequeno estremecimento que me percorria a espinha, derrubar a velha muralha da China em plena investigação de homicídio não encaixa propriamente no protocolo.

– Há um voo às onze da noite para São Francisco – argumentou Molinari. – Prometo que estará

no aeroporto a tempo de o apanhar. Vá lá, Lindsay.

Quando hesitei pela segunda vez, ele levantou-se.

– Bem, se não confia na Segurança Interna... em quem poderá confiar?

– Com duas condições – disse.

– *Okay* – concordou o director-adjunto. – Se eu puder.

– Marisco – pedi.

Molinari exibiu o esboço de um sorriso.

– Acho que conheço o lugar ideal....

– E nada de agentes do FBI.

Molinari inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

– Isso é uma coisa que posso garantir.

O «LUGAR IDEAL» revelou-se um café chamado Catch, na Vine Street, semelhante à Union Street na minha cidade, ladeada de restaurantes da moda e butikues elegantes. O *maitre* conduziu-nos a uma mesa tranquila, a um canto.

Molinari solicitou-lhe que se encarregasse do vinho, pedindo um *pinot noir* do Oregon. Definiu-se como «um viciado em comida que ainda não tinha saído do armário» e confessou que do que mais sentia falta numa vida normal era de ficar em casa e atarefar-se na cozinha.

– Acha que devo acreditar nessa? – perguntei com um esgar.

Ele riu.

– Achei que valia a pena tentar.

Quando trouxeram o vinho, ergui o copo.

– Obrigada por me ter apoiado hoje.

– Não tem nada que agradecer – argumentou Molinari. – Achei que tinha razão.

Pedimos a comida e falámos de tudo menos de trabalho. Ele gostava de desporto, o que não me desagradou, mas também de música, de história e de filmes antigos. Dei por mim a rir e a escutá-lo. O tempo passava de forma agradável e, por momentos, todo o horror pareceu ficar a quilómetros de distância.

Por fim, mencionou uma ex-mulher e uma filha em Nova Iorque.

– Sempre acreditei que todo o director-adjunto devia ter uma esposa em casa – afirmei.

– Estivemos casados durante quinze anos e já levamos quatro de divórcio. A Isabel ficou em Nova Iorque quando comecei a trabalhar em Washington. Ao início era apenas uma missão. Em todo o caso – sorriu melancolicamente –, como em muitas outras coisas, teria feito tudo de outra maneira, se pudesse. E a Lindsay?

– Fui casada uma vez – revelei. Depois dei por mim a contar-lhe a «minha história». Como casara logo depois de terminar os estudos, como me divorciara três anos mais tarde. Teria sido culpa dele? Culpa minha? Que diferença fazia? – Tive um outro relacionamento íntimo há um par de anos... mas as coisas não resultaram.

– São coisas que acontecem – declarou ele. – Às vezes é melhor assim.

– Não. Ele morreu em serviço.

– Oh – lamentou Molinari.

Sabia que ele devia estar a sentir-se um pouco embaraçado, mas mesmo assim fez uma coisa muito agradável e reveladora de sensibilidade: colocou a mão no meu antebraço, nada de insinuante, nada de inapropriado, e apertou-o com suavidade. Depois retirou a mão.

– A verdade é que nestes últimos tempos não tenho saído muito – declarei e levantei os olhos. Depois tratei de aligeirar o ambiente e disse com uma pequena gargalhada: – Este é o melhor convite que recebi ultimamente.

– Eu posso dizer o mesmo. – Molinari sorriu.

De repente, o seu telefone móvel tocou. Levou a mão ao bolso do casaco.

– Desculpe...

Quem quer que fosse, fez grande parte da despesa da conversa.

– Claro, claro, senhor... – repetia Molinari. *Até o director-adjunto tem um chefe*, pensei. Depois disse: – Compreendo. Entrarei em contacto assim que souber alguma coisa. Sim, senhor. Muito obrigado.

Guardou o telemóvel no bolso.

– Washington... – desculpou-se.

– Washington, como quem diz o director da segurança interna?

Alegrou-me ver Molinari como parte de uma hierarquia.

– Não. – Abanou a cabeça e levou uma garfada de peixe à boca. – Washington, como quem diz Casa Branca. Era o vice-presidente dos Estados Unidos. Vai participar na reunião do G-8.

É POSSÍVEL DEIXAREM-ME boquiaberta de admiração.

– Se não fosse uma tenente da Brigada de Homicídios – comentei –, até era capaz de acreditar nisso. O vice-presidente acabou de lhe telefonar?

– Poderia carregar nas teclas asterisco-seis-nove e comprová-lo – afirmou Molinari. – Mas é importante que comecemos a confiar mais um no outro.

– É isso que estamos a fazer esta noite? – questionei, sorrindo apesar de não me apetecer.

Algo começava a acontecer, pois escutei umas pequenas campainhas a soar ao ritmo da canção *Shine of Your Love*. Notei que se formava uma ligeira película de suor junto à linha do cabelo. A camisola começava a picar-me. Molinari recordava-me Chris.

– Espero que estejamos a começar a confiar um no outro – disse ele, por fim. – Deixemos as coisas assim por enquanto, Lindsay.

– Sim, senhor.

Paguei a conta e ajudou-me a vestir o casaco. O meu braço roçou no dele e, bem, senti uma descarga eléctrica. Olhei para o relógio. Eram nove e meia da noite. Tinha quarenta minutos para chegar ao aeroporto e apanhar o avião.

Já fora do restaurante, caminhamos ao longo de Vine Street. Eu não estava a prestar atenção às montras. A noite estava fresca mas muito agradável. Que fazia eu ali? O que fazíamos os dois ali?

– Lindsay – Molinari deteve-se à minha frente. – Não quero dizer nada que não seja apropriado... – Quanto a mim, não estava certa de querer escutar o que se seguia. – O meu condutor está ali ao fundo da rua, se quiser... Mas há sempre o voo das seis da manhã.

– Olhe... – Queria tocar-lhe no braço, mas contive-me, nem sei porquê.

– Joe – sugeriu.

– Joe. – Sorri. – Era a isto que se referia quando falou em estar « fora do serviço » ?

Ele pegou-me na mala e disse:

– Estava a pensar que era uma pena não darmos uso à muda de roupa.

É certo que confio nele, pensei. Tudo em Joe Molinari inspirava confiança. E não havia a menor dúvida de que gostava dele. Mas mesmo assim não estava certa de se tratar de uma boa ideia, e isso dizia-me tudo o que precisava de saber naquele momento.

– Acho que vou deixá-lo a pensar que sou mais difícil do que sou na realidade – mordei o lábio inferior – e apanhar o voo das onze.

– Entendo... – Acenou afirmativamente com a cabeça. – Não lhe parece bem.

– Não é que não me pareça bem. – Toquei-lhe na mão. – É só que não votei nesta administração... – Molinari soltou uma gargalhada sonora. – Mas, para que conste, não disse nada que não devia.

Isso também o fez sorrir.

– Está a fazer-se tarde – disse ele. – Tenho uns assuntos a tratar. Ver-nos-emos em breve.

Fez sinal ao automóvel parado ao fundo da rua. O *Lincoln* negro aproximou-se. O condutor saiu e abriu-me a porta. Ainda pouco segura de estar a fazer a coisa certa, entrei.

De repente ocorreu-me algo e desci o vidro.

– Ouça, nem sequer sei qual é o meu voo.

– Está tudo tratado – disse Molinari. Despediu-se com um aceno da mão e o carro pôs-se em movimento.

Assim que entrámos na estrada nacional, fechei os olhos e comecei a rever aquele dia,

especialmente o jantar com Molinari. Passado algum tempo, o condutor disse:

– Chegámos, minha senhora.

Olhei pela janela e reparei que nos encontrávamos na zona privada do aeroporto. Sim, não havia dúvida, era possível deixarem-me espantada. À minha espera na pista estava o *Gulfstream G-3* no qual voara naquela manhã.

JILL TINHA TUDO planeado. E na sua cabeça, tudo corria bem.

Chegara a casa mais cedo e preparara um dos pratos preferidos de Steve: *coq au vin*. Na realidade, para além de meia dúzia de pratos confeccionados com ovos, era o único que sabia cozinhar – ou, pelo menos, que confeccionava com alguma confiança.

Talvez naquela noite pudessem falar de como prosseguir. Tinha o nome de um conselheiro matrimonial que uma amiga lhe dera e Steve prometera que desta vez iria mesmo.

Estava a cozer vegetais e preparava-se para acrescentar o vinho quando Steve entrou em casa. Todavia, depois de subir as escadas, pareceu olhar através dela.

– Olha só para nós – comentou ele. – Quem nos visse haveria de pensar que somos um anúncio da felicidade conjugal.

– Tento que assim seja – declarou Jill. Vestia calças de ganga e uma *T-shirt* cor-de-rosa com gola em V, e tinha deixado o cabelo solto, como ele gostava.

– Só há um problema. – Steve deixou cair o jornal. – Tenho de sair.

Jill sentiu um aperto no estômago.

– Porquê? Olha para mim, Steve. Isto deu-me bastante trabalho.

– O Frank precisa de rever uma proposta comigo.

Steve alcançou a cesta da fruta e tirou um pêssego. Havia uma parte dele que parecia radiante, satisfeita por ter arruinado a noite.

– Não podem fazer isso amanhã no escritório? Eu disse-te que precisava de falar contigo e tu concordaste. Tenho esta comida toda.

Ele deu uma dentada no pêssego e soltou uma gargalhada.

– Sais uma noite antes das oito e ocorre-te fazer o papel de Alice em *The Brady Bunch*⁵, e agora sou *eu* quem está a estragar o guião?

– Não é um guião, Steve.

– Se queres falar – deu outra dentada no pêssego –, fala. Mas caso tenhas esquecido, é o meu ordenado que paga esses sapatos *Manolo Blahnik*. Como estão as coisas actualmente, a única coisa mais escassa do que a Rainha do Gelo com vontade de fazer sexo é um acordo prometedor. Dadas as probabilidades, é melhor optar pelo acordo.

– Isso é muito cruel. – Jill lançou-lhe um olhar indignado. Estava determinada em manter a calma. – Estava a tentar fazer uma coisa agradável.

– É agradável. – Steve encolheu os ombros e deu outra dentada no fruto. – E se te despachares, pode ser que uma das tuas amigas possa partilhar este momento especial contigo.

Viu-se reflectida na janela e sentiu-se ridícula.

– És um cretino do pior.

– Oh... – Steve lamuriou-se.

Jill atirou com a espátula, espalhando gordura por todo o balcão.

– Cuidado, essa pedra calcária que estás a redecorar custou cinco mil dólares – recordou Steve.

– Raios te partam – gritou Jill, os seus olhos enchendo-se de lágrimas. – Olha o que tento fazer por ti.

Tudo se desmoronara. Ao que estava ela a final de contas a tentar agarrar-se?

– Rebaixas-me. Criticas-me. Fazes-me sentir como lixo. Se te queres ir embora, vai... Sai da minha vida. Assim como assim, já toda a gente pensa que eu sou doida por continuar contigo.

– *Toda a gente...* – Viu o veneno nos olhos dele, o interruptor a accionar-se. Agarrou-a pelo braço e apertou-o com força, obrigando-a a ajoelhar-se. – Deixas aquelas cabras governarem a tua vida. Sou eu que governo a tua vida. *Eu, Jill...*

Jill segurou as lágrimas.

– Chega, Steve. Isto chegou ao fim!

– Só termina quando eu disser – declarou, aproximando o rosto do dela. – Quando te fizer a vida tão impossível que implores para que me vá embora. E irei, Jill. Até lá, é assim que as coisas vão ser. Não acabou, minha querida.... As coisas estão apenas a aquecer.

– Sai – gritou e soltou o braço.

Ele levantou o punho, mas Jill nem sequer estremeceu. Desta vez não o faria. Nem se dignou a pestanejar. Steve moveu-se rapidamente, como se fosse atacá-la, porém Jill manteve-se firme.

– Sai daqui, Steve – gritou de novo.

O sangue pareceu desaparecer do rosto de Steve.

– Será um prazer – afirmou, recuando.

Tirou outro pêssego da fruteira e limpou-o à camisa. Olhou com um sorriso desdenhoso para o fogão sujo.

– Não te esqueças de guardar os restos.

Assim que escutou a porta fechar-se, Jill irrompeu em lágrimas. Já chegava! Não sabia se deveria ligar a Claire ou a Lindsay. Mas havia algo que tinha de fazer primeiro. Tirou as *Páginas Amarelas* de um armário da cozinha e folheou-as como uma louca, marcando o primeiro número que encontrou.

As suas mãos tremiam, contudo desta vez não ia voltar atrás. *Que alguém atenda... por favor!*

– Graças a Deus – suspirou quando uma voz respondeu por fim.

– Fechaduras Safe-More...

– Fazem trabalhos de emergência? – perguntou Jill, a determinação misturada com as lágrimas. – Preciso que mandem aqui alguém o mais rápido possível.

5 Comédia televisiva americana baseada nas peripécias de uma família numerosa. (N. da T.)

A LUZ DO MEU atendedor de chamadas piscava.

Já passava da uma da manhã quando regresssei por fim ao meu apartamento.

Atirei o casaco para cima de uma cadeira e despi a camisola antes de carregar no play.

5h28. Jamie, a veterinária de *Martha*. « Podes vir buscá-la amanhã de manhã. »

7:05. Jacobi, « Só para saber como estavas » .

7:16. Jill. Um tremor nervoso na sua voz. « Preciso de falar contigo, Lindsay. Já tentei ligar para o teu telemóvel, mas não atendeste. Liga-me quando chegares a casa. »

11:15. Jill de novo. « Lindsay? Liga-me assim que chegares a casa. Estou acordada. »

Algo acontecera. Marquei o número de Jill e ela atendeu ao segundo toque.

– Sou eu. Estava em Portland. Está tudo bem?

– Não sei – respondeu. Uma pausa. – Corri com o Steve de casa esta noite.

Quase deixei cair o telefone ao escutar aquilo.

– A sério?

– Desta vez é a sério. Acabou, Lindsay.

– Oh, Jill... – Pensei no tempo que tivera de aguentar, à espera que eu regressasse. – O que fez ele?

– Prefiro não falar disso agora, mas garanto que não volta a acontecer. Corri com ele, Lindsay, e mudei as fechaduras.

– Deixaste-o na rua? Uau! E onde está ele agora?

Jill soltou uma risada rouca.

– Não faço ideia. Ele saiu por volta das sete e quando regressou, cerca das onze e meia, escutei-o bater na porta. Os últimos dez anos de abusos teriam valido a pena só para ver a cara dele quando meteu a chave à porta e viu que não entrava. Vai passar por aqui amanhã para levar as coisas dele.

– Estás sozinha? Telefonaste a alguém?

– Não – respondeu. – Estava à tua espera. A minha amiga.

– Vou para aí.

– Não – argumentou ela. – Tomei um comprimido. Preciso de dormir. Tenho um julgamento amanhã.

– Estou muito orgulhosa de ti, Jilly.

– Eu também estou orgulhosa de mim. Vou precisar que me segures a mão algumas vezes nas próximas semanas. Importaste?

– Não há outra mão que preferisse segurar. Mando-te um abraço muito apertado, querida. Vai descansar. E agora um conselho da polícia: mantém essa porta fechada.

Desliguei o telefone. Já eram quase duas da manhã, mas não me importei. Queria ligar a Claire e a Cindy e contar-lhes a novidade.

A Jill deu finalmente um pontapé no rabo daquele cretino!

– TENENTE! – gritou Cappy Thomas quando entrei na manhã seguinte. – Leeza Gibbons ao telefone. Do programa *Animação Nocturna*. Quer saber se podem almoçar juntas.

Cometera o erro de telefonar a Jacobi do avião a noite passada e quiçá revelara demasiados pormenores daquele dia. Escutei algumas risadinhas.

Levei uma caneca de água quente para a minha secretária. Piscava uma luz no meu telefone. Carreguei no botão.

– Escute, tenente – Era a voz de Jacobi –, eu e a minha mulher estávamos a planear ir a Nova Iorque em Julho. Acha que nos podia emprestar o *G-3*?

Desliguei, colocando uma saqueta de chá na caneca.

– Eh, tenente, *telefone!* – voltou Cappy a gritar.

Desta vez atendi e resmunguei:

– Ouve, não dormi com ele, não pedi para andar de jacto e enquanto vocês, palhaços, ficaram aqui a coçar os tomates eu avancei na resolução do homicídio.

– Suponho que terei de contentar-me com isso para estar ao corrente dos acontecimentos. – Cindy riu.

– Oh, meu Deus... – Baixei a cabeça, deixando que o sangue desaparecesse do meu rosto.

– Acredites ou não, não liguei para tirar nabos da púcara. Tenho novidades.

– Eu também tenho novidades – declarei, pensando em Jill. – Tu primeiro. Dado o tom urgente na voz de Cindy, presumi que não se tratasse de Jill.

– Deves estar a receber um fax.

Nesse momento, Brenda bateu no vidro e entregou-me o fax de Cindy.

Outro *e-mail*.

– Isto estava na minha caixa de correio electrónico quando cheguei ao jornal de manhã – disse Cindy.

Fui acordada de volta para a realidade. Desta vez o endereço do remetente era *MarionDelgado@hotmail.com*.

A mensagem tinha apenas uma linha: *Não fomos nós que fizemos aquilo em Portland.*

Estava assinado *August Spies*.

– TENHO DE LEVAR ISTO lá acima – exclamei, saindo disparada da cadeira e quase arrancando o telefone da parede. A meio caminho do gabinete de Tracchio lembrei-me que não contara a Cindy sobre Jill. As coisas estavam a precipitar-se.

– Está numa reunião à porta fechada – advertiu-me a sua secretária. – É melhor esperar.

– Isto não pode esperar – argumentei, e abri a porta. Tracchio estava habituado a que eu entrasse sem pedir licença.

Estava virado de frente para mim, sentado na mesa de conferências e flanqueado por dois outros homens de costas para a porta. Um era Tom Roach, a nossa ligação com o FBI.

Quase caí de boca quando reparei que o outro era Molinari.

Tive a sensação de que chocava contra uma parede, balançando e vibrando como os desenhos animados.

– Em breve, tenente – disse Molinari, levantando-se.

– Sim, foi tal como disse. Pensei que tinha assuntos urgentes para resolver em Portland.

– Tinha e já estão tratados. E aqui temos um assassino para apanhar, não é assim?

– Famos já chamar-te, Lindsay – afirmou Tracchio – O director-adjunto estava a explicar-me que lidaste muito bem com a situação em Portland.

– E a que situação se referia?

Olhei para Molinari.

– Ao homicídio do Propp, claro. – Apontou-me uma cadeira. – Disse que a sua teoria sobre os crimes ajudou bastante.

– Muito bem. – Entreguei a Tracchio o *e-mail* de Cindy. – Então vai adorar isto.

Tracchio deu uma vista de olhos pela página e entregou-a a Molinari.

– Foi enviado para a mesma repórter do *Chronicle*? – perguntou o chefe.

– Parece que criaram uma verdadeira sala de *chat* entre eles – replicou Molinari ao ler o *e-mail*. – Podemos usá-la em nosso favor. – Enrugou os lábios. – Estava a pedir ao chefe que a deixasse trabalhar directamente connosco. Precisamos de ajuda no terreno. Necessito de um lugar para trabalhar. Quero estar no meio de tudo, tenente. Na sua esquadra, se possível. Trabalho melhor assim.

Os nossos olhares cruzaram-se. Sabia que não se tratava de um jogo. Era um assunto de segurança nacional.

– Vamos arranjar-lhe um gabinete, senhor. No meio de tudo.

MOLINARI ESTAVA À MINHA ESPERA no corredor, e assim que Roach desapareceu no elevador, eu fitei-o em sinal de reprovação.

– Com que então, em breve!

Ele seguiu-me pelas escadas até ao meu gabinete.

– Escute, tinha de acalmar os ânimos do gabinete local do FBI. Há sempre muita política envolvida. Sabe como é.

– Em todo o caso, fico satisfeita por vê-lo aqui– declarei, segurando a porta das escadas para que ele passasse. Deixei-a fechar. – Não tive oportunidade de lhe agradecer pela boleia. Por isso, obrigada.

Coloquei Molinari na nossa esquadra, depois de ter despejado um pequeno cubículo. Ele disse-me que havia recusado um espaço mais adequado e privado no quinto andar, próximo do chefe.

Até era bom ter o Departamento de Segurança Interna a trabalhar ao nosso lado, embora Jacobi e Cappy me tenham mirado como se eu me tivesse passado para o inimigo. Ao fim de duas horas, Molinari já tinha descoberto a origem do último *e-mail*: um café com Internet chamado KGB Bar, em Hayward. Um bar muito popular entre os estudantes do outro lado da baía.

Também averiguou quem era Marion Delgado, o nome que aparecia no último endereço do Hotmail.

Molinari fez deslizar um faxe dos computadores do FBI sobre a minha secretária. Tratava-se de um artigo antigo, com uma foto de um miúdo sorridente, e com alguns dentes em falta, que vestia uma bata de camponês e segurava um tijolo. Era um rapaz de cinco anos que em 1967 fizera descarrilar um comboio de mercadorias em Itália atirando um tijolo para os carris.

– Há alguma razão que o leve a pensar que isto é importante para a investigação? – inquiri.

– Marion Delgado converteu-se num grito de guerra nos anos sessenta – explicou Molinari. – Um rapaz de cinco anos que parou um comboio. O seu nome transformou-se num código para frustrar a vigilância. O FBI colocara escutas em todos os telefones, tentando infiltrar-se nos Weathermen. Acumularam centenas de mensagens de Marion Delgado.

– O que está a querer dizer? Que um dos antigos Weathermen está por trás disto tudo?

– Talvez não fosse má ideia tentar saber os nomes dos membros conhecidos naquela época que nunca foram detidos.

– É uma excelente ideia – afirmei ao mesmo tempo que abria a gaveta da minha secretária e tirava a minha arma. – E enquanto isso não acontece, quer acompanhar-me até ao bar KGB?

SEGUINDO A VELHA TRADIÇÃO dos antros manhosos da contracultura, onde um polícia era tão bem-vindo quanto um recrutador da União das Liberdade Civas numa convenção de cabeças rapadas, o nível do bar KGB alcançava cotas ainda mais baixas do que as costumeiras. Havia filas estreitas de mesas de madeira já lascada ocupadas por marginalizados sociais arqueados frente a monitores de computador, para além de uma mescla de gente a fumar junto ao balcão. Não houve muito mais que me chamasse a atenção.

– Tem a certeza de que quer fazer isto? – sussurrei para Molinari. – Será difícil explicar se lhe amassarem a cara aqui.

– Fui procurador em Nova Iorque – declarou Molinari, e avançou. – Adoro estas merdas.

Aproximei-me do empregado de bar, um tipo esquelético e com cara de rato, camisa sob a qual se viam todos os músculos desenhados, tatuagens que lhe cobriam os braços e um longo rabo-de-cavalo. Depois de ter sido ignorada durante quinze segundos, inclinei-me sobre o balcão e estabeleci contacto visual.

– Passámos por aqui e resolvemos entrar e ver se alguém gostaria de apoiar a nossa campanha no Chade.

Não lhe consegui arrancar nem o esboço de um sorriso. Serviu uma cerveja a um tipo negro com um pequeno barrete, sentado a dois bancos de nós.

– *Okay*, somos da polícia. – Mostrei-lhe o meu crachá. – Topou-nos logo.

– Desculpe, isto é um clube privado – argumentou o empregado de bar. – Tem de me mostrar o seu cartão de membro.

– Olha, é tal e qual como nos supermercados Costco! – exclamei, olhando para Molinari.

– Sim, tal como no Costco – disse o empregado com um esgar.

Molinari inclinou-se, lançando a mão ao *Rabo-de-Cavalo* quando este se virou para tirar uma cerveja. Pespegou-lhe um crachá prateado que dizia DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA INTERNA frente ao nariz.

– Quero que escute com muita atenção. Vou pegar no meu telefone e passados dez segundos um grupo de agentes do FBI vai entrar por aqui adentro e revirar este lugar de cima a baixo. Como já tive oportunidade de ver, deve ter aqui perto de quinze, vinte mil dólares em computadores, e sabe como os agentes são desastrados quando andam à procura de provas. Precisamos de lhe fazer algumas perguntas.

O *Rabo-de-Cavalo* lançou-lhe um olhar irado.

– O que dizes, *Músculos*? – O negro com o barrete africano tomou a palavra. – Dadas as circunstâncias, acho que por esta vez podemos prescindir do cartão de membro.

Virou-se e encarou-nos. Por baixo do barrete brilhava um sorriso alegre.

– Chamo-me Amir Kamor. – Apresentou-se com um sotaque britânico. – O *Músculos* estava apenas a expressar o seu desejo de manter o nível habitual da clientela. Não é necessário fazer ameaças. Posso convidá-los para o meu gabinete?

– *Músculos*? – Olhei para o empregado de bar e revirei os olhos. – Tão criativos.

Nos fundos havia um pequeno cubículo privado onde só cabia uma secretária. As paredes estavam cobertas de cartazes e de notícias de acontecimentos, coisas relacionadas com o activismo, manifestações a favor dos pobres, liberdade para Timor Leste, a sida em África.

Entreguei o meu cartão a Amir Kamor e ele acenou com a cabeça como que impressionado.

– Queriam fazer-me algumas perguntas?

– Onde estava ontem à noite, senhor Kamor? – comecei. – Por volta das dez da noite?

– Estou aqui todas as noites, tenente. Sabe como é o negócio da comida e das bebidas alcoólicas. Tudo depende de quem tem o controle da caixa registradora.

– Foi enviado um *e-mail* daqui ontem à noite, às dez horas e três minutos.

– São enviadas mensagens daqui todas as noites. As pessoas usam-nos para dar vazão às suas ideias. É o que fazemos aqui. Damos vazão às ideias.

– Tem maneira de determinar quem esteve aqui? Alguém fora do comum?

– Toda a gente que entra aqui é fora do comum. – Kamor esboçou um esgar. Ninguém achou graça à sua piada. – Às dez horas, diz você... O bar estava cheio. Era capaz de ajudar se me dissessem quem procuram exactamente e o que fizeram.

Tirei a foto de Wendy Raymore e o retrato-robô da mulher que acompanhara George Bengosian até ao quarto de hotel. Kamor observou-os e formaram-se sulcos na sua testa. Suspirou profundamente.

– Posso tê-las visto ao longo dos anos ou não. Os nossos clientes aparecem e desaparecem.

– *Okay*, então e estes? – Mudei de estratégia, mostrando-lhe as fotos do FBI de Seattle. Mirou-as uma a uma, limitando-se a abanar a cabeça.

De repente notei que olhava duas vezes para uma das fotos, pestanejando.

– Reconheceu alguém....

– Foi apenas uma impressão – afirmou, abanando de novo a cabeça. – Acho que não. A sério.

– Não, reconheceu um dos rostos. Quem era?

Voltei a colocar as fotos sobre a mesa.

– Recorde-me, tenente – disse Kamor, levantando a cabeça –, porque haveria eu de ajudar a polícia neste caso? O vosso Estado cimenta a corrupção e a avareza. Como as pessoas que fazem cumprir as suas vontades, vocês são parte integrante do problema.

– Acho que há sempre *isto* – declarou Molinari, aproximando-se o mais que podia do rosto assustado de Kamor. – Estou-me borrifando para o que vocês fazem aqui dentro, mas é bom que saiba de que forma a segurança interna classifica estes crimes. Não estamos a falar de ocultação de provas, senhor Kamor. Estamos a falar de traição e de conspiração terrorista. Examine as fotos uma vez mais, se faz favor.

– Acredite em mim, senhor Kamor – acrescentei, olhando-o nos olhos –, não vai querer estar envolvido nisto.

As veias do pescoço do empregado de bar começaram a inchar. Baixou a cabeça e voltou a observar as fotografias.

– Talvez... não sei... – murmurou.

Após alguma hesitação, separou uma.

– Ele agora está diferente. Tem o cabelo mais curto, já não parece um *hippie*. E usa barba.

Esteve aqui.

Stephen Hardaway. Ou Morgan Bloom. Ou Malcolm Caldwell.

– É um cliente regular? Onde podemos encontrá-lo? É importante.

– Não sei. – Kamor abanou a cabeça. – Estou a falar a verdade. Lembro-me de o ter visto uma ou duas vezes. Creio que veio algures do Norte.

– Só mais uma coisa... – Kamor engoliu. – Espero que se lembrem disto da próxima vez que entrarem aqui e ameaçarem privar-me dos meus direitos.

Destacou outra fotografia. Outro rosto que conhecia.

– Esta esteve aqui ontem à noite.

Estávamos a olhar para Wendy Raymore, a ama.

AINDA NÃO ESTÁVAMOS sentados no carro há cinco segundos e já nos felicitávamos animadamente. Fosse ele director-adjunto ou não, tinha-se portado muito bem.

– Esteve bem, Molinari. – Mal consegui conter um sorriso. – *E sabe como os agentes são desastrados quando andam à procura de provas...*

Os nossos olhares encontraram-se e, de súbito, voltei a sentir o nervosismo e a atracção. Pus o carro em movimento.

– Não sei como pretende prosseguir – disse –, mas creio que devíamos começar por comunicar este progresso.

Passou para o botão de chamada rápida do seu telemóvel e deu o nome de Hardaway e os nomes falsos. A resposta não tardou. O gabinete em Seattle enviou um ficheiro que detalhava o seu passado criminal. Posse de armas, roubo de armas, assalto a bancos. De manhã já saberíamos tudo acerca dele.

De repente dei-me conta de que não sabia nada de Jill.

– Tenho de fazer um telefonema – expliquei para Molinari, e marquei o número do telemóvel da minha amiga.

Passou para o atendedor de chamadas. «Olá, fala a procuradora Jill Bernhardt...»

Raios, Jill costumava ter o telemóvel sempre disponível. Mas depois recordei-me que ela me dissera que ia ter um dia complicado no tribunal.

– Sou eu, a Lindsay. São duas da tarde. Onde tens estado? – Pensei em dizer mais qualquer coisa, porém não estava sozinha. – Liga-me. Quero saber como estás.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Molinari quando desliguei.

Abanei a cabeça.

– Uma amiga... Pôs o marido na rua ontem à noite. Ficámos de falar. O que se passa é que o marido dela transformou-se num cretino.

– Então ela tem sorte – comentou Molinari – em ter uma amiga polícia.

Aquela ideia fez-me sorrir. A Jill com sorte por ter uma amiga polícia. Pensei em ligar-lhe para o gabinete, mas ela entraria em contacto comigo assim que ligasse o telemóvel.

– Acredite em mim, ela é muito bem capaz de tomar conta dela mesma.

Virámos para o acesso à Bay Bridge. Nem sequer tive de ligar as luzes de emergência, pois quase não havia trânsito na cidade.

– Assim é que é – declarei. – Quase não há trânsito.

– Escute, Lindsay... – Molinari virou-se para mim e mudou de tom. – O que diz a jantar comigo esta noite?

– Jantar? – Pensei durante um segundo. – Ambos sabemos que isso pode não ser uma grande ideia.

Molinari assentiu com uma expressão resignada, como se tivesse falado de mais.

– Ainda assim, ambos temos de comer... – Desenhou-se um sorriso nos seus lábios.

As palmas das minhas mãos começaram a suar em redor do volante. Meu Deus. Existia uma centena de razões pelas quais seria errado fazê-lo. Mas que diabos, nós também tínhamos vidas para viver.

Olhei para Molinari e sorri.

– Ambos temos de comer.

O ÚLTIMO *E-MAIL* deixara Cindy a balançar nos calcanhares. Pela primeira vez, fazia parte da história, não se limitava a escrevê-la.

E sentia-se ligeiramente assustada. E quem podia censurá-la, dado o que estava a acontecer? Mas pela primeira vez na sua carreira, também tinha a impressão de estar a fazer algo de bom. E esse pensamento animou-a. Respirou fundo e enfrentou o monitor do computador.

Não fomos nós que fizemos aquilo em Portland, dizia a mensagem.

Mas porquê negar a autoria do assassinato? Porquê o desmentido tão curto e nada mais?

Para se distanciarem dos outros. Para distinguir a sua cruzada do assassinato copiado. Isso parecia óbvio.

Mas o nó que crescia no seu estômago dizia-lhe que talvez houvesse mais qualquer coisa.

Quiçá estivesse a pressionar demasiado. Mas, e se por trás daquela negação havia algo mais? Um rebate de *consciência*?

Não, não pode ser, cogitou. Aquelas pessoas tinham mandado pelos ares a casa de Morton Lighttower com a esposa e o filho no interior. Tinham envenenado Bengosian. Mas haviam poupado a pequena Caitlin.

Havia outra coisa.... Suspeitava que a pessoa que a contactara era uma mulher. Referira-se às «suas irmãs na escravidão». E escolhera comunicar com ela. Havia uma montanha de outros repórteres na cidade. Porquê ela?

Ocorreu-lhe que se existisse um pingo de humanidade naquela pessoa, talvez conseguisse chegar a ela. Quiçá conseguisse tocá-la. Fazê-la revelar qualquer coisa. Um nome, um lugar. Talvez se tratasse da ama, e, quem sabe, ela tivesse coração.

Cindy fez estalar o nó dos dedos e inclinou-se sobre o teclado. Aqui vai...

Escreveu:

Diz-me, porque estás a fazer estas coisas? Acho que és uma mulher. Acertei? Existem formas melhores de alcançar os teus objectivos do que a matar pessoas que o mundo vê como inocentes. Podes usar-me. Eu posso passar a mensagem. Por favor... Disse-te que estava a ouvir. E estou... Utiliza-me. Por favor... Não voltem a matar.

Releu o que escrevera. Era um tiro no escuro. Pior do que um tiro no escuro.

E percebeu, olhando para a mensagem, que se a enviasse, entraria de facto na história, e que toda a sua vida mudaria.

– *Sayonara* – murmurou para a sua antiga existência, a que observava e escrevia passivamente. E carregou no botão de ENVIAR.

FOI-ME DIFÍCIL trabalhar o resto do dia. Reuni com Tracchio durante uma hora e pedi a Jacobi e a Cappy que regressassem aos bares em redor de Berkeley com a foto de Hardaway. De vez em quando a minha mente vagueava e o coração batia um pouco mais depressa ao pensar na noite que me esperava. Mas como Joe Molinari dissera, tínhamos de comer.

Mais tarde, já em casa e no duche, enquanto aspirava o fresco aroma da alface e tirava a sujidade do dia do corpo, um sorriso culpado apareceu no meu rosto: *Aqui estou eu, um copo de vinho Sancerre na beira da banheira, e a minha pele a formigar como uma adolescente num primeiro encontro.*

Apressei-me a dar uma arrumadela na casa; coloquei os livros em ordem; verifiquei a galinha que assava no forno; dei de comer a *Martha*; desloquei a mesa de modo a que tivesse vista para a baía. Depois apercebi-me de que continuava sem saber nada de Jill. Aquilo não fazia sentido. Com a toalha enrolada em volta do corpo e o cabelo molhado, liguei-lhe uma vez mais.

– Isto está a tornar-se ridículo. Vá lá, liga-me. Preciso de saber como estás....

Preparava-me para telefonar a Claire e ver se ela tinha notícias de Jill quando a campainha tocou.

A da porta de casa!

Merda, ainda são sete e quarenta e cinco.

Molinari tinha chegado cedo.

Enrolei uma toalha na cabeça e, saltitando freneticamente, diminuí as luzes, tirei outro copo de vinho e fui à porta.

– Quem é?

– A equipa avançada da Segurança Interna – respondeu Molinari.

– Pois, sim, chegou *cedo*, Segurança Interna. Já alguma vez alguém lhe disse que deve tocar da porta da rua?

– Nós não costumamos ligar a esses pormenores.

– Escute, vou deixá-lo entrar, mas não pode olhar. – Custava-me a crer que estava ali de toalha. – Estou a abrir a porta.

– Tenho os olhos fechados.

– É bom que estejam. – *Martha* veio para junto de mim. – Tenho um cão muito protector...

Destranquei a porta e abri devagar.

E ali estava Molinari, com o casaco pendurado ao ombro, um ramo de narcisos e os olhos abertos.

– Prometeu. – A corar, recuei um passo.

– Não é preciso corar – disse Molinari com um sorriso. – É deslumbrante.

– Esta é a *Martha* – apresentei. – Porta-te bem, *Martha*, ou o Joe manda-te prender num canil em Guantánamo. Já o vi em acção.

– Olá, *Martha*. – Molinari agachou-se e acariciou-a atrás das orelhas até ela fechar os olhos. –

Também és muito bonita, *Martha*.

Molinari levantou-se e eu segurei melhor a toalha. Ele abriu um sorriso mais largo.

– Acha que a *Martha* ficava aborrecida se eu dissesse que estou deseioso de ver o que está por baixo dessa toalha?

Sacudi a cabeça e a toalha que me cobria os cabelos caiu ao chão.

– Que tal?

– Não era bem isso que eu tinha em mente – comentou Molinari.

– Enquanto vocês os dois conversam – disse, retrocedendo. – Eu vou vestir qualquer coisa. Há vinho no frigorífico, vodca e uísque no aparador. E está uma galinha no forno, se lhe apetecer regá-la.

– Lindsay – chamou Molinari.

Estaquei.

– Sim...

Ele deu um passo na minha direcção. O meu coração parou de bater, exceptuando a parte em que palpitava violentamente, fora de controlo.

As suas mãos foram pousar nos meus ombros. Estremeci e pareci oscilar ligeiramente sob as suas mãos. Abeirou o seu rosto do meu.

– Quanto tempo disse que a galinha demorava a assar?

– Quarenta minutos. – Os pêlos dos meus braços eriçaram-se. – Mais coisa, menos coisa.

– Que pena... – Molinari sorriu. – Mas terá de bastar.

E assim, sem mais nem menos, beijou-me. A sua boca era forte, e assim que os seus lábios tocaram nos meus, senti-me invadida por uma onda de calor. Gostei do beijo dele e beijei-o de volta. Percorreu-me as costas com as mãos e estreitou-me nos seus braços. Também me agradou o toque dele. Diabos, gostei *dele*.

A toalha de banho caiu ao chão.

– Tenho de te avisar que a *Martha* se enfurece quando alguém fica com a ideia errada.

Ele deitou uma vista de olhos a *Martha* que se encontrava enrolada no chão como uma bola.

– Acho que não estou com a ideia errada.

JOE MOLINARI estava de frente para mim, a roupa de cama enrolada à nossa volta. Notei que ele era ainda mais bonito visto de perto. Tinha olhos de um azul profundo com um brilho delicado.

Não sabia como descrever quão bem me sentia, como aquilo parecia natural e certo. Os pequenos tremores que me percorriam a espinha eram inesperados, mas ainda assim bastante agradáveis. Tinham já passado dois anos desde que sentira algo semelhante, e aquilo foi, bem... diferente. Não sabia tudo acerca de Molinari. Como era ele fora do gabinete? Como era a sua situação em casa? Para ser franca, também pouco me importava. Sentia-me bem e isso era suficiente.

– Pode não ser o momento certo para fazer esta pergunta – comecei –, mas qual é a tua situação pessoal em casa?

Molinari suspirou.

– Não é complicada... Habitualmente gosto de seduzir as subordinadas que investigam os casos comigo. – Sorriu.

– Vá lá. – Sentei-me na cama. – É uma pergunta legítima depois do sexo.

– Sou divorciado, Lindsay. Saio com mulheres de vez em quando. Quando tenho tempo. – Acariciou-me o cabelo. – Se estás a perguntar se isto ocorre com frequência...

– O que queres dizer com *isto*?

– Tu sabes. *Isto*. Onde estamos. A meio de uma investigação.

Molinari virou-se e encarou-me.

– Para que não hajam dúvidas, estou aqui porque no momento em que entraste naquela reunião, bem... começaram a soar campainhas. E desde então, a única coisa que me tem impressionado mais do que ver como és boa no teu trabalho é o bonita que és sem a toalha.

Respirei fundo e observei aqueles olhos tão azuis.

– Só espero que não sejas um idiota, Joe Molinari.

De repente sentei-me na cama como uma mola.

– Oh, meu Deus, *o jantar*.

– Esquece a galinha. – Molinari sorriu e abraçou-me. – *Não temos* de comer.

O telefone tocou. O que seria agora?

O meu primeiro impulso foi deixar tocar. Esperei que a máquina atendesse.

Era a voz de Claire, e parecia agitada.

– Lindsay, estou preocupada. Atende se estás em casa. Lindsay?

Pestanejei, depois rebolei até à mesinha-de-cabeceira e atendi.

– Claire. O que se passa?

– Ainda bem que estás em casa. – Havia tensão na sua voz, o que era pouco habitual para Claire. – É a Jill. Estou em casa dela, Lindsay. Não está aqui.

– Ela hoje tinha um julgamento. Ligaste para o gabinete? Deve estar a trabalhar até mais tarde.

– Claro que tentei o gabinete – afirmou Claire. – A Jill não apareceu lá em todo o dia.

SENTEI-ME DE UM PULO, confusa mas também temerosa. Não fazia sentido.

– Ela disse-me que tinha um julgamento, Claire. Tenho a certeza.

– E *teve* um julgamento, Lindsay. Mas não apareceu. Andei o dia todo à procura dela.

Apoiei as costas contra a cabeceira da cama. Era impossível que Jill não fosse trabalhar e não avisasse.

– Isso não é coisa da Jill – comentei.

– Não – concordou Claire –, não é mesmo nada coisa que ela fizesse.

De súbito, fiquei preocupada.

– Claire, sabes o que se passa? O que aconteceu com o Steve?

– Não – respondeu Claire. – Do que estás a falar?

– Não saias daí – pedi-lhe.

Desliguei o telefone e fiquei ali sentada durante um segundo.

– Desculpa, Joe, mas tenho de sair.

Alguns minutos mais tarde, conduzia a toda a velocidade pela Twenty-Third em direcção à Castro. Revi mentalmente todas as possibilidades: Jill estava deprimida. Precisava de espaço. Tinha ido para casa dos pais. Qualquer das hipóteses podia ser verdadeira. Contudo, a Jill nunca, *nunca* faltaria a um julgamento.

Parei finalmente frente à sua casa em Buena Vista Park. A primeira coisa que notei foi o seu carro azul-safira estacionado à entrada.

Claire estava à minha espera no alpendre e cumprimentámo-nos com um abraço.

– Ela não responde – esclareceu. – Toquei à campainha, bati à porta.

Olhei em redor e não avistei ninguém.

– Detesto ter de fazer isto – declarei.

Parti um dos vidros da porta da frente, meti a mão na abertura e alcancei a maçaneta.

Ocorreu-me que Steve também podia ter entrado... facilmente.

O alarme soou de imediato. Sabia o código, 63442, o número de funcionária civil de Jill. Introduzi-o, tentando decidir se o facto de o alarme estar activado seria um bom sinal.

Acendi uma luz e chamei.

– Jill?

Depois escutei *Otis* a ladrar. O *labrador* castanho veio da cozinha a correr ter comigo.

– Então, rapaz – Fiz-lhe uma festa. Ele parecia satisfeito por ver um rosto familiar. – Onde está a tua dona? – perguntei. Sabia que Jill nunca o abandonaria. Talvez abandonasse o Steve, mas nunca o *Otis*.

– Jill... Steve? – Chamei-os por toda a casa. – É a Lindsay. E a Claire.

Jill redecorara a casa no ano anterior. Almofadas estampadas, paredes cor de melão, uma otomana de pele, uma mesinha de café. A casa estava escura e silenciosa. Revistámos as divisões que melhor conhecíamos. Nenhuma resposta. Nada de Jill.

Claire exalou e disse:

– Isto começa a assustar-me.

Assenti e apertei-lhe gentilmente o ombro.

– A mim também. Anda. Vou ver lá acima. *Vamos* as duas ver lá acima.

Enquanto subíamos as escadas, não pude evitar imaginar um Steve enlouquecido a sair de um dos quartos disposto a atacar-nos como num filme de terror para adolescentes.

– Jill... Steve? – Chamei de novo. Saquei da pistola, pelo sim pelo não.

Não houve resposta. As luzes do quarto de casal estavam apagadas. A enorme cama de quatro colunas estava feita. Os artigos de higiene de Jill e a sua maquilhagem encontravam-se na casa de banho.

A última vez que falara com ela, dissera-me que ia deitar-se. Preparava-me para regressar ao corredor quando a vi.

A pasta de Jill.

Ela nunca ia a lado nenhum sem o seu « gabinete ambulante» . Era uma piada recorrente entre nós. Nem sequer era capaz de ir à praia sem levar o maldito trabalho atrás.

Peguei numa peça de roupa e segurei a pasta pela alça. Encontrei Claire no corredor. Tinha ido ver nos outros quartos.

– Nada...

– Não estou a gostar disto, Claire. O carro dela está na entrada. – O meu olhar desviou-se para a pasta. – *Isto...* Ela dormiu aqui, Claire. Mas não foi trabalhar.

NÃO FAZIA IDEIA de como entrar em contacto com Steve.

Era tarde, quem diabos saberia onde ele se encontrava. Para além disso, a Jill só estava desaparecida há um dia. Podia aparecer e ficar furiosa com toda aquela confusão. Não havia mais nada que pudéssemos fazer a não ser morrer de preocupação e, no meu caso, de culpa.

Telefonei a Cindy e ela apareceu passados quinze minutos. Claire ligou a Edmund e avisou-o de que ia ficar mais um bocado, talvez até passasse ali a noite.

Acomodámo-nos nos sofás do estúdio de Jill. Havia sempre a possibilidade de ter mudado de ideia e ter ido ter com Steve, sabe-se lá onde.

Por volta das onze o meu telemóvel tocou. Era Jacobi, para me dizer que ninguém nos bares em Berkeley havia reconhecido Hardaway. Ficámos sentadas, sem falar. Nem sequer me recorde a que horas nos deixámos dormir.

Acordei várias vezes durante a noite, pensando ter escutado algo.

– Jill? – Mas não era ela.

Logo pela manhã fui a casa. Joe fizera a cama e deixara o apartamento arrumado. Tomei duche e liguei para a esquadra a avisar que chegaria mais tarde.

Uma hora depois encontrava-me no escritório de Steve no distrito financeiro. Deixei o *Explorer* mal estacionado. Quando empurrei as portas e entrei, mal conseguia controlar o pânico.

Steve estava logo ali, na recepção, debruçado quase por completo sobre a recepcionista. Com a perna pousada sobre uma cadeira, bebericava um café.

– Onde está ela? – perguntei. Devo tê-lo assustado, pois entornou o café por cima da camisa *Lacoste* cor-de-rosa.

– Que diabos, Lindsay... – Steve ergueu as mãos.

– *Para o teu gabinete* – ordenei com um olhar duro.

– Senhor Bernhardt? – disse a recepcionista.

– Está tudo bem, Stacy – tranquilizou-a. – É uma amiga.

Sim, claro.

Assim que entrámos no gabinete dele, bati com a porta.

– Estás louca, Lindsay? – inquiriu Steve.

Empurrei-o para uma cadeira.

– Quero saber onde ela está, Steve.

– A Jill? – Virou as palmas das mãos para cima e pareceu de facto perplexo.

– Deixa-te de merdas, seu filho-da-mãe. A Jill está *desaparecida*. Não se apresentou no trabalho. Quero saber onde ela está.

– Não faço a mínima ideia – respondeu ele. – O que queres dizer com « está desaparecida »?

– Ela tinha um julgamento ontem, Steve – expliquei, perdendo o controlo –, e não apareceu. Isso parece-te coisa que a Jill fizesse? Também não foi dormir a casa. O carro dela está parado à porta. E a pasta também lá estava. *Alguém entrou na casa.*

– Acho que tem os factos um bocadinho trocados, tenente – argumentou Steve com uma gargalhada irónica. – A Jill pôs-me fora de casa ontem à noite. E mudou as fechaduras da Fortaleza Bernhardt.

– Não brinques comigo, Steve. Quero saber o que fizeste. Quando foi a última vez que a viste?

– E que tal por volta das onze da outra noite, pela janela da minha sala de estar, enquanto batia na merda da porta, para conseguir entrar na porcaria da minha própria casa?

– Ela disse-me que passarias por lá ontem para apanhares as tuas coisas.

A raiva brilhou nos seus olhos.

– Que merda é esta, um interrogatório?

– Quero saber onde passaste a noite de sexta-feira. – Lancei-lhe um olhar feroz e fixo. – E tudo o que fizeste no sábado de manhã antes de vires trabalhar.

– O que se passa? Preciso de um advogado, Lindsay?

Não respondi à pergunta, limitando-me a virar-lhe as costas e a sair dali. Esperava por Deus que Steve *não* necessitasse de um advogado.

RAIVA JÁ NÃO DESCREVIA o que me dilacerava quando regresssei ao meu gabinete. Era algo mais profundo do que isso. De cada vez que me mirava ao espelho retrovisor e via os meus próprios olhos, não parava de pensar: *Já vi estes olhos antes.*

No trabalho. Nos rostos de pais e esposas quando alguém querido desaparecia. O pânico silencioso quando algo horrível estava prestes a acontecer, algo que ainda não ocorrera. *Fique calmo, aconselhamos. Tudo pode acontecer. Ainda é cedo.*

E era isso que dizia a mim mesma, a caminho da esquadra. Fica calma, Lindsay. A Jill pode aparecer de um momento para o outro....

Mas ao ver-me no retrovisor, não podia deixar de pensar que era o mesmo olhar.

Uma vez no Palácio da Justiça, telefonei a Ingrid Barros, a mulher-a-dias de Jill, mas esta encontrava-se numa reunião na escola do filho. Mandei Lorraine e Chin percorrerem a rua de Jill em Buena Vista Park para ver se alguém tinha visto algo suspeito. Ordenei até que investigassem as chamadas do telemóvel de Jill.

Alguém devia ter-lhe telefonado. *Alguém* devia tê-la visto. Não fazia sentido ter desaparecido assim. Jill não era o tipo de pessoa dada a desaparecimentos.

Esforcei-me ao máximo para me concentrar no perfil de Stephen Hardaway a partir da informação que nos foi chegando ao longo do dia. Era procurado pelo FBI há alguns anos e embora não figurasse na lista dos mais procurados, começava a levantar suspeitas.

Fora criado em Lansing, no Michigan. Depois de terminar os estudos secundários, mudou-se para oeste e frequentou o Reed College, em Portland. Foi por essa altura que começou a aparecer no sistema. Segundo os registos de Oregon, foi detido por agressão numa manifestação contra a Organização Mundial do Comércio na Universidade de Oregon. Foi um dos suspeitos em vários assaltos a bancos em Eugene e em Seattle. Depois, em 1999, foi preso no Arizona ao tentar comprar detonadores a um membro de um grupo criminoso que era, na realidade, um agente do Gabinete de Álcool, Tabaco, Armas e Explosivos. E foi por volta dessa altura que Stephen Hardaway desapareceu. Fugira quando estava sob fiança. Corriam rumores de que estava envolvido em assaltos à mão armada em Washington e em Oregon. Sabíamos, pois, que estava armado, que era perigoso e que gostava de mandar coisas pelos ares.

Nos últimos dois anos não se soubera nada dele.

Por volta das cinco, Claire bateu à porta do meu gabinete.

– Estou a dar em doida, Lindsay. Vem beber um café comigo.

– Também estou a ficar louca – disse, pensando na mala. – Devíamos telefonar à Cindy – sugeri.

– Não é preciso – declarou ela, e apontou para o fundo do corredor. – Ela já aqui está.

Fomos as três à cafetaria do primeiro andar. Ao princípio limitámo-nos a mexer os nossos cafés. O silêncio imperava, denso como o nevoeiro de Junho.

Por fim, respirei fundo.

– Creio que estamos todas de acordo que a Jill não anda por aí sozinha a consumir-se de pena dela mesma. Algo aconteceu. Quanto mais depressa reconhecermos isso, mais cedo podemos descobrir o que se passou.

– Não paro de pensar que deve haver alguma explicação – argumentou Cindy com o sobrolho franzido. – Quero dizer, conheço o Steve. Todas conhecemos. Ele não seria o meu marido ideal, mas não acredito que fosse capaz de lhe fazer mal.

Claire olhou para mim.

– Ainda te lembrás daquela vez em que a Jill teve de fazer escala em Salt Lake City, a caminho de Atlanta, e, enquanto esperavam para entrar no avião, olhou para toda aquela neve nas montanhas e disse: « Que se lixe, vou-me embora!» Saiu do avião, alugou um carro e passou o dia a esquiar.

– Sim, lembro-me – confirmei. Aquela recordação fez-me sorrir. – O Steve queria que ela fosse a uma reunião com uns clientes, o gabinete estava louco a tentar contactá-la, e onde estava a Jill? A mais de três mil metros de altitude, com material de esqui alugado, a esquiar num paraíso de neve. Passando o melhor dia da sua vida.

A imagem trouxe um sorriso às nossas caras e também algumas lágrimas.

– É nisso que acredito. – Claire pegou num guardanapo e limpou os olhos. – Acho que ela foi esquiar. Tenho de acreditar que ela foi esquiar, Lindsay.

NESSA NOITE, CINDY deixou-se ficar até tarde frente à sua mesa, quando só restavam um punhado de correspondentes locais pendentes das comunicações da polícia. A verdade era que não tinha para onde ir

A situação de Jill mortificava-a; mortificava-as a todas.

A novidade espalhara-se. Uma assistente do procurador desaparecida era notícia. O director de acontecimentos locais perguntara-lhe se desejava escrever o artigo. Sabia que eram amigas.

– Ainda não é notícia – argumentara ela.

Redigi-lo transformava-o em notícia. Tornava-o real.

Desta vez não estava a acontecer a um desconhecido.

Contemplou uma foto delas as quatro que tinha colada no seu cubículo. As quatro no seu poiso habitual, o Susie's, depois de terem resolvido o crime da noiva e do noivo. Umas quantas margaritas haviam-lhes deixado os cérebros encharcados como um pântano. Jill parecia tão invencível. Uma profissão de muito poder, um marido poderoso. Nunca deixara entrever...

– Vá lá, Jill – murmurou Cindy, sentindo os olhos marejarem-se de lágrimas. *Supera isso. Entra por essa porta. Mostra a tua cara bonita e sorridente. Estou a rezar, Jill. Atravessa a porcaria dessa porta.*

Já passava das onze. Na redacção não acontecia nada. Permanecer ali era uma forma de manter a vigília, de manter a esperança. *Vai para casa, Cindy. Já chega por hoje. Não há nada que possas fazer agora.*

Um empregado de limpeza que aspirava o corredor piscou-lhe o olho.

– A trabalhar até tarde, senhora Thomas?

– Sim – respondeu com um suspiro. – Estou a queimar as pestanas.

Por fim, arrumou umas coisas na mala e olhou para o computador uma última vez antes de o desligar. Talvez telefonasse a Lindsay. Só para conversar um pouco.

Uma nova mensagem de correio electrónico piscou no monitor.

Mesmo antes de a abrir, Cindy sabia de quem era: Toobad@hotmail.com.

Estava a par do plano. Sabia que a tinham advertido de uma nova vítima a cada três dias. Era domingo. August Spies cumpria o seu programa.

– Foram avisados – começava a mensagem. – Mas optaram pela arrogância e não escutaram.

Oh, meu Deus. Um pequeno grito escapou-se da garganta de Cindy.

Continuou a ler a aterradora mensagem até chegar à assustadora assinatura no fim.

August Spies atacava novamente.

CHEGUEI A CASA ÀS ONZE DA NOITE, exausta e de mãos a abanar. Fiquei por momentos ao fundo das escadas, a pensar. De manhã, Jill seria dada oficialmente como «desaparecida». Teria de liderar uma investigação relativa ao desaparecimento de uma das minhas melhores amigas.

– Pensei que gostarias de saber... – Escutei uma voz vinda do cimo das escadas que me assustou. – Tive notícias de Portland.

Olhei para cima e vi Molinari sentado no último degrau.

– Encontraram uma secretária na universidade de Portland State que falou do paradeiro do Propp ao namorado. Investigaram a pistola e era dele, um radical lá do sítio. Mas suspeito que isso não vai alegrar-te muito esta noite.

– Pensei que eras uma pessoa importante, Molinari – comentei, demasiado vazia e esgotada para demonstrar como estava feliz por vê-lo. – Como é que acabas sempre a ter de tomar conta de mim?

Ergueu-se.

– Não queria que pensasses que estavas sozinha.

De súbito, fui incapaz de me conter. A fonte das lágrimas derramou e ele veio abraçar-me. Molinari apertou-me nos seus braços enquanto as lágrimas me corriam pela face. Senti vergonha por deixá-lo ver-me naquele estado, queria tanto parecer forte, mas não era capaz de estancar as lágrimas.

– Desculpa – pedi, tentando controlar-me.

– Não – Afagou-me o cabelo. – Não tens por que fingir comigo. Podes chorar à vontade. Não há nenhuma vergonha nisso.

Aconteceu alguma coisa a Jill!, apeteceu-me gritar, porém tinha medo de levantar a cabeça.

– Também lamento. – Abraçou-me com mais força. Depois apertou-me suavemente os ombros e fitou-me nos olhos inchados. – Eu trabalhava no Departamento de Justiça – começou, e limpou-me umas quantas lágrimas – quando caíram as torres gémeas. Conhecia as pessoas que morreram ali. Alguns dos chefes dos bombeiros, John O’Neill da Segurança do Trade Center. Fui um dos chefes da equipa de resposta de emergência, mas quando todos os nomes começaram a chegar, pessoas com as quais eu trabalhara, não aguentei mais. Fui à casa de banho dos homens. Sabia que podia perder o meu lugar, mas sentei-me numa das divisórias e chorei. Não é nenhuma vergonha.

Abri a porta de casa e entrei. Molinari preparou um chá enquanto eu me enroscava no sofá com o queixo de *Martha* na minha coxa. Não sabia o que teria feito se estivesse sozinha. Ele aproximou-se e serviu-me uma chávena. Aninhei-me nele, com os seus braços sobre os ombros, enquanto o chá me aquecia. Permanecemos ali sentados durante algum tempo. E ele tinha razão: não era nenhuma vergonha.

– Obrigada – suspirei contra o peito dele.

– Pelo quê? Por saber fazer chá?

– Apenas obrigada. Por não seres um dos cretinos. – Fechei os olhos. Durante um momento, todo o mal ficara lá fora, longe da minha sala de estar.

O telefone tocou. Não me apetecia atender. Sentia-me a quilómetros de distância e, por mais egoísta que isso fosse, agradava-me.

Depois pensei: *E se for a Jill?*

Agarrei no auscultador e ouvi de voz de Cindy.

– Lindsay, graças a Deus. Algo de terrível aconteceu.
Senti um aperto no estômago e agarrei-me a Molinari.

– É a Jill?

– Não – respondeu. – August Spies.

ESCUTEI com uma sensação de náusea enquanto Cindy me lia a última mensagem.

– «Foram avisados», diz. «Mas optaram pela arrogância e não escutaram. Não ficámos surpreendidos. Nunca fazem caso. Por isso atacámos de novo.» Lindsay, está assinado August Spies.

– Houve outra morte – expliquei, virando-me para Molinari. Depois terminei o assunto com Cindy.

A mensagem completa informava que encontraríamos o que procurávamos no número 333 de Harrison Street, junto aos embarcadouros de Oakland. Haviam transcorrido *exactamente* três dias desde que Cindy recebera o primeiro *e-mail*. August Spies cumpria as suas ameaças ao pé da letra.

Desliguei e telefonei à brigada especial da polícia. Queria os nossos homens no local do crime e todo o trânsito cortado até ao porto de Oakland. Não fazia ideia de que tipo de incidente se tratava ou de quantas vítimas iríamos encontrar, pelo que liguei a Claire e disse-lhe que fosse lá ter.

Molinari tinha já o casaco vestido e encontrava-se ao telefone. Demorei cerca de um minuto a preparar-me.

– Vamos – disse, já à porta. – Mais vale vires comigo.

Seguia que nem uma louca com as sirenes a tocar pela Third Street em direcção à ponte. Àquela hora da noite quase não havia trânsito e o caminho para a ponte fez-se sem quaisquer problemas.

As comunicações começaram a ouvir-se pela rádio. A polícia de Oakland havia recebido o pedido de ajuda. Molinari e eu ficámos à escuta para tentar perceber que tipo de cenário de crime iríamos enfrentar: fogo, explosão, feridos múltiplos?

Saí da ponte para a 880. Já haviam montado um posto de controlo policial com dois carros-patrolha. Parámos. Vi o *Volkswagen* vermelho de Cindy ali retido e ela parecia estar a discutir com um dos agentes.

– Entra! – gritei-lhe

Molinari mostrou o crachá a um jovem patrulha que esbugalhou os olhos.

– Ela está connosco.

Dali até ao porto era apenas um caminho curto. A Harrison Street ficava mesmo junto aos embarcadouros. Molinari explicou como recebera a mensagem de correio electrónico. Trouxera uma cópia, e Molinari leu-a enquanto eu conduzia.

Ao aproximarmo-nos do porto, vimos luzes de emergência a piscar por todo o lado. Dir-se-ia que todos os polícias de Oakland tinham acorrido àquele local.

– Venham, ficamos aqui.

Saímos os três e corremos em direcção ao velho armazém de tijolos com o número 333. Enormes guindastes erguiam-se na noite. Por toda a parte amontoavam-se contentores. O porto de Oakland encarregava-se da maior parte do tráfego de carga da Bay Area.

Ouvi chamar o meu nome. Claire abandonou o seu *Pathfinder* e correu para nós.

– O que se passa?

– Ainda não sei – respondi.

Por fim, vi um capitão do distrito policial de Oakland, com o qual já tinha trabalhado, sair do edifício.

– Gene! – Alcancei-o. Com o que se passava, não precisava sequer de perguntar nada.

– A vítima foi deixada no primeiro andar. Um único disparo na nuca.

Uma parte de mim estremeceu e outra relaxou. Ao menos só havia uma vítima.

Subimos umas íngremes escadas de metal, Claire e Cindy logo atrás de mim. Um polícia de Oakland tratou de impedir a nossa passagem. Mostrei-lhe o meu crachá e empurrei-o para o lado. Vi um corpo no chão parcialmente envolto numa lona ensanguentada.

– Raios partam! – exclamei. – Aqueles grandes filhos-da-mãe.

Dois polícias e uma equipa médica encontravam-se debruçados sobre a vítima.

Havia uma nota presa à lona com um arame. Era um conhecimento de embarque.

– «Foram avisados» – li em voz alta. – «O estado criminal não está isento dos seus próprios crimes. Membros do G-8, tomem juízo. Renunciem às políticas colonizadoras. Têm mais três dias. Podemos atacar em qualquer lado e em qualquer momento. August Spies.»

Ao fundo da página vi as palavras escritas em letras maiúsculas: DEVOLVER AO PALÁCIO DA JUSTIÇA.

Fiquei imóvel como uma pedra. Uma onda de pânico invadiu-me. Por um segundo fui incapaz de me mexer. Olhei para Claire, cujo rosto se contraiu de choque.

Empurrei um dos membros da equipa médica. Ajoelhei-me. A primeira coisa que vi foi o pulso da vítima – a pulseira de água-marinha *David Yurman* que conhecia tão bem.

– Oh, não – arquejei. – Não, não, não...

Levantei a lona.

Era Jill.

DO QUE ACONTECEU em seguida, recordo apenas alguns fragmentos. Sei que permaneci ali, incapaz de compreender o que estava a ver: o bonito rosto de Jill, já sem vida. Os seus olhos presos num olhar fixo, límpidos, quase serenos.

– Oh, não, não, não... – repetia vezes sem conta.

Sei que a dada altura as minhas pernas cederam e que alguém me amparou. A voz de Claire a ceder:

– Oh, meu Deus, Lindsay...

Não conseguia tirar os olhos do rosto de Jill. Um fio de sangue escorria do canto da sua boca.

Estiquei o braço e toquei-lhe na mão. Ainda tinha a aliança de casamento no dedo.

Escutei Cindy começar a chorar, e vi Claire abraçá-la. Eu não parava de repetir, *Não pode ser Jill. O que tem ela que ver com August Spies?*

Depois ficou tudo meio nublado. Recordava-me a cada segundo: *É a cena de um crime, Lindsay. É um homicídio.* Queria ser forte para Claire e para Cindy, para todos os polícias ali presentes. Perguntei:

– Alguém viu como chegou aqui? – Olhei em redor. – Quero que interroguem toda a gente nesta zona. Talvez alguém tenha visto um veículo.

Molinari tentou afastar-me, mas eu sacudi-o. Tinha de olhar em redor, encontrar qualquer coisa. Havia sempre qualquer coisa, algum erro cometido. *Seus filhos-da-mãe, August Spies... Escumalha.*

De súbito vi Jacobi. E Cappy. Até Tracchio viera. Toda a minha equipa.

– Deixa-nos tratar disto – pediu Cappy.

Acabei por deixar que tomassem conta de tudo.

Começava aos poucos a assimilar que aquilo era real. As luzes de emergência a piscar, não era imaginação da minha cabeça. Jill estava morta. Fora assassinada, não por Steve mas por August Spies.

Fiquei a vê-los levarem-na. A minha amiga Jill... Vi Claire ajudá-los a colocar o corpo na carrinha da morgue e o veículo arrancar, sirene a tocar. Joe Molinari confortou-me o melhor que pôde, mas depois teve de regressar ao Palácio da Justiça.

Quando a situação se acalmou, Claire, Cindy e eu sentámo-nos nos degraus de um edifício contíguo sob a chuva que começara a cair. Nenhuma de nós proferiu uma única palavra. No meu cérebro ecoavam perguntas para as quais não tinha respostas: *Porquê? Como se encaixava tudo aquilo? É um caso diferente! Que ligação tinha Jill com aquilo?*

Não faço ideia de quanto tempo estivemos ali sentadas. Vozes falando com urgência, luzes a piscar. Cindy chorava, abraçada por Claire. Eu demasiado chocada para conseguir falar, de punhos cerrados, repetindo a mesma pergunta vezes sem conta. *Porquê?*

Um pensamento não parava de me atormentar. *Se tivesse ido a casa de Jill naquela noite, talvez nada daquilo...*

De repente, uma música quebrou o silêncio. Era o telemóvel de Cindy. Ela atendeu com uma voz trémula.

– Estou? – Cindy inspirou. – Estou no local do crime.

Estavam a ligar-lhe do jornal.

Numa voz hesitante, transmitiu os pormenores do sucedido.

– Sim, parece fazer parte da campanha de terror. A terceira vítima... – Descreveu a cena do

crime, o *e-mail* que recebera no jornal, a hora.

Depois calou-se. Vi lágrimas correrem-lhe pela cara. Mordeu o lábio inferior, como se tivesse medo de pronunciar as palavras.

– Sim, a vítima já foi identificada. Chama-se Bernhardt... Jill. – Soletrou o nome letra a letra.

Tentou continuar a falar, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. Claire abraçou-a. Cindy inspirou e limpou os olhos.

– Sim – disse, com um aceno de cabeça. – A senhora Bernhardt era a principal assistente do procurador da cidade de São Francisco.... – Depois acrescentou num sussurro: – E também era minha amiga.

SABIA QUE NÃO IRIA conseguir pregar olho nessa noite. Não queria ir para casa.

Assim, deixei-me ficar no local do crime até a equipa de técnicos partir. Depois, durante cerca de uma hora, percorri as ruas desertas do porto à procura de alguém, um trabalhador nocturno, um sem-abrigo, qualquer pessoa que pudesse ter visto quem fora ali despejar o corpo de Jill. Conduzi por ali, o rosto lavado em lágrimas, com medo de regressar ao gabinete, com medo de ir para casa, revivendo repetidamente aquela visão horrível. Levantar a lona... ver Jill!

Conduzi até o meu carro saber para onde me dirigia. Para que outro local poderia ser? Às três da manhã. Dei por mim na morgue.

Sabia que Claire lá estaria. Fosse a que horas fosse. A fazer o trabalho dela, pois era a única coisa que a ajudaria a manter-se inteira. Com a sua bata azul, na sala de operações.

Jill encontrava-se deitada na marquesa sob as mesmas luzes intensas que haviam iluminado tantas outras vítimas.

A Jill... A minha querida e bonita menina.

Olhei através do vidro, as lágrimas a correrem-me pelo rosto. Não conseguia deixar de pensar que, de algum modo, a tinha desapontado.

Por fim, empurrei as portas de vidro. Claire encontrava-se a meio da autópsia. Como eu, fazia o seu trabalho.

– Não queres estar aqui, Lindsay – alertou ela quando me viu e tapou a ferida exposta de Jill com um lençol.

– Quero sim, Claire. – Não me mexi. Não estava com a menor intenção de me ir embora. Precisava de ver aquilo.

Claire observou o meu rosto inchado e encharcado em lágrimas. Assentiu com um pequeno esboço de um sorriso.

– Então mais vale dares-me uma ajuda. Passa-me a sonda que está naquela bandeja ali.

Entreguei a Claire o instrumento pedido e acariciei a fria e dura face de Jill com as costas da minha mão. *Como podia aquilo não se tratar de um pesadelo?*

– Danos extensos no lóbulo occipital direito. – Claire falava para o microfone preso à sua lapela – Consistente com o ferimento provocado por um único disparo efectuado por trás. Não observo ferida de saída; a bala continua alojada no ventrículo lateral esquerdo. Perda mínima de sangue na zona afectada. Que estranho... – murmurou.

Mal a escutava. Os meus olhos continuavam pregados em Jill.

– Ligeiras queimaduras de pólvora em redor do cabelo e do pescoço que indicam uma arma de pequeno calibre disparada a curta distância – continuou Claire.

Moveu o corpo. A parte de trás do crânio exposto de Jill apareceu no monitor.

Não me sentia capaz de ver aquilo e virei a cara.

– Estou agora a extrair do ventrículo esquerdo o que parece o fragmento de uma bala de pequeno calibre. – Claire prosseguiu. – Sinais de grave ruptura, sintomáticos deste tipo de ferimento, mas... pouco inchaço...

Observei enquanto explorava em redor da ferida e retirava uma bala achatada. Depois deixou-a cair para um recipiente de metal.

Fui sacudida por uma onda de raiva. Parecia de calibre 22 e estava achatada e salpicada com o sangue de Jill.

– Há algo aqui que não faz sentido – comentou Claire, perplexa. Levantou a cabeça e olhou para mim. – Esta área devia estar coberta de fluido espinal. Não há inchaço do tecido cerebral e

vejo pouco sangue.

De repente, apareceu a Claire profissional:

– Vou abrir a cavidade torácica – disse para o microfone. – Lindsay, não olhes agora.

– O que se passa, Claire? O que aconteceu?

– Há qualquer coisa que não bate certo – respondeu ela.

Claire rolou o corpo e pegou num bisturi. Em seguida, deslizou a lâmina em linha recta pelo tórax de Jill.

Desviei o olhar. Não queria ver a minha amiga daquela maneira.

– Estou a efectuar uma esternotomia – ditou Claire para o microfone. – Vou abrir a zona pulmonar. A membrana pulmonar é mole, o tecido está... degradado, espaçado... Vou agora expor o pericárdio... – Escutei Claire respirar fundo. – Merda.

O meu coração começou a bater descontroladamente. Fixei o olhar no monitor.

– Claire, o que se passa? O que estás a ver?

– Fica aí. – Levantou uma mão, como que a advertir-me. Tinha descoberto qualquer coisa terrível. O que seria?

– Oh, Lindsay – sussurrou, e por fim atreveu-se a olhar para mim. – A Jill não morreu de um disparo.

– *O quê?!*

– A ausência de inchaço, de hemorragia. – Abanou a cabeça. – O tiro foi dado depois de ela já estar morta.

– O que estás a dizer, Claire?

– Não tenho a certeza – levantou os olhos –, mas se tivesse de adivinhar... diria que foi ricina.

CONHECER PESSOALMENTE Charles Danko era sempre uma experiência intimidante. Mesmo num lugar luxuoso como era o caso do hotel Huntington em São Francisco. Danko encaixava em qualquer ambiente. Envergava um casaco de lã axadrezado, uma camisa às riscas e uma gravata de seda.

Estava acompanhado por uma rapariga, bonita, de cabelos ruivos e brilhantes. Gostava sempre de surpreender e de apanhar os outros desprevenidos. *Quem seria ela?*

Haviam-lhe dito que fosse de casaco de fato e até de gravata, se conseguisse arranjar alguma. Conseguira, e achou-a bastante engraçada, de um vermelho intenso com minúsculas cornetas estampadas no tecido.

Danko estendeu a mão de forma bastante formal; outro dos seus gestos de distanciamento. Abarcou a sala de jantar com um movimento da mão.

– Poderia haver um lugar mais seguro para nos encontrarmos? Meu Deus, o *Huntington!*

Olhou para a rapariga e riram os dois, contudo não a apresentou a Malcolm.

– Ricina – disse Malcolm. – É *brilhante*. Que dia maravilhoso! Apanhámos o Bengosian! Podemos infligir tantos danos aqui. Diabos, poderíamos erradicar *este* antro do capitalismo num piscar de olhos. Ir ao Mark e eliminar outra centena de sanguessugas. Apanhar o eléctrico e espalhar a morte por qualquer pessoa que conosco se cruzasse.

– Sim, principalmente porque eu descobri como fazê-la de uma forma concentrada.

Malcolm anuiu, mas com um certo nervosismo.

– Pensei que se tratava do G-8.

Danko olhou para a rapariga uma vez mais. Compartilharam um sorriso de superioridade. *Quem diabo é ela? Que raios saberá?*

– A tua visão é demasiado limitada, Malcolm. Já falámos sobre isso. Trata-se, acima de tudo, de aterrorizar as pessoas. E vamos assustá-las, acredita em mim. A ricina vai ajudar-nos. Irá fazer o antraz parecer algo com o qual apenas os animais das quintas deverão preocupar-se.

Fixou o seu olhar em Malcolm.

– Tens um sistema de distribuição para mim? Para a ricina?

Malcolm, pelo seu lado, já deixara de olhar para Danko.

– Tenho.

– E mais dos teus explosivos?

– Podíamos apagar o Huntington do mapa. E o Mark também. – Malcolm permitiu-se por fim um sorriso tímido. – Muito bem, quem é *ela?*

Danko inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

– É alguém brilhante, tal como tu. É uma arma secreta. Deixemos as coisas assim. Apenas outro soldado – explicou, e depois olhou a rapariga nos olhos. – Há sempre outro soldado, Malcolm. E é isso que deve estar a assustar toda a gente neste momento.

MICHELLE ESCUTOU VOZES no outro quarto. Mal tinha regressado do seu encontro. Julia estava tão excitada como se tivesse ganho a lotaria, mas Michelle sentia-se muito mal.

Sabia que tinham feito coisas terríveis. O último assassinato não lhe parecera muito bem. Aquela bonita e inocente procuradora. Conseguira pôr de lado a imagem de Charlotte Lightower e da mulher-a-dias que haviam morrido na explosão graças ao facto de as crianças terem sido salvas. Por seu lado, Lightower e Bengosian não passavam de escumalha avarenta e culpada.

Mas esta. Que tinha ela feito para constar da lista? Só porque trabalhava para o Estado? Que havia dito Malcolm? « Esta é apenas por prazer, só para mostrar que podemos.» Só que Michelle não acreditava realmente nisso. Em tratando-se de Malcolm, havia sempre um motivo oculto.

A pobre procuradora distrital sabia que ia morrer no instante em que foi obrigada a entrar na carrinha. Mas nunca se rendeu. Nem por um instante. Michelle achara-a corajosa. O verdadeiro crime consistiu em nunca lhe terem dito porque tinha de morrer! Nem ao menos isso lhe haviam concedido.

A porta abriu com um rangido e Malcolm entrou como se não fosse nada. O olhar de triunfo no seu rosto deixou Michelle com pele de galinha. Deitou-se ao lado dela, cheirando a tabaco e a álcool.

– O que aconteceu à minha menina divertida?

– Esta noite não – declarou Michelle com um pequeno arquejar asmático.

– Esta noite não? – Malcolm sorriu.

Michelle sentou-se na cama.

– Não entendo. Porquê ela? O que foi que ela fez?

– O que foi que qualquer um deles fez? – Malcolm afagou-lhe o cabelo. – Tinham o empregador errado, querida. Ela representava o Estado corrupto que aprova a pilhagem criminosa do mundo. Foi isso que ela fez, Michelle. Ela representava os carros de combate no Iraque, a Grumman, a Dow Chemical e a Organização Mundial de Comércio todos juntos. Não te deixes enganar pelo facto de ser uma mulher bonita.

– Disseram nas notícias que ela colocava os assassinos atrás das grades e que chegou a apresentar queixas contra alguns directores executivos em casos de escândalos empresariais.

– E eu já te disse para *não* acreditares em tudo o que dizem na televisão, Michelle. Às vezes há pessoas que fazem coisas boas e que morrem. Não te esqueças disso.

Dirigiu-lhe um olhar horrorizado. A sua respiração tornou-se mais difícil e ruidosa. Apalpou a cama em busca do seu novo inalador, porém Malcolm imobilizou-lhe a mão.

– O que pensavas, Michelle? Que estávamos metidos nisto só para aniquilar uns quantos milionários gordos e avarentos? A nossa luta é contra o Estado. O Estado é demasiado poderoso. Não vou deitar-me de patas para cima, rebolar e morrer sem dar luta.

Michelle obrigou-se a respirar. Percebeu nesse momento que era diferente de Malcolm. Diferente deles todos. Ele chamava-lhe pequenina. Mas estava enganado. Uma menina pequenina não fazia as coisas terríveis que ela havia feito. Arquejou de novo.

– Preciso do meu inalador, Malcolm. Por favor.

– E eu preciso de saber que posso confiar em ti, querida. – Pegou no inalador e começou a rolá-lo por entre os dedos como se de um brinquedo se tratasse.

A respiração de Michelle começava a ficar cada vez mais ruidosa e difícil. E Malcolm só estava a piorar as coisas, assustando-a daquela maneira. Não fazia ideia do que ele era capaz.

– Podes confiar em mim, Malcolm. Sabes bem disso – murmurou.

– É verdade que o sei, Michelle, mas não é comigo que estou preocupado. Quero dizer, trabalhamos para outra pessoa, não é verdade, querida? O Charles Danko não é tão indulgente quanto eu. É duro o suficiente para os derrotar no seu próprio jogo. O homem é um gênio.

Michelle arrancou o inalador das mãos de Malcolm e pressionou-o duas vezes, fazendo chegar o mitigante líquido pulverizado aos pulmões.

– Sabes o que a ricina tem de bom? – Malcolm sorriu. – Pode entrar na corrente sanguínea de várias maneiras diferentes. – Baixou o dedo indicador duas vezes como se estivesse a apertar um inalador imaginário. Depois voltou a sorrir. – *Tchht, tchht.*

Os seus olhos exibiam um brilho que ela nunca tinha visto.

– Uau, isso sim faria grandes estragos nos teus pulmões, não era, querida? *Tchht, tchht.*

REINAVA O CAOS naquela manhã no Palácio da Justiça. Nunca desde que entrara na polícia me sentira tão assustada.

Uma assistente do procurador distrital assassinada. A terceira vítima de August Spies.

Por volta das seis, o lugar parecia ter sido tomado por centenas de agentes federais: FBI, Departamento de Justiça, Agência de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. No quarto andar, os jornalistas apinhavam-se na sala de imprensa, à espera de uma espécie de comunicado. Na primeira página do *Examiner* lia-se em grandes parangonas: QUEM SE SEGUIRÁ?

Estava a rever algumas das informações do local do homicídio de Jill quando Joe Santos e Phil Martelli me surpreenderam batendo à porta do gabinete.

– Lamentamos muito o que aconteceu à senhora Bernhardt – disse Santos, entrando.

Coloquei os papéis de lado e agradei com um aceno de cabeça.

– Foi simpático da vossa parte terem vindo.

Martelli encolheu os ombros.

– Na verdade, não foi apenas por isso que viemos, Lindsay.

– Decidimos voltar a dar uma olhadela aos nossos registos sobre o caso Hardaway – explicou Santos, sentando-se. Sacou de um envelope vermelho. – Achamos que se ele está aqui, como tudo indica, teria de aparecer em algum lado.

Santos extraiu do envelope uma série de fotografias a preto e branco.

– Esta é de uma manifestação que estávamos a vigiar. Foi no dia vinte e dois de Outubro. Há seis meses.

Tratava-se de fotos de vigilância da multidão, logo, de ninguém em particular. Não tardou a aparecer um rosto destacado por um círculo. Cabelo ruivo, queixo estreito, barba rala. Vestindo um casaco militar escuro, calças de ganga e um lenço que lhe chegava aos joelhos.

O meu sangue começou a borbulhar. Desloquei-me até ao quadro e comparei-a com as fotografias do FBI tiradas em Seattle há cinco anos.

Stephen Hardaway.

O filho-da-mãe tinha estado ali há seis meses.

– É aqui que a coisa começa a ficar interessante – afirmou Phil Martelli com um piscar de olho.

Mostrou-me mais um par de fotos. Uma manifestação diferente. Hardaway de novo. Mas desta vez encontrava-se ao lado de alguém que reconheci de imediato.

Roger Lemouz.

Hardaway tinha um braço sobre os seus ombros.

MEIA HORA MAIS TARDE estacionei na Durant Avenue, na entrada sul da universidade. Entrei a correr em Dwinelle Hall, onde Lemouz tinha o seu gabinete.

O professor encontrava-se lá, com um casaco de lã e uma camisa de linho branca, a conversar alegremente com uma aluna de cabelo comprido e ruivo.

– A festa chegou ao fim – declarei.

– Ah, senhora tenente. – Sorrii. Aquele sotaque condescendente de Eton ou Oxford ou de onde quer que fosse. – Estava aqui a explicar à Annette que, segundo Foucault, as mesmas forças que historicamente desencorajam a classe também afectam o género.

– Pois a aula chegou ao fim, *Cenoura*. – Dirigi à estudante um olhar que dizia «Tens dez segundos para te pões daqui para fora» e foi esse o tempo que ela demorou a reunir os seus livros e a sair. Tenho de confessar que me mostrou o dedo do meio ao chegar à porta e que eu lhe devolvi o gesto.

– Estou encantado por voltar a vê-la. – Lemouz pareceu não se incomodar e recostou-se na cadeira. – Dadas as tristes notícias desta manhã, estou em crer que o tema da nossa conversa irá girar em torno da política e não dos progressos das mulheres.

– Acho que me enganei a seu respeito, Lemouz. – Permaneci de pé. – Pensei que não passasse de um agitador de meia-tigela, mas quer-me parecer que é um verdadeiro activista.

Lemouz cruzou as pernas e lançou-me um sorriso condescendente.

– Não sei se entendo o que está a querer dizer.

Tirei da mala o envelope com as fotos de Santos.

– O que me está realmente a agradar, Lemouz, é que sou *eu* quem está a manter o seu couro longe da Segurança Interna. Se lhes entregar o seu nome e as suas declarações públicas, da próxima vez que o vir será numa cela.

Lemouz encostou-se na cadeira sem reprimir um sorriso divertido.

– E está a avisar-me *porquê*, tenente?

– Quem disse que estou a avisá-lo?

A sua expressão alterou-se. Não fazia ideia do que eu sabia sobre as suas actividades. E isso agradava-me.

– O que eu acho piada – Lemouz abanou a cabeça – é que a sua bendita Constituição se mostra cega perante as pessoas que neste país usam um chador ou que possuem o sotaque errado, mas encara como uma ameaça à sociedade livre quando se trata da morte de um par de empresários gananciosos e uma bonita assistente do procurador distrital.

Fiz de conta não ter escutado o que ele acabara de dizer.

– Há uma coisa que quero que veja, Lemouz.

Abri o envelope e espalhei sobre a secretária as fotografias que o FBI havia tirado de Stephen Hardaway.

Lemouz encolheu os ombros.

– Não sei. Talvez já o tenha visto... Mas não me recordo onde. Estuda aqui?

– Não estava a prestar atenção, Lemouz – Coloquei outra foto à frente dele. Depois outra. E uma terceira. As tiradas por Santos e por Martelli que mostravam Hardaway ao seu lado, uma com o braço por cima do seu ombro. – Como posso encontrá-lo, Lemouz? *Como?*

Ele abanou a cabeça.

– Não faço ideia. Estas fotografias não são recentes. Creio que era um professor que prenderam após o onze de Setembro. No Outono passado. Assistiu a algumas das nossas

manifestações. Não voltei a vê-lo desde essa altura. Na verdade, nem sequer o conheço muito bem.

– Isso não chega – pressionei-o.

– Não sei. Estou a falar a verdade, tenente. Segundo me lembro, era de algures do Norte. Eugene? Seattle? Andou por aqui durante um tempo, mas tudo parecia aborrecê-lo.

Pela primeira vez, acreditava em Lemouz.

– Que nome usava ele nessa altura?

– Não era Hardaway. Era Malcolm qualquer coisa. Malcolm Dennis, creio. Não sei onde ele está agora. Não faço a mínima ideia.

Uma parte de mim ficou radiante por ver o ar superior de Lemouz cair por terra.

– Preciso de saber mais uma coisa. Mas vai ficar entre nós. *Okay?*

Lemouz acenou afirmativamente com a cabeça.

– Com certeza.

– O nome August Spies. É-lhe familiar?

Lemouz pestanejou. O seu rosto recuperou a cor.

– É o nome que usam?

Sentei-me e aproximei a minha cadeira da dele. Nunca antes mencionara aquele nome e ele *conhecia-o*. Era visível no seu rosto.

– Diga-me, Lemouz. Quem é August Spies?

– JÁ ALGUMA VEZ OUVIU falar do Massacre de Haymarket? – perguntou-me ele, falando como se eu fosse uma das suas alunas.

– O de Chicago? – disse.

– Muito bem, tenente. – Lemouz anuiu. – Ainda lá se encontra a estátua que erigiram para comemorar o acontecimento. No primeiro de Maio de mil oitocentos e oitenta e seis, teve lugar uma enorme manifestação laboral em Michigan Avenue. Foi, naquela altura, a maior concentração das classes trabalhadoras da história dos Estados Unidos. Oitenta mil trabalhadores, para além de mulheres e crianças. O primeiro de Maio é comemorado em todo o lado como o dia do trabalhador. Em todo o lado, claro – referiu com um esgar – *menos nos Estados Unidos*.

– Vá directo ao assunto. Dispensar a parte política.

– A manifestação foi pacífica – continuou Lemouz – e nos dois dias que se seguiram foram cada vez mais os trabalhadores que entraram em greve e se manifestaram. Depois, no terceiro dia, a polícia disparou sobre a multidão. Dois manifestantes morreram. No dia seguinte organizaram outra manifestação. Em Haymarket Square. E nas ruas Randolph e Des Plaines.

«Começaram a escutar-se discursos irados contra o governo. O presidente da Câmara ordenou à polícia que dispersasse a multidão. Cento e setenta e seis polícias de Chicago avançaram sobre a praça em falange e agrediram os manifestantes com os seus bastões. Depois abriram fogo. Quando a poeira baixou, havia sete polícias e quatro manifestantes mortos. A polícia precisava de bodes expiatórios e, por isso, prendeu oito dirigentes sindicais, alguns dos quais nem sequer tinham estado na manifestação naquele dia.

– Onde pretende chegar com isso?

– Um deles era um professor chamado August Spies. Julgaram-nos e enforcaram-nos a todos. Pendurados pelo pescoço até à morte. Mais tarde, provou-se que Spies não tinha estado sequer em Haymarket. No cadafalso disse: «Se pensam que ao enforcar-nos conseguirão destruir o movimento sindical, então enforcuem-nos. O chão que pisais está em chamas. *Deixem ouvir a voz do povo.*»

Lemouz olhou-me directa e profundamente nos olhos.

– Um momento que quase passou despercebido na história do seu país, tenente, mas um momento que seria fonte de inspiração. Que, pelos vistos, já o é.

EM BREVE MORRERIA GENTE ali. Muita gente, até.

Sentado, Charles Danko fazia de conta ler o *Examiner* sob a gigantesca fonte do brilhante átrio de vidro do Rincon Center, junto a Market Street, na Baixa, próximo da Bay Bridge. Por cima dele, uma coluna de água com quase vinte metros abatia-se com toda a força num tanque pouco profundo.

Os Americanos gostam de ficar espantados, pensou com os seus botões. Apreciavam-no nos filmes, na arte *pop* e até nos centros comerciais. *Assim sendo, farei com que fiquem de boca aberta. Farei com que fiquem atónitos perante a morte.*

Aquele lugar iria fervilhar de actividade não tardaria, Danko sabia-o. Os restaurantes do Rincon Center estavam a preparar-se para a multidão de comensais da hora de almoço. Uma debandada de mil ou mais pessoas oriundas dos escritórios de advogados, das grandes imobiliárias e das assessorias fiscais do distrito financeiro.

Que pena que isto não possa durar um pouco mais, cogitou Charles Danko, e suspirou como quem esperou muito tempo por um instante concreto. O Rincon Center era um dos seus locais preferidos de São Francisco.

Danko não deu sinais de conhecer o homem negro e bem vestido que se sentou ao seu lado, de frente para a fonte. Sabia tratar-se de um veterano da Guerra do Golfo desiludido com o sistema. Era um homem de confiança, embora talvez um pouco nervoso.

– O Malcolm disse-me que podia tratá-lo por «professor» – pronunciou o negro por entre dentes.

– E tu és o Robert? – inquiriu Danko.

O homem anuiu.

– Sou eu mesmo.

Uma mulher começou a tocar piano no centro do átrio. Todos os dias, às dez para o meio-dia, uma das melodias do *Fantasma da Ópera* ressoava naquele espaço gigantesco.

– Sabes quem tens de procurar? – perguntou Danko.

– Sei – respondeu o homem, seguro de si. – Cumprirei o meu trabalho. Não tem de se preocupar comigo. Sou um bom soldado.

– Tem de ser o homem certo – insistiu Danko. – Vais vê-lo entrar na praça por volta do meio-dia e vinte. Irá atravessá-la, talvez deixar algumas moedas ao pianista. Depois entrará em Yank Sing.

– Parece muito confiante de que ele virá.

Danko olhou finalmente para o homem e sorriu.

– Estás a ver aquela coluna de água, Robert? Cai de uma altura de precisamente vinte e seis metros. Sei isso porque estive sentado neste local durante muito tempo. Calculei o ângulo exacto que forma a linha imaginária desde o centro do tanque e o ponto de queda da água com o plano da base. Com esses dados, foi fácil calcular a altura. Sabes quantos dias estive aqui sentado e observei a fonte, Robert? Não te preocupes, ele estará aqui.

Charles Danko ergueu-se. Deixou a pasta para trás.

– Agradeço-te, Robert. Estás a fazer algo que exige muita coragem. Algo pelo qual poucas pessoas te elogiarão. Boa sorte, meu amigo. Hoje és um herói. – *E ao mesmo tempo estás a servir os meus propósitos.*

DESPEDIMO-NOS DE JILL em Highland Park, no Texas, numa tarde fria e húmida. Já me vira obrigada a dizer adeus a outros entes queridos, mas nunca antes me senti tão vazia, tão paralisada.

O templo era uma estrutura de tijolo e vidro com um luminoso santuário. O rabino era uma mulher, e Jill teria gostado desse pormenor. Toda a gente esteve presente. O chefe Tracchio, o procurador distrital Sinclair e alguns companheiros do gabinete. Claire, Cindy e eu. Um grupo de raparigas da escola secundária e da universidade com as quais havia mantido o contacto ao longo dos anos. E Steve também lá estava, claro, mas eu não conseguia sequer dirigir-lhe a palavra.

Ocupámos os nossos lugares e um coro local cantou uma ária da ópera *Turandot*, a preferida de Jill.

Bennett Sinclair proferiu algumas palavras. Elogiou Jill como o membro mais dedicado da sua equipa de assistentes.

– Toda a gente dizia que ela era um osso duro de roer. E era mesmo. Mas nunca ao ponto de sacrificar o respeito e a humanidade. A maioria de nós perdeu uma boa amiga – comprimiu os lábios –, mas a cidade de São Francisco vai sentir muita falta de uma excelente advogada.

Uma colega de turma de Stanford mostrou uma fotografia de Jill na equipa feminina de futebol que chegou à final nacional, e pôs toda a gente a rir ao afirmar que não era difícil saber quem estava realmente empenhada, pois Jill era a única da equipa que brincava dizendo que «dupla» significava ter duas licenciaturas.

Levantei-me e falei brevemente.

– Todos conheciam Jill Meyer Bernhardt como uma pessoa segura, uma vencedora de elevado potencial. A primeira da sua turma de Direito. Possuía o índice mais alto de condenações da equipa da procuradoria. Escalou a Sultan's Spire no Moabe – enumerei. – Também a conhecia por todas essas coisas, mas conheci-a sobretudo como a amiga cujo maior desejo não consistia em obter condenações ou casos importantes, mas simplesmente em dar à luz uma criança. Essa era a Jill que eu mais amava, a verdadeira Jill.

Claire tocou violoncelo. Subiu lentamente para a plataforma e ficou ali sentada a tocar durante uns instantes, depois o coro juntou-se a ela numa extraordinária e bonita versão de *Loving Arms*, uma das melodias favoritas de Jill. Quantas vezes a cantámos, nos nossos encontros depois do trabalho, no Susie's, com a afinação encharcada em *margaritas*. Vi Claire fechar os olhos e os tremores do violoncelo. Isso e as vozes suaves em fundo constituíram o tributo perfeito a Jill.

Ao iniciar-se o último verso, os cangalheiros pegaram no caixão, e foi a custo que a família de Jill se ergueu para os seguir.

Nesse momento, alguns de nós começaram a bater palmas. Tímidas ao início, à medida que ia passando a procissão, mas depois, um a um, todos se juntaram.

Ao aproximarem-se da porta traseira, os carregadores detiveram-se uns instantes, como se para se assegurarem de que Jill ouviria o seu tributo até ao fim.

Eu olhava para Claire. Corriam-me as lágrimas pela face e pensei que não acabariam nunca. A minha vontade era gritar, *Força, Jill...* Claire apertou-me uma mão e Cindy apertou a outra.

E eu pensei para comigo, *Encontrarei o filho-da-mãe, Jill. Tu descansa em paz.*

JÁ PASSAVA DA MEIA-NOITE quando Cindy chegou a casa. Tinha os olhos ásperos, o corpo entorpecido e questionou-se se alguma vez recuperaria da morte de Jill.

Sabia que não iria conseguir dormir. O atendedor automático piscava. Havia estado incontactável todo o dia. Devia verificar a sua caixa de correio electrónico, quiçá isso a ajudasse a tirar Jill da cabeça.

Sentou-se ao computador e leu a primeira página do *Chronicle*. A notícia do dia era a ricina. O resultado da autópsia de Jill acabara por se saber. A sua morte, juntamente com a de Bengosian, deixara a cidade em pânico. Com que facilidade de poderia obter a ricina? Quais eram os sintomas? E se fosse introduzida no sistema de abastecimento de água? Existiam antídotos? Quantas pessoas poderiam morrer em São Francisco?

Preparava-se para ver os seus *e-mails* quando uma mensagem instantânea piscou no seu monitor. Hotwax1199.

« Não percas tempo a verificar a origem », começava a mensagem.

Cindy ficou imóvel.

« Nem sequer vale a pena escrevê-la. Pertence a um miúdo do sexto ano de Dublin, no Ohio. Ele nem sequer sabe que a utilizámos. Chama-se Marion Delgado », continuava a mensagem. « Sabes quem eu sou? »

« Sim », respondeu Cindy. « Sei muito bem quem és. És o filho-da-mãe que matou a minha amiga Jill. Porque estás a contactar-me? »

« Haverá outro ataque », foi a resposta.

« Amanhã. Não será como o anterior. Muitas pessoas inocentes irão morrer. Gente completamente inocente. »

« Onde? », teclou Cindy e esperou, angustiada. « Podes dizer-me onde? Por favor! »

« A reunião do G-8 tem de ser cancelada. Disseste que querias ajudar, pois então ajuda, raios partam! Esta gente, o governo, tem de reconhecer os seus crimes. Mata pessoas inocentes por causa do petróleo. Dá carta branca às multinacionais que rapinam os pobres em todo o mundo. Disseste que querias dar a conhecer a nossa mensagem. Esta é a tua oportunidade. Faz com que estes ladrões e assassinos deixem de cometer crimes. »

Fez-se silêncio. Cindy não tinha a certeza se o seu correspondente ainda ali se encontrava. Não sabia o que fazer em seguida. Apareceram mais palavras no monitor.

« Faz com que reconheçam os seus crimes. É a única maneira de evitar estas mortes. »

Isto era outra coisa, pensou Cindy. O autor daquelas mensagens estava a pedir ajuda. Talvez um resquício de culpabilidade ou de raciocínio estivesse a conter toda a loucura.

« Quer-me parecer que desejas acabar com esta loucura », escreveu Cindy. « Por favor, diz-me o que vai acontecer. Ninguém tem de morrer! »

Nada. Nenhuma resposta.

– Merda! – Cindy bateu no teclado.

Estavam a usá-la, nada mais. Estavam a usá-la para fazerem passar a sua mensagem. Escreveu:

« Porque teve Jill Bernhardt de morrer? Que crime cometeu? Roubo de petróleo? Globalização? O que foi que ela fez? »

Passaram trinta segundos. Depois um minuto. Cindy tinha a certeza de que o seu interlocutor já lá não estava. Não se devia ter irritado. Aquilo era maior e mais importante do que a sua raiva ou a sua dor.

Acabou por encostar a cabeça ao monitor. Quando olhou para cima, não podia acreditar. Havia aparecido mais palavras.

« Jill Bernhardt nada teve que ver com o G-8. Este não foi como os outros. Este foi pessoal », dizia a mensagem.

ALGO TERRÍVEL ocorreria nesse dia, assegurava o último *e-mail* que Cindy recebera. E o seu estranho correspondente também não se equivocara, não a induzira em erro nem a enganara.

Que sensação tão insuportável de fracasso, de impotência, ver o amanhecer irromper no céu e saber que, apesar de todos os recursos do governo dos Estados Unidos, da vigilância tão avançada e das advertências e polícias colocados nas ruas, apesar de todos os anos passados a resolver crimes... August Spies atacaria de novo hoje. Não podíamos fazer nada para deter os assassinos.

Nessa manhã encontrava-me no Centro de Comando de Emergência da cidade, um desses « locais não revelados », discretamente oculto num edifício cinzento e indeterminado, situado numa zona remota do estaleiro naval de Hunter's Point. Era uma sala ampla repleta de monitores e equipamento de comunicação de alta tecnologia. Todos estavam nervosos. O que iriam os August Spies tirar da manga agora?

Joe Molinari também lá se encontrava. O presidente da Câmara, Tracchio, os chefes dos bombeiros e dos serviços de emergência, todos reunidos em redor da « mesa de guerra ».

Claire também viera. A última ameaça deixara toda a gente em pânico a pensar que se tratava de um ataque indiscriminado com ricina. Molinari tinha um perito em toxinas de alerta.

Durante a noite decidíamos revelar o nome e a descrição de Hardaway à imprensa. Ainda não havíamos conseguido localizá-lo e a situação agravava-se exponencialmente. Já não se tratava de uma questão de assassinato, mas sim de segurança pública. Estávamos seguros de que Hardaway estava de alguma forma envolvido em tudo aquilo e de que era um homem bastante perigoso.

As notícias televisivas da manhã não tardaram. As três estações de televisão abriram os noticiários com o rosto de Hardaway. Aquilo parecia uma enervante contagem decrescente para o dia do Juízo Final retirada de um filme, só que muito pior. A ideia de que, de um momento para o outro, podia explodir uma bomba na nossa cidade ou propagar-se uma toxina, até por meios aéreos.

Por volta das sete começaram a chegar a conta-gotas os testemunhos de gente que afirmava ter visto Hardaway. Um empregado de escritório tinha a certeza de o ter avistado em Oakland há duas semanas, num supermercado aberto toda a noite. Outras chamadas eram oriundas de Spokane, Albuquerque e até de New Hampshire. Quem poderia dizer se eram verdadeiras? Mas todas tinham de ser verificadas.

Molinari estava ao telefone com alguém chamado Ronald Kull, da Organização Mundial de Comércio.

– Creio que devíamos emitir uma espécie de comunicado – pressionou o director-adjunto. – Sem admitir nada, mas dizendo que a organização tomará em consideração as queixas, na condição de que parem de imediato com a violência. Isso fará com que possamos ganhar algum tempo. E quiçá salvar muitas vidas.

Pareceu chegar a algum tipo de acordo e garantiu que o redigiria ele mesmo. Contudo, ainda tinha de ser aprovado por Washington e pela Organização Mundial de Comércio.

Tanta burocracia! E o relógio não parava. A qualquer momento aconteceria uma tragédia.

Depois, tal como a mensagem electrónica avisara, aconteceu.

Eram oito horas e quarenta e dois minutos da manhã. Creio que nunca esquecerei esse dia.

CRIANÇAS DE UMA ESCOLA primária de Redwood City adoecem depois de beberem água de uma fonte ... Essas foram as primeiras palavras arrepiantes que escutámos.

Todos os corações da sala deram um salto à mesma hora: Oito e quarenta e dois. Passados poucos segundos, Molinari já estava ao telefone com o director da escola. Decidiram evacuá-la de imediato. Claire, que havia colocado uns auriculares com microfone, tentava estabelecer ligação com o veículo de emergência que transportava as crianças doentes.

Nunca antes na minha vida tinha visto as pessoas mais capazes da cidade tão tomadas pelo pânico. Molinari deu instruções escrupulosas ao director da escola:

– Ninguém toca na água até nós chegarmos. Tem de evacuar a escola agora mesmo.

Ordenou que uma equipa do FBI se deslocasse a Redwood City de helicóptero. O perito em toxicologia estava a ouvir todas as conversas.

– Se for ricina – explicou –, iremos assistir a convulsões, constrição bronquial massiva e intensos sintomas gripais.

Claire falava com a enfermeira da escola. Identificou-se e pediu:

– Preciso que me descreva com precisão os sintomas apresentados pelas crianças.

– Não sei o que foi – disse uma voz em pânico. – Os meninos sentiram-se de súbito fracos, mostrando sinais de náuseas severas. A temperatura corporal subiu quase aos quarenta graus. Queixavam-se de dores abdominais e vomitavam.

Um dos helicópteros de emergência tinha já chegado à escola e enviava-nos imagens aéreas. Viam-se crianças a correr para a saída, guiadas pelos professores. Pais assustados começavam a chegar ao local.

De repente, recebemos uma segunda informação. Um trabalhador havia desmaiado numa obra em San Leandro, do outro lado da baía. Não sabiam se se tratava de um ataque cardíaco ou de algo que ele ingerira.

Enquanto tentávamos averiguar, a notícia apareceu nos monitores da televisão:

– Notícia de última hora... A escola primária de Redwood City foi evacuada depois de algumas crianças terem sido levadas de emergência para um hospital local, após terem desmaiado e vomitado, sintomas possivelmente relacionados com uma substância tóxica. Isso, para além dos alertas de uma possível acção terrorista hoje...

– Mais alguma informação sobre as crianças doentes? – perguntou Molinari pelo telefone.

– Ainda nada – respondeu o director da escola.

A escola havia sido completamente evacuada e o helicóptero continuava a sobrevoar o local.

De súbito, um médico das urgências pôs-nos ao corrente.

– As temperaturas das crianças oscilam entre os trinta e sete e os quarenta graus – informou o médico. – Náuseas agudas e dispneia. Não sei o que está a causar estes sintomas. Nunca tinha lidado com nada semelhante.

– Deve recolher de imediato amostras da boca e do nariz e analisá-las para determinar se foram expostos – informou o perito em toxinas. – E fazer radiografias. Procure todo o tipo de infiltrações bilaterais.

Claire interrompeu.

– Como estão as funções pulmonares? As crianças respiram bem?

Toda a gente aguardou ansiosamente.

– Parecem estar a funcionar – relatou o médico.

Claire agarrou Molinari pelo braço.

– Escute, não sei o que se passa aqui, mas não creio que se trate de ricina – declarou.

– Como pode ter a certeza?

Claire tinha a palavra.

– A ricina provoca uma necrose das células vasculares. Eu vi os resultados. Os pulmões já estariam a degradar-se. Para além disso, a ricina tem um período de incubação de quatro a oito horas, não é assim doutor Taub? – perguntou ao perito em toxicologia.

Este admitiu-o com alguma má vontade.

– Isso significa que as crianças tiveram de estar expostas durante a noite. Se os pulmões estão a funcionar bem, não creio que tenha nada que ver com aquela água. Talvez se trate de estafilococos ou de estricnina.... Mas não acredito que seja ricina.

Os minutos passaram devagar enquanto os médicos em Redwood City faziam a primeira série de testes de diagnóstico.

Uma equipa de médicos de emergência encontrava-se em San Leandro. Informaram que o trabalhador da obra havia sofrido um ataque cardíaco mas que já se encontrava estabilizado.

– Um ataque cardíaco – repetiram.

Minutos mais tarde, foi a vez de Redwood City entrar em contacto connosco. As radiografias ao tórax não revelavam qualquer deterioração pulmonar.

– As análises sanguíneas mostram vestígios de enteroxina estafilocócica B.

Observei a expressão de Claire.

– Que diabo significa isso? – quis saber Fiske, o presidente da Câmara.

– Quer dizer que as crianças sofreram uma grave infeção por estafilococos – explicou com um suspiro. – É grave e é contagioso, mas não é ricina.

AO MEIO-DIA o Rincon Center estava a abarrotar. Centenas de pessoas conversavam enquanto comiam, observavam as páginas desportivas dos jornais, deambulavam com sacos da *Gap* ou da *Office Max*. Ou descansavam apenas sob a enorme coluna de água que se abatia do tecto cintilante.

O pianista tocava Mariah Carey: «A hero comes along...» Mas ninguém parecia prestar atenção à música ou ao pianista. Diabos, ele era péssimo.

Sentado a ler o jornal, Robert sentia o coração a bater violentamente. Já não havia lugar para conversas ou argumentos, não parava de pensar. Já chegava de esperar que as coisas mudassem. Hoje faria o que era devido. Deus sabia que o haviam privado dos seus direitos. Havia passado tempo suficiente nos hospitais de veteranos, enlouquecera por causa das experiências vividas em combate... Tudo para depois ser abandonado. Por isso se transformara num radical.

Deu um pequeno toque com o sapato na mala de couro, só para se assegurar de que ainda lá estava. Recordou-se de algo que tinha visto na televisão, numa dramatização da guerra civil. Um escravo foragido havia sido libertado para logo ser recrutado pelos exércitos do Norte. Lutou em algumas das batalhas mais sangrentas. No fim de uma delas, avistou o seu antigo amo ferido, por entre os prisioneiros confederados. «Olá, amo», cumprimentou-o ao aproximar-se. «Parece que os papéis se inverteram, não é verdade?»

E era nisso que pensava Robert ao mesmo tempo que observava os advogados e banqueiros que, sem suspeitarem de nada, levavam a comida à boca. *Os papéis inverteram-se...*

Viu por entre a multidão que o homem pelo qual esperava entrava em cena – o homem com o cabelo grisalho. Sentiu o sangue correr-lhe mais depressa nas veias. Levantou-se, enfiou os dedos em redor da alça da pasta e manteve os olhos fixos no homem... O seu alvo.

Havia chegado o momento, disse para si mesmo, *em que os discursos elaborados, as promessas e os sermões se transformavam em actos*. Colocou o jornal de lado. A zona em redor da fonte estava apinhada de gente. Encaminhou-se para o piano.

Estás com medo de entrar em acção? Estás com receio de colocar a roda em movimento?

Não, respondeu Robert. *Estou pronto. Há anos que estou preparado.*

Parou e esperou junto ao piano. O pianista começou a tocar outra melodia, *Something*, dos Beatles. Mais lixo dos brancos.

Robert sorriu ao jovem ruivo sentado frente ao teclado. Tirou uma nota da carteira e deitou-a para o recipiente.

Obrigado, meu, anuiu o pianista.

Robert respondeu com outro aceno de cabeça, quase riu da falsa camaradagem e encostou a pasta a uma das pernas do piano. Observou o progresso do seu alvo, que se encontrava a uns dez metros de distância, e, como que acidentalmente, empurrou a pasta para debaixo do piano com a ponta do pé. *Isto é para vocês, seus filhos-da-mãe!*

Começou a deslocar-se lentamente para a entrada norte. *É agora*. Era o momento pelo qual esperara. Meteu a mão no bolso à procura do telemóvel roubado. O alvo encontrava-se a apenas quatro metros e meio. Robert virou-se junto à porta de saída e avaliou a situação.

O homem do cabelo grisalho parou perto do piano, tal como o Professor garantira. Tirou um dólar da carteira. Atrás dele, a coluna de água de vinte e quatro metros continuava a cair do tecto.

Robert empurrou as portas, afastou-se do edifício e pressionou as teclas pré-designadas no

telemóvel: G-8.

Depois o mundo inteiro pareceu explodir em fumo e em chamas. Robert sentiu a maior satisfação da sua vida. Aquela era uma guerra na qual *desejava* lutar.

Não chegou a ver o clarão, apenas as portas a rebentarem e o edifício a contorcer-se e a transformar-se num amontoado de cimento e vidro.

Vamos dar início à revolução.... Robert sorriu. *Os papéis inverteram-se...*

ESCUTOU-SE UM GRITO BEM ALTO no Centro de Comando de Emergência. Um dos agentes que escutava a frequência da polícia arrancou os auscultadores da cabeça.

– Acabou de explodir uma bomba no Rincon Center!

Voltei-me para Claire e senti como se me tivessem roubado a vida. O Rincon Center era um dos locais mais espectaculares da cidade. Situado no coração do distrito financeiro, albergava agências governamentais, escritórios e centenas de apartamentos. Àquela hora do dia devia estar repleto de gente. Quantas pessoas teriam perdido a vida?

Não ia ficar ali à espera que os relatos da polícia me informassem sobre os danos causados e o número de vítimas. Saí do Centro de Comando de Emergência com Claire logo atrás de mim. Apanhámos boleia da carrinha do médico-legista e demorámos cerca de quinze minutos a chegar à Baixa e a abrir caminho por entre o labirinto de trânsito, veículos dos bombeiros e curiosos que se amontoavam em redor da zona afectada. Segundo as informações que iam chegando pelo rádio, a bomba deflagrara no átrio, o lugar mais movimentado àquela hora.

Abandonámos a carrinha na esquina da Beale e da Folsom e desatámos a correr. Vimos o fumo que se erguia do Rincon a alguns quarteirões de distância. Tínhamos de ir pela entrada da Steuart Street, passando frente ao Red Herring, ao Harbor Court Hotel, ao YMCA.

– Lindsay, isto é terrível, terrível – gemeu Claire.

A primeira coisa de que me apercebi foi do intenso cheiro a cordite. As portas exteriores tinham sido reduzidas a cacos. Havia pessoas sentadas no passeio, a tossir, a sangrar, com estilhaços e cortes provocados pelos vidros, a tentar expelir o fumo dos pulmões. Os sobreviventes continuavam a ser evacuados. Isso significava que encontraríamos o pior no interior.

Inspirei fundo.

– Vamos. Tem *cuidado*, Claire.

Estava tudo coberto por uma fuligem negra e quente. O fumo parecia querer trespassar-me os pulmões. A polícia tentava abrir uma clareira. Os bombeiros apagavam algumas chamas.

Claire ajoelhou-se ao lado de uma mulher com a cara queimada que gritava não conseguir ver nada. Avancei mais para o interior. Uns quantos corpos jaziam no centro do átrio, perto da Coluna de Chuva, que continuava a deitar água para um tanque construído no chão. *Que mal fizeram estas pessoas? É esta a sua ideia de guerra?*

Os polícias com maior experiência gritavam ordens para os rádios que traziam na mão, mas vi agentes mais jovens simplesmente petrificados e a tentarem segurar as lágrimas.

No centro do átrio vislumbrei um amontoado de madeira retorcida e arame derretido – os restos do que poderia ter sido um piano. Niko Magitakos, da Brigada de Minas e Armadilhas, encontrava-se agachado ao lado daquele amontoado. Tinha uma expressão no rosto que nunca esquecerei. Rezamos sempre para que algo tão terrível nunca aconteça.

Abri caminho até Niko.

– O lugar da explosão – explicou, atirando um pedaço de madeira carbonizada para cima dos restos do piano.

– São uns cabrões, uns *cabrões*, Lindsay. As pessoas estavam apenas a almoçar.

Não era perita em bombas, mas detectei um círculo de devastação – bancos, árvores, marcas de queimaduras – que irradiava do centro do átrio.

– Duas testemunhas afirmam ter visto um homem negro e bem vestido. Deixou uma pasta sob o piano e depois abalou. Eu diria que é o mesmo tipo de trabalho que aplicaram no caso de

Marina. C-4, detonado electronicamente. Talvez por telefone.

Uma mulher com um colete da Brigada de Bombas aproximou-se a correr com o que parecia um fragmento de uma mala de couro.

– Etiqueta-o – ordenou Niko. – Se encontrarmos a alça pode ser que consigamos alguma impressão digital.

– Espere – pedi quando a mulher se preparava para virar costas.

Aquilo que ela encontrara era uma correia de couro larga, a parte que passava por cima da pasta e se prendia à fivela. Havia duas letras douradas gravadas na tira. A. S.

O meu estômago revoltou-se. Estavam a gozar connosco. Estavam a fazer pouco de nós. Sabia muito bem o que significavam aquelas letras.

A. S. August Spies.

O meu telemóvel tocou e eu atendi. Era Cindy do outro lado.

– Estás aí, Lindsay? – perguntou. – Estás bem?

– Estou bem. O que se passa?

– Reivindicaram o atentado – revelou ela. – Alguém telefonou para o jornal e identificou-se como August Spies. Disse: « Mais três dias e depois tenham muito cuidado! » Também afirmou que isto não passava de um ensaio.

A TARDE JÁ IA AVANÇADA quando me ocorreu que nas duas últimas noites não tinha dormido sequer uma hora.

Também havia algo que me dizia que me estava a escapar qualquer coisa importante naquele caso. Tinha a certeza disso.

Telefonei a Cindy e a Claire. Estivera tão empenhada em encontrar Hardaway que me escapara outra coisa.

Claire passara o dia na morgue com a lúgubre tarefa de identificar as vítimas da explosão no Rincon Center. Até ao momento estavam contabilizados dezasseis mortos, mas haveria muitos mais, infelizmente. Aceitou encontrar-se connosco durante alguns minutos no Susie's, do outro lado da rua, na nossa habitual mesa de canto.

Quando entrei, vi a ansiedade estampada nos rostos das minhas amigas. Claire e Cindy esperavam-me no interior.

– A nota sobre Jill é a chave de tudo. – Contei-lhes a minha teoria enquanto apreciávamos um chá.

– A nota dizia que ela fazia parte do governo – argumentou Claire, com uma expressão perplexa.

– Não é essa. O *e-mail* que a Cindy recebeu. Dizia: « Este não foi como os outros...»

– « Este foi pessoal» – terminou Cindy.

– Estás a pensar que a Jill teve algum contacto pessoal com este tipo? – Claire pestanejou. – De que tipo?

– Não sei o que pensar. Apenas que cada uma destas vítimas foi escolhida a dedo. Nenhuma das mortes ocorreu por acaso. Então o que os levou até à Jill? Seguiram-na, vigiaram a sua casa e levaram-na. Tem de haver alguma relação entre ela e o Lighttower e o Bengosian...

– Talvez algum dos seus casos? – Cindy encolheu os ombros. Claire não parecia nada convencida.

Fez-se uma pausa. Olhámos em redor. O silêncio fez com que olhássemos todas para o mesmo sítio. A cadeira vazia de Jill.

– É tão estranho estar aqui – comentou Claire com um suspiro. – Fazer isto sem a Jill. Falar dela.

– A Jill vai ajudar-nos – murmurei.

Olhei para as duas. Havia um brilho renovado nos seus olhares.

– *Okay* – disse Claire acenando com a cabeça. – Como?

– Vamos rever todos os seus antigos casos – sugeri. – Vou ver se consigo que alguém do pessoal do Sinclair nos dê uma ajuda.

– E procuramos o quê, exactamente? – Cindy semicerrou os olhos.

– Tens o *e-mail*. Algo *pessoal* – respondi. – Tal como este caso é para nós. Olhem para os rostos aqui e lá fora, na rua. Alguém tem de deter estes filhos-da-mãe, estes assassinos.

BENNET SINCLAIR pôs-me em contacto com Wendy Hong, uma jovem adjunta da procuradoria, e com April, a assistente de Jill. Requisitámos os casos de Jill dos últimos oito anos. Todos!

Era uma montanha de papelada, volumes que se encontravam nos arquivos da procuradoria e pastas que Jill guardava no seu gabinete.

E com tudo isso, deitámos mãos à obra.

Durante o dia, continuava a liderar a investigação, tentando apanhar Hardaway. Mas à noite, e em todos os momentos livres que conseguia, mergulhava na pilha de papéis. Claire ia dando uma ajuda e o mesmo fazia Cindy. A luz do gabinete de Jill era a única que permanecia acesa no Palácio da Justiça fora de horas.

Este foi pessoal. A frase ecoava incessantemente nos nossos ouvidos.

Apesar de todos os esforços, não encontrámos nada. Fora tempo perdido para muita gente. Se existisse algo que relacionasse Jill a August Spies não se encontrava nos seus papéis. Onde estaria? Tinha de estar algures.

Por fim, carregámos os últimos volumes e regressámos à morgue.

– Vai para casa – disse-me Claire, também ela exausta. – Precisas de dormir. – Levantou-se a custo e vestiu a gabardina. Colocou a mão no meu ombro e apertou-o. – Encontraremos outra maneira, Lindsay. Vais ver.

Claire tinha razão. Eu precisava de uma boa noite de sono mais do que qualquer outra coisa no mundo, para além de um banho quente. Apostara tanto naquela teoria.

Liguei para o departamento uma vez mais e, pela primeira vez em muito tempo, arrumei tudo para ir para casa dormir. Entrei no *Explorer* e descí a Brannan em direcção a Potrero. Parei num sinal vermelho. Sentia-me completamente vazia.

O semáforo ficou verde mas eu permaneci ali parada. No fundo, sabia que não iria para casa.

Virei bruscamente à direita quando a luz mudou e meti pela Sixteenth em direcção a Buena Vista Park. Não, não me tinha ocorrido nenhuma ideia brilhante... Não tinha era nada melhor para fazer.

Algo os relacionava. Disso tinha a certeza. O problema é que ainda não encontrara esse elo de ligação.

Um único agente da polícia vigiava a casa de Jill quando estacionei frente à porta. Uma fita amarela bloqueava o acesso às escadas.

Identifiquei-me ao jovem agente, que deve ter ficado satisfeito com a distração àquela hora da noite. Entrei na casa de Jill.

TINHA A ARREPIANTE SENSACÃO de que não deveria estar a fazer aquilo. Caminhar pelo lugar que tinha visitado tantas vezes, sabendo que Jill estava morta. Ver os seus pertences: um guarda-chuva *Burberry*, a tigela da comida de *Otis*, uma pilha de jornais recentes.

Fui invadida por uma sensação de abandono e de saudade.

Dirigi-me para a cozinha. Examinei alguns papéis soltos que se encontravam sobre uma antiga mesa de pinho. Estava tudo como ela deixara. Uma nota para Ingrid, a mulher-a-dias, umas quantas facturas, a caligrafia familiar de Jill. Era como se ela ainda estivesse ali.

Subi as escadas. Percorri o corredor até ao estúdio de Jill. Era ali que ela trabalhava e passava grande parte do seu tempo. Era o seu espaço.

Sentei-me à secretária e senti o perfume da minha amiga. Jill tinha um antigo candeeiro de bronze. Acendi-o. Havia algumas cartas espalhadas sobre a mesa. Uma da sua irmã, Beth. Umhas fotos: ela, Steve e *Otis* em Moab.

Que fazes aqui, Lindsay? Perguntei a mim mesma. *O que esperas encontrar? Algo assinado por August Spies? Não sejas pateta.*

Abri umas das gavetas da secretária. Papéis. Assuntos relacionados com a casa. Viagens, confirmações de acumulação de milhas aéreas.

Levantei-me e dirigi-me até à estante. *The Voyage of the Narwhal, The Corrections*, contos de Eudora Welty. Jill sempre tivera bom gosto em livros. Nunca imaginei que tivesse tempo para ler aquelas coisas, mas a verdade é que tinha.

Agachei-me e abri um armário sob a estante. Deparei-me com caixas de fotografias antigas. Viagens, o casamento da irmã. Algumas remontavam à sua graduação na universidade went.

Olha a Jill: cabelo encaracolado, magra como um palito, mas forte. Aquelas fotos arrancaram-me um sorriso. Sentei-me no chão de madeira e observei-as. *Meu Deus, tenho tantas saudades tuas.*

Vi uma pasta velha em estilo acordeão fechada com um elástico. Abri-a. Muitas coisas velhas. O seu conteúdo surpreendeu-me: cartas, fotografias, recortes de jornal, o registo das notas do secundário, o convite de casamento dos pais.

E uma pasta atafalhada de recortes de jornais. Folheei-os. Eram quase todos sobre o pai dela.

O pai trabalhara no Ministério Público ali no Texas. Jill contara-me que ele costumava chamar-lhe a sua Segunda Cadeira. Falecera há apenas alguns meses e era óbvio o quanto ela sentia a sua falta. A maioria dos artigos falava de casos nos quais ele trabalhara ou de nomeações que recebera.

Reparei num artigo já amarelado. A fonte surpreendeu-me.

San Francisco Examiner. 17 de Setembro de 1970.

O título dizia: adjunto do PROCURADOR NOMEADO PARA CASO DA BOMBA DO BNA.

O Black National Army. O BNA era um grupo radical dos anos 60 conhecido pelos seus roubos violentos e assaltos à mão armada.

Passei os olhos pelo artigo. O nome do adjunto fez-me estremecer. Robert Meyer.

O pai de Jill.

UMA HORA MAIS TARDE estava a pressionar com toda a força a campainha da porta de Cindy. Eram duas e trinta da manhã. Ouvi o barulho da fechadura a rodar e um resquício da porta abriu-se. Envergando uma camisola dos Niners, a equipa da cidade, Cindy fitou-me com olhos remelosos. Provavelmente acabara de acordar do primeiro sono profundo em três dias.

– Espero que o motivo seja bom – comentou ela, abrindo mais a porta.

– É bom, Cindy. – Coloquei o velho artigo do *Examiner* frente ao seu nariz. – Creio ter descoberto de que modo a Jill está relacionada com o caso.

Quinze minutos mais tarde seguíamos no meu *Explorer* pelas ruas vazias e escuras da cidade em direcção aos escritórios do *Chronicle* na Fifth e Mission.

– Não fazia ideia de que o pai da Jill trabalhara aqui – comentou Cindy, e depois bocejou.

– Começou aqui ao sair da Faculdade de Direito, antes de se mudar para o Texas. Foi logo após o nascimento da Jill.

Chegámos ao cubículo dela por volta das três da manhã. As luzes da sala de redacção estavam esbatidas, e apanhámos um par de jovens encarregados de atender os telefones e receber os faxes a jogar brídege no computador.

– Isto é uma auditoria de eficácia nocturna – informou Cindy com uma expressão muito séria. – Vocês acabaram de chumbar.

Empurrei a cadeira para a frente do computador e ligou-o. Inseriu algumas palavras na base de dados do *Chronicle: Robert Meyer. BNA*. Depois pressionou a tecla ENTER.

Não tardaram a aparecer várias entradas. Lemos com atenção vários artigos sobre as actividades do BNA contra a Guerra do Vietname nos anos 60. Depois encontrámos algo de interessante.

adjunto do PROCURADOR NOMEADO PARA CASO DO BNA.

Uma série de artigos datados de Setembro de 1970.

Começámos as nossas buscas a partir daí e bingo! FBI E POLÍCIA ENTRAM DE ASSALTO NA FORTALEZA DO BNA. QUATRO MORTOS EM TIROTEIO.

Corriam os dias dos radicais da década de 60. Protestos constantes contra a guerra, distúrbios provocados pelo grupo Students for a Democratic Society (SDS)⁶ na Sproul Plaza em Berkeley. Examinámos vários artigos. O BNA tinha assaltado vários bancos e uma carrinha de transporte blindada. Um guarda, um refém e dois polícias haviam sido mortos durante o assalto. Dois membros do BNA figuravam na lista dos dez fúgitivos mais procurados pelo FBI.

Continuámos a ler tudo o que o *Chronicle* tinha nos seus arquivos. Um esconderijo do BNA fora invadido no dia 6 de Dezembro de 1969. O FBI cercou a casa numa rua pacata de Berkeley baseado numa dica de um informador. Entraram de armas em punho, a disparar.

Cinco radicais perderam a vida. Entre eles, Fred Whitehouse, um dos líderes do grupo, e duas mulheres.

Um miúdo branco foi também atingido e morreu durante o assalto à casa. Era um estudante em Berkeley da classe média-

-alta residente em Sacramento. A família e os amigos insistiram sempre que ele não sabia sequer disparar uma arma. Tratava-se apenas de um idealista apanhado num protesto contra uma guerra imoral.

Nunca ninguém soube explicar o que fazia ele dentro da casa.

Chamava-se William “Billy” Danko.

6 Movimento activista estudantil. (N. da T.)

FOI CONSTITUÍDO UM JÚRI de acusação para investigar o tiroteio no esconderijo do BNA. Lançaram-se violentas acusações de parte a parte. O caso acabou por ser dado a um adjunto do procurador em ascensão. Robert Meyer. O pai de Jill.

No julgamento, o júri não encontrou provas de má conduta policial. A polícia alegou que aqueles que haviam sido mortos faziam parte da lista dos mais procurados pelo FBI, embora a descrição não encaixasse de todo com a de Billy Danko. Os agentes federais exibiram um arsenal de armas confiscadas durante a rusga: pistolas-metralhadoras *Uzi*, lança-granadas, caixas de munições. Foi encontrada uma arma na mão de Fred Whitehouse – se bem que os seus apoiantes tenham afirmado que fora lá colocada para o incriminar.

– *Okay* – disse Cindy, cansada, e afastando-se do monitor – E agora o que fazemos?

A base de dados remetia-nos para um artigo de 1971, um ano mais tarde, publicado na revista de domingo do *Chronicle*.

– Vocês têm um arquivo, certo?

– Sim, temos. Lá em baixo.

Faltava pouco para as quatro da manhã. Acendemos uma luz e a única coisa que vimos foi fila atrás de fila de estantes de metal com malha de rede.

Franzi o sobrolho, abatida.

– Conheces o sistema, Cindy?

– Claro que conheço o sistema – respondeu ela. – Chegas aqui durante o horário de expediente e pedes o que quiseres ao tipo que está sentado atrás da secretária.

Separámo-nos e deambulámos pelos corredores apinhados e escuros. Cindy não tinha a certeza se o arquivo guardava informação daquela época. Aquilo que procurávamos podia estar já em microfilme.

Às tantas escutei-a gritar:

– Encontrei qualquer coisa!

Serpenteei por entre as filas escuras, seguindo o som da sua voz. Quando encontrei a minha amiga, vi que descia grandes caixas de plástico com velhos exemplares da revista de domingo. Estavam etiquetadas por ano.

Sentámo-nos no chão frio de cimento, uma ao lado da outra, mal conseguindo ler tão pouca era a luz.

Não obstante, não tardámos a encontrar o artigo para o qual nos remetia a base de dados. Intitulava-se « O Que Aconteceu de Verdade aos Cinco de Hope Street ».

Segundo o autor, a polícia local teria manipulado o cenário do crime para se ver livre dos insurgentes. A informação viera de um investigador não-identificado. Tratara-se de um massacre, não de uma detenção. Supostamente, as vítimas estariam a dormir nas suas camas.

Grande parte do artigo era dedicado à vítima branca da rusga: Billy Danko. O FBI afirmava que ele fazia parte dos Weathermen e relacionava-o com uma explosão numa sucursal regional da Raytheon, um fabricante de armas. O artigo do *Chronicle* contradizia grande parte dos factos contra Danko e apresentava-o como uma vítima inocente.

Eram quatro da manhã e eu começava a sentir-me frustrada e enfurecida.

Foi então que Cindy e eu reparámos em algo.

As actas do tribunal revelavam que o BNA e os Weathermen utilizavam nomes de código quando contactavam uns com os outros. Fred Whitehouse era Bobby Z, em honra de um Pantera Negra abatido a tiro. Leon Mickens era Vlad – Vladimir Ilyich Lenin. Joanne Crow era Sasha,

uma mulher que se fizeram explodir lutando contra a Junta chilena.

– Estás a ver, Cindy? – Fitei-a naquela ténue luz.

O nome que Billy Danko elegera para si mesmo era August Spies.

Jill mostrara-nos o caminho.

AS LUZES RESPLANDECIAM no gabinete de Molinari – as únicas acesas em todo o edifício às seis da manhã.

Falava ao telefone quando entrei. A sua expressão iluminou-se com o que interpretei como um sorriso rendido, satisfeito porém exausto. Por aqueles dias ninguém tinha conseguido pregar olho.

– Estava a tentar convencer o chefe de gabinete do presidente – explicou, sorridente, enquanto desligava o telefone – que a nossa segurança não é igual à da Chechénia, por exemplo. Diz-me que tens qualquer coisa para mim, seja o que for.

Coloquei sobre a secretária dele o artigo amarelado que encontrara no estúdio de Jill.

Molinari pegou no artigo e leu-o. adjunto do PROCURADOR NOMEADO PARA CASO DA BOMBA DO BNA.

– Que nome lhes dá, Joe? Aos radicais da década de sessenta que continuavam soltos por aí, ainda na clandestinidade?

– Coelhos brancos?

– E se isto não se trata de um caso político? E se tiveram outros motivos? E se for em parte político e houver mais qualquer coisa?

– Motivos para *quê*, Lindsay?

Dei-lhe o último artigo, o do suplemento de domingo do *Chronicle*, dobrado na parte em que aparecia o nome de código de Billy Danko, marcado com um círculo vermelho: August Spies.

– Para voltar à acção. Para cometer estes assassinios. Talvez até para se vingar de alguma maneira. Ainda não descortinei tudo. Mas há algo aqui.

Contei-lhe tudo o que havíamos descoberto – até chegar ao adjunto Robert Meyer, o pai de Jill.

Molinari pestanejou com olhos vitreos e fitou-me como se eu estivesse louca. Na verdade aquilo parecia uma perfeita loucura. Aquilo que eu tinha ia contra a investigação, contra as declarações dos assassinos, contra os conhecimentos de qualquer agência de segurança do país.

– Até onde planeias ir com isto, Lindsay? – inquiriu Molinari por fim.

– Temos de descobrir tudo o que pudermos sobre as pessoas que estavam nessa casa. Eu começaria por Billy Danko. A família era de Sacramento. O FBI possui ficheiros sobre o que aconteceu, certo? E o Departamento de Justiça e as outras agências. Preciso de saber tudo o que os organismos federais sabem.

Molinari abanou a cabeça lentamente para a frente e para trás. Sabia que estava a pedir muito. Fechou os olhos por segundos e recostou-se na cadeira. Quando os abriu, detectei o esboço de um sorriso.

– Sabia que havia uma razão para ter saudades tuas, Lindsay.

Tomei isso como um sim.

– O que eu não sabia – empurrou a cadeira para trás – era que se devia ao facto de irmos os dois ter muito tempo livre quando nos despedirem.

– Também senti a tua falta – declarei.

NUNCA ANTES NA MINHA VIDA vira São Francisco em pânico. As notícias pareciam não ter fim. E onde estávamos nós? Infelizmente, nem um centímetro mais perto de encontrarmos os assassinos.

Toda a minha teoria dependia de as vítimas anteriores encaixarem de algum modo nos assassinatos mais recentes. Tinha a certeza de que existia uma ligação.

Bengosian era de Chicago. Parecia difícil reelecioná-lo. Contudo, recordei-me de que Lightower havia estudado em Berkeley. O chefe da assessoria legal havia relevado esse pormenor quando estivemos na empresa logo após a morte de Lightower.

Telefonei a Dianne Aronoff, a irmã de Mort Lightower, e apanhei-a em casa. Falámos e descobri que o seu irmão fora membro do SDS. Em 1969, no seu terceiro ano em Berkeley, tirara um ano sabático.

Mil novecentos e sessenta e nove foi o ano em que ocorreu a rusga em Hope Street. Isso significaria algo? Talvez.

Por volta da uma, Jacobi bateu no vidro da minha porta.

– Acho que encontrámos esse tipo, o pai do Danko.

Ele e Cappy haviam começado com a lista telefónica, e não tardaram a comparar o endereço com uma escola secundária local. O pai de Danko continuava a viver em Sacramento, no mesmo edifício em que habitavam em 1969. Um homem atendera o telefone quando Cappy telefonou e desligara assim que o inspector mencionou o nome de Billy Danko.

– Há lá um gabinete do FBI. – Jacobi encolheu os ombros. – Ou como preferes fazer?

– Toma. – Saltei da cadeira, entregando-lhe as chaves do *Explorer*. – Conduzes tu.

DEMORÁMOS CERCA DE DUAS HORAS a chegar a Sacramento seguindo pela estrada nacional 80, e nunca deixámos o *Explorer* ultrapassar os limites de velocidade. Uma hora e cinquenta minutos mais tarde estacionámos frente a um edifício um pouco degradado estilo anos 50. Precísávamos que isto corresse bem.

A casa era grande, mas estava um pouco negligenciada, com um pequeno relvado descorado à frente e um quintal murado atrás. Segundo me recordava, o pai de Danko era médico. Há trinta anos, aquela podia bem ser a melhor casa das redondezas.

Tirei os óculos de sol e bati à porta. Demorou algum tempo até que viesse alguém abrir, e comecei a ficar impaciente.

Por fim, um homem de idade abriu a porta e observou-nos. Reparei no seu nariz afiado e no queixo pontiagudo que me fizeram lembrar a fotografia de Billy Danko na revista do *Chronicle*.

– Vocês são os idiotas que telefonaram? – Permaneceu imóvel, a mirar-nos circunspectamente. – Claro que são.

– Sou a tenente Lindsay Boxer – apresentei-me. – E este é o inspector de homicídios Warren Jacobi. Importa-se que entremos?

– *Importo* – replicou ele, mas ainda assim escancarou a porta mosquiteira. – Não tenho nada a dizer à polícia se o assunto for o meu filho, para além de aceitar as suas desculpas sinceras pelo seu assassinato.

Guiou-nos por corredores húmidos, com paredes de tinta lascada, até um pequeníssimo estúdio. O homem parecia viver sozinho.

– Queríamos fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu filho – declarou Jacobi.

– Perguntem. – Danko enterrou-se num sofá coberto com uma manta em *patchwork*. – A melhor altura para fazer essas perguntas teria sido há trinta anos. O William era um bom rapaz, um *excelente* rapaz. Sempre o ensinámos a pensar pela sua cabeça, e assim o fez, a sua consciência ditava as suas decisões, e eram acertadas, como se provou mais tarde. Perder aquele rapaz significou perder tudo o que tinha. A minha esposa... – Apontou com a cabeça para um retrato a preto e branco de uma mulher de meia-idade. – Tudo.

– Lamentamos o sucedido. – Sentei-me na beira de um cadeirão cheio de manchas. – Não estamos aqui para lhe causar mais sofrimento. Por certo está a par dos últimos acontecimentos em São Francisco. Já morreram muitas pessoas.

Danko abanou a cabeça.

– Já passaram trinta anos e mesmo assim não o deixam descansar em paz.

Lancei um olhar rápido a Jacobi. Não ia ser nada fácil. Comecei por falar sobre Jill, de como encontrámos a ligação entre o pai dela e a rusga na casa de Hope Street. Depois expliquei-lhe que outra das vítimas, Morton Lightower, também estava relacionado com Berkeley e com as revoltas estudantis.

– Não pretendo dizer-vos como devem fazer o vosso trabalho, *inspectores* – Carl Danko sorriu –, mas isso soa-me a uma montanha de suposições loucas.

– O seu filho tinha um nome de código – expliquei. – August Spies. É o mesmo nome que está a ser usado pelas pessoas que estão a realizar os atentados.

Carl Danko resfolegou com ironia e alcançou o seu cachimbo. Parecia achar piada à situação.

– Sabe quem possa estar envolvido? – insisti. – Algum dos amigos do Billy? Foi contactado por alguém ultimamente?

– Quem quer que esteja a fazer isso, que Deus os abençoe. – Carl Danko limpou o cachimbo. – A verdade é que perderam o vosso tempo ao virem até aqui. Não posso ajudar-vos. E mesmo que pudesse... espero que consigam entender a minha relutância em auxiliar a polícia de São Francisco. Agora, por favor, saiam.

Jacobi e eu levantámo-nos. Dei um passo em direcção à porta, rezando para ter uma qualquer epifania antes de lá chegar. Parei frente à fotografia da sua esposa. E ao lado reparei noutra.

Era uma foto de família.

Algo me fez fixar naqueles rostos.

Havia outro filho na fotografia.

Mais jovem. Com uns dezasseis anos. Tal e qual a mãe. Sorriam os quatro despreocupadamente no que parecia um agradável dia de sol num passado longínquo.

– Tem outro filho. – Voltei-me para Danko.

– Charles... – Encolheu os ombros.

Peguei na foto.

– Talvez devêssemos falar com ele. Pode ser que saiba alguma coisa.

– Duvido. – Danko fitou-me. – Também já morreu.

DE VOLTA AO *EXPLORER*, liguei a Cappy.

– Quero que procures os antecedentes de um Charles Danko. Nascido em Sacramento, por volta de mil novecentos e cinquenta e três, cinquenta e quatro. É possível que já tenha falecido. É tudo o que tenho. E recua o máximo que puderes. Se o tipo estiver mesmo morto, quero ver a certidão de óbito.

– Vou já tratar disso – garantiu Cappy. – Entretanto, tenho uma informação. Quanto ao George Bengosian. Tinhas razão, ele chegou a frequentar medicina na Universidade de Chicago. Mas isso foi *depois* de se ter transferido para Berkeley. O Bengosian estava lá em sessenta e nove.

– Obrigada, Cappy. Bom trabalho. É assim mesmo.

Então agora tínhamos três pessoas – Jill, Lighttower e Bengosian – relacionadas com a rusga policial em Hope Street. Para além do nome de código August Spies vinculado a Billy Danko.

Ainda não sabia o que fazer com toda essa informação. Tal como Danko dissera, não passava de uma montanha de suposições.

Dormitei um pouco enquanto Jacobi conduzia de volta para a cidade. Foi a primeira vez que dormi profundamente em três dias. Chegámos ao Palácio da Justiça por volta das seis.

– Caso te interesse saber – disse Jacobi –, ressonas.

– Ronrono – corrigi. – Eu ronrono.

Antes de me sentar, queria falar com Molinari. Subi as escadas a correr e esgueirei-me para o interior do seu gabinete. Estava a decorrer uma reunião. O que se passaria?

O chefe Tracchio encontrava-se sentado à secretária e com ele estavam Tom Roach do FBI e Strickland, que comandava a equipa de segurança para a reunião do G-8.

– O Lighttower estava lá – anunciei, incapaz de conter a minha excitação. – Em Berkeley, na altura da rusga ao esconderijo do BNA. O George Bengosian também lá se encontrava. Estavam lá todos.

– Eu sei – afirmou Molinari.

LEVEI APENAS UM SEGUNDO.

– Encontrou o ficheiro do FBI sobre o BNA?

– Melhor do que isso – replicou Molinari. – Encontrámos um dos agentes do FBI que participou na rusga em Hope Street. – O William Danko era membro dos Weathermen. Daqueles com cartão de sócio e tudo. Sem dúvida nenhuma – continuou. – Foi visto a vigiar o local do escritório regional da Grumman, no qual colocaram uma bomba em Setembro de mil novecentos e sessenta e nove. O seu nome de código, August Spies, foi detectado nas escutas telefónicas dos Weathermen conhecidos. O miúdo não era inocente, Lindsay. Esteve envolvido nos assassinatos.

Molinari entregou-me um bloco de folhas amarelas repleto de apontamentos.

– O FBI começara a segui-lo cerca de três meses antes da rusga. Havia outros envolvidos da célula de Berkeley. O FBI conseguiu dar a volta a um deles e usá-lo como informador. É incrível como a ameaça de passar vinte e cinco anos na prisão consegue amolgar uma prometedora carreira médica.

– O Bengosian! – exclamei. Senti o sangue correr mais rápido nas veias. A minha teoria estava correcta.

Molinari acenou afirmativamente com a cabeça.

– Viraram o Bengosian, Lindsay. Foi assim que chegaram a Hope Street naquela noite. O Bengosian traiu os amigos. Tinha razão. E há mais.

– O Lightower – afirmei, expectante.

– Era o companheiro de quarto do Danko – explicou Molinari. – A universidade tomou medidas enérgicas contra os estudantes envolvidos no SDS. Talvez o Lightower tenha decidido que estava na altura de passar um semestre no estrangeiro. E um dos agentes do FBI que liderou a rusga, que entrou na casa naquela manhã, foi promovido. Trabalhou vinte anos no FBI, reformou-se aqui em São Francisco. Chamava-se Frank T. Seymour. O nome diz-lhe alguma coisa?

Sim, claro que me dizia qualquer coisa, mas não me deixou delirante. Muito pelo contrário. O que senti foi aversão.

Frank T. Seymour era uma das vítimas da explosão no Rincon Center.

ERA DE NOITE e Michelle gostava da noite. Podia ver *Os Simpsons*, reposições do *Friends*, rir um pouco, como fazia antes de tudo aquilo começar, como quando era criança em Eau Claire.

Foram obrigados a abandonar o apartamento de Oakland onde haviam vivido nos últimos seis meses e a mudar-se para a casa de Julia em Berkeley.

E já quase não podiam sair. A situação estava demasiado tensa. Por vezes aparecia uma ou outra foto de Malcolm na televisão, mas nas notícias chamavam-lhe Stephen Hardaway. Robert também se tinha mudado para ali. Com ele, agora eram quatro. E quem sabe Charles Danko não tardasse a juntar-se a eles. Supostamente, ele tinha os planos finais, a última jogada, que, segundo Malcolm, deixaria toda a gente de queixo caído. Era algo em *grande*.

Michelle desligou o televisor e desceu. Malcolm encontrava-se debruçado sobre os cabos, entretido com o novo engenho, a última bomba. Dizia que tinham um plano para colocar aquela coisa em algum lugar. Só o facto de se encontrar no mesmo lugar que aquele maldito aparelho deixava-a em pânico.

Aproximou-se silenciosamente dele.

– Malcolm, queres comer qualquer coisa? Posso preparar-te algo.

– Não vês que estou a trabalhar, Michelle? – respondeu num tom contrariado. Estava a soldar um cabo vermelho à perna de uma mesa de madeira que ela sabia conter o detonador.

Pousou a mão no ombro dele.

– Preciso de falar contigo, Malcolm. Acho que quero sair.

Ele endireitou as costas. Tirou os óculos e limpou o suor do rosto.

– Vais sair? – repetiu Malcolm, abanando a cabeça como se achasse aquela afirmação engraçada. – E vais para onde? Apanhar um autocarro para casa? De volta para Nenhores? Matricular-te na escola secundária de Nenhores, depois de teres feito explodir duas crianças na cidade grande?

Os olhos de Michelle encheram-se de lágrimas. Sinais reveladores de fraqueza, sabia-o muito bem. A temida sentimentalidade.

– Pára com isso, Malcolm.

– És uma *assassina* procurada, querida. A ama dedicada que fez ir pelos ares as crianças que estavam ao seu cuidado. Escapou-te esse pormenor?

De súbito, viu tudo com clareza. Entendeu muitas coisas. Mesmo que fizessem aquele trabalho, o último, Malcolm nunca abalaria com ela. Quando fechava os olhos à noite, via os filhos de Lighttower: sentados a tomar o pequeno-almoço, vestirem-se para irem para a escola. Sabia que tinha feito coisas terríveis. Por mais que desejasse o contrário, Malcolm estava certo, não tinha para onde ir. Era a ama assassina. Seria-o sempre.

– Vá lá – disse Malcolm num tom mais amável. – Já que estás aqui, querida, bem que me podes ajudar. Preciso que coloques o teu dedinho lindo nesse cabo. Já sabes, não tens nada com que te preocupar.

Pegou no telemóvel.

– Sem carburante não há arranque, certo? Vamos ser heróis, Michelle. Vamos salvar o mundo dos homens maus. Nunca nos esquecerão.

ERA UMA DA MANHÃ, mas quem conseguiria dormir?

Molinari entrou na sala da brigada. Eu estava a examinar, juntamente com Paul Chin, a informação que ia chegando. Molinari olhou para mim e suspirou.

– Charles Danko.

Fez deslizar uma pasta verde sobre o tampo da minha secretária. Dizia INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL, FBI.

– Tiveram de procurar no arquivo morto para o encontrar.

Senti o coração bater mais depressa. Isso significaria que estávamos mais próximos de o encontrar?

– Estudou na Universidade do Michigan – informou Molinari. – Foi preso duas vezes por conduta desordeira e incitação à violência. Detido em Nova Iorque em mil novecentos e setenta e três por posse ilegal de armas de fogo. Uma casa na qual ele residia explodiu sem mais nem menos certa tarde. Um dia aqui, no outro sabe-se lá onde.

– Tem toda a pinta de ser o nosso rapaz.

– Procuraram-no por causa de uma bomba colocada no Pentágono em mil novecentos e setenta e dois. Um perito em explosivos. Depois de essa casa ter explodido em Nova Iorque, ele desapareceu. Ninguém sabia sequer se ele estava ou não no país. Há trinta anos que o Charles Danko está desaparecido. E ninguém anda atrás dele.

– Um coelho branco – acrescentei.

Estendeu uma velha folha de delitos de 1974 e um faxe a preto e branco do cartaz de busca e captura difundido pelo FBI. Nele figurava uma versão ligeiramente mais velha do rosto ameninado que vira na foto de família em casa de Danko.

– Aqui está o nosso homem – declarou Molinari. – Como diabo vamos agora encontrá-lo?

– *TENENTE!*

Alguém batia com força no vidro da minha porta. Dei um salto. O meu relógio marcava seis e meia da manhã. Devia ter adormecido enquanto esperava que Molinari me trouxesse mais informações sobre Danko.

Paul Chin gritou da porta:

– Tenente, é melhor atender na linha três. *Agora mesmo...*

– Danko? – perguntei, pestanejando para acordar.

– Melhor. Temos uma mulher do Wisconsin que acredita que a sua filha está associada ao Stephen Hardaway. Acho que sabe onde ela se encontra!

Nos poucos segundos que levei a despertar, Chin regressou à sua secretária e accionou o gravador. Levantei o auscultador.

– Fala a tenente Lindsay Boxer – disse, pigarreando.

A mulher desatou a falar como se tivesse ficado a meio de uma frase. Tinha um tom de voz que parecia um pouco irritado, e era provável que não fosse muito escolarizada.

– Sempre lhe disse que havia qualquer coisa naquele cretino que não encaixava. Ela argumentava que ele era brilhante. Brilhante, o tanas... Sempre quis fazer o bem, a minha Michelle. Era fácil aproveitarem-se da bondade dela. Eu disse-lhe: «Vai para a escola do Estado. Podes ser tudo o que quiseres ser.»

– A sua filha chama-se Michelle? – Peguei numa caneta. – Senhora...?

– Fontieul. É isso mesmo, Michelle Fontieul.

Tomei nota do nome.

– Conte-me tudo o que sabe, pode ser?

– Eu vi-o, sabe? – relatou a mulher. – O tipo que apareceu na televisão. Aquele que toda a gente procura. A minha Michelle está com ele. Claro que nessa altura o nome dele não era Stephen. Como lhe chamou ela ao telefone? Malcolm? Foi isso. Passaram por aqui quando iam para oeste. Acho que ele era de Portland ou de Washington. Foi ele quem a meteu nisso dos «protestos». Eu nem sequer entendi metade do que disseram. Tentei avisá-la.

– Tem a certeza de que era o mesmo homem que viu na televisão? – insisti.

– Tenho. Claro que o cabelo dele agora está diferente. E não tinha barba. Eu sabia que...

Interrompi-a.

– Quando foi a última vez que falou com a sua filha, senhora Fontieul?

– Não sei bem, talvez há três meses. Era sempre *ela* quem telefonava. Nunca me dava o seu número. Mas desta última vez souu-me um pouco estranha. Disse que estava a fazer o bem, que eu a eduquei como devia ser e que gostava muito de mim. Fiquei a pensar que se tinha deixado engravidar.

Tudo aquilo encaixava. Aquilo que sabíamos de Hardaway e a descrição que obtivéramos do proprietário do KGB Bar.

– Tem alguma forma de contactar a sua filha? Um endereço?

– Tinha um endereço... Acho que era de uma amiga. Também me deu uma caixa postal. A Michelle dizia que podia sempre mandar-lhe qualquer coisa para lá, se precisasse. Apartado três-três-três-oito. Na estação de correios de Broad Street, em Oakland, na Califórnia.

Lancei um olhar rápido a Chin. Escrevíamos os dois ao mesmo tempo. A estação de correios só abriria dali a algumas horas. Teríamos de enviar o FBI a casa da mulher em Wisconsin para que nos desse uma fotografia dela. Entretanto, pedi-lhe que a descrevesse.

– É loura. Tem os olhos azuis. – A mulher hesitou. – A minha filha Michelle sempre foi bonita, tenho de reconhecer isso. Não sei se estou a fazer a coisa certa. Ela é apenas uma miúda, tenente.

Agradei-lhe todas as informações prestadas e assegurei-lhe que a filha teria um tratamento justo se estivesse de facto envolvida naquilo, o que não duvidava que estivesse.

– Vou pô-la em contacto com outro agente – informei-a –, mas antes de o fazer, preciso de lhe perguntar mais uma coisa. – Ocorreu-me uma ideia ao pensar no primeiro dia. – A sua filha tem problemas respiratórios?

– Tem, sim. – Fez uma pausa. – Sempre sofreu de asma, tenente. Anda com um inalador desde os dez anos.

Olhei para Chin através do vidro.

– Acho que acabámos de encontrar a Wendy Raymore.

CINDY THOMAS dirigiu-se para o trabalho no autocarro de Market Street, tal como fazia todas as manhãs, embora naquele dia tivesse o pressentimento de que algo iria acontecer. De uma forma ou de outra. August Spies assim prometera.

O autocarro ia tão cheio que teve de ficar de pé. Só duas paragens depois é que conseguiu sentar-se. Tirou o *Chronicle*, tal como fazia todas as manhãs, e passou os olhos pela primeira página. Uma fotografia do presidente da Câmara, flanqueado pelo director-adjunto Molinari e por Tracchio. As reuniões do G-8 continuavam programadas. A sua história, sobre a possível ligação a Billy Danko, encontrava-se na coluna superior direita.

Uma rapariga com o cabelo muito curto e pintado de vermelho, vestida com um macacão e uma camisola tricotada aproximou-se dela. Cindy levantou a cabeça; havia algo de familiar nela. A rapariga exibia três brincos na orelha esquerda e um gancho com a forma do símbolo da paz dos anos 60. Era bonita, mas com um aspecto um pouco descuidado.

Cindy manteve um olho fixo no percurso, que conhecia pelas lojas em Market Street. O homem sentado junto a ela saiu em Van Ness.

A rapariga do macacão ocupou o lugar contíguo. Cindy sorriu e virou a página. Mais artigos sobre aquilo do G-8. A rapariga parecia estar a ler por cima do seu ombro.

Então, os seus olhos encontraram-se com os de Cindy.

– Eles não vão parar, sabe?

Cindy esboçou um sorriso indiferente. Apetecia-lhe tudo menos conversas antes das oito da manhã. Desta vez a rapariga não a deixou desviar o olhar.

– Eles não vão parar, senhora Thomas. *Eu tentei, a sério*. Fiz o que me pediu e tentei.

Cindy ficou imóvel. Tudo pareceu estacar.

Observou o rosto da jovem. Era mais velha do que aparentava. Deveria ter uns vinte e cinco anos. Cindy pensou em perguntar-lhe como sabia o seu nome, mas nesse mesmo instante, percebeu.

Aquela era a pessoa com a qual falara pela Internet. A rapariga que estava envolvida no assassinato de Jill. Possivelmente a ama.

– Escute. Saí às escondidas, eles não sabem que estou aqui. Vai acontecer algo terrível – informou a rapariga. – Na reunião do G-8. Outra bomba. Ou *pior*. Não sei exactamente onde, mas será grande, a maior de todas. Vão morrer muitas pessoas. Agora tente a senhora detê-los.

Todos os músculos de Cindy ficaram tensos. Não sabia o que fazer. Agarrá-la, gritar, parar o autocarro? Era procurada por todos os agentes da autoridade, mas algo impediu Cindy de agir contra ela.

– Porque estás a contar-me isso? – perguntou.

– Peço desculpa, senhora Thomas. – A rapariga tocou no braço de Cindy. – Lamento por todos eles, pelo Eric, pela Caitlin. Por aquela advogada sua amiga. Eu sei que fizemos coisas terríveis... Quem me dera poder desfazê-las. Mas não posso.

– Tens de te entregar à polícia. – Cindy fitou-a. Olhou em redor, aterrorizada que alguém as escutasse. – Acabou tudo! Eles já sabem quem tu és!

– Tenho uma coisa para si. – A rapariga ignorou as súplicas e passou uma folha dobrada para as mãos de Cindy. – Não sei o que fazer para os deter. Excepto isto. É melhor que eu fique com eles, não vão os planos mudar.

O autocarro parou em Metro Civic Center. Cindy abriu o papel que a rapariga lhe dera.

Leu: « 722 Seventh Street Berkeley ».

– Oh, meu Deus – arquejou Cindy. A rapariga acabara de dar-lhe o endereço do esconderijo deles.

De súbito, a rapariga levantou-se e começou a encaminhar-se para a saída. A porta das traseiras abriu-se com um sibilar.

– Não podes voltar para lá! – gritou Cindy.

A rapariga virou-se mas continuou a andar.

– Espera! – bradou. – Não voltes para lá.

A rapariga pareceu surpreendida, e perdida. Hesitou por segundos.

– Desculpe – pronunciou. – Tenho de fazê-lo desta maneira. – Depois apressou-se a sair do autocarro.

Cindy levantou-se de um salto e puxou o cordão de paragem de emergência quando as portas se fecharam. Gritou para o condutor para que as voltasse a abrir. Era uma emergência! Quando pulou para o passeio, Michelle Fontieul tinha já desaparecido por entre a multidão das primeiras horas da manhã.

Cindy pegou no telefone e ligou a Lindsay.

– Sei onde eles estão! Tenho a morada.

Quinta Parte

A EQUIPA DE ASSALTO mais numerosa da história da cidade começava a formar-se em redor do número 722 da Seventh Street, em Berkeley. Destacamentos das forças especiais de São Francisco, contingentes de Berkeley e de Oakland, agentes federais do FBI e do Departamento de Segurança Interna.

A zona estava completamente bloqueada ao trânsito. As casas vizinhas haviam sido evacuadas discretamente uma a uma. A Brigada de Minas e Armadilhas estava de sobreaviso e havia também ambulâncias do serviço de emergência médica.

Uma carrinha *Chevrolet* cinzenta estacionara frente à porta vinte minutos antes. Isso significava que havia alguém em casa.

Consegui colocar-me junto de Molinari, que se mantinha em contacto telefónico com Washington. Um capitão das Operações Especiais, Joe Szerbiak, encontrava-se à frente da equipa de assalto.

– Isto é o que vamos fazer – anunciou Molinari, ajoelhando-se por trás da barricada formada por um carro-patrolha colocado a cerca de trinta metros da casa. – Fazemos um telefonema. Damos-lhes a oportunidade de se renderem. Se não o fizerem – fez um sinal com a cabeça para Szerbiak –, então são todos teus.

O plano consistia em disparar bombas de gás lacrimogéneo e forçar a saída de quem quer que estivesse no interior da casa. Se saíssem tranquilamente, que é como quem diz, de forma voluntária, obriga-los-íamos a deitarem-se no chão e procederíamos depois à sua detenção.

– E se levantarem ondas? – questionou Joe Szerbiak, vestindo o colete à prova de bala.

Molinari encolheu os ombros.

– Se dispararem, teremos de os abater.

Os explosivos constituíam a grande incógnita daquele cerco. Sabíamos que eles estavam na posse de bombas. Todos tinham bem presente o que ocorrera no Rincon Center há dois dias.

A equipa de assalto preparou-se. Os vários atiradores ocuparam as suas posições. A equipa que ia entrar reuniu-se no interior de uma carrinha blindada, pronta para entrar em acção. Cindy Thomas estava connosco. Uma rapariga no interior da casa parecia confiar nela. Michelle. Que podia muito bem ser Wendy Raymore, a ama.

Eu sentia-me nervosa e inquieta. Queria que tudo aquilo chegasse ao fim. Que terminasse de uma vez, sem mais derramamento de sangue.

– Acham que eles sabem que estamos aqui? – Tracchio observou a casa por trás de um carro-patrolha.

– Se não sabem – comentou Molinari –, estão prestes a saber. – Olhou para Szerbiak – Capitão – disse com um aceno de cabeça –, pode fazer a chamada.

NO INTERIOR do número 722 de Seventh Street toda a gente parecia ter enlouquecido.

Robert, o veterano, tinha agarrado na sua espingarda automática e encontrava-se agachado junto a uma das janelas da frente, a avaliar a cena no exterior.

– Está um exército lá fora! Há polícias por todo o lado!

Julia gritava e agia como se estivesse louca.

– Eu disse-te para saíres da minha casa! Eu disse-te para te pões a milhas! – Olhava na direcção de Malcolm. – O que vamos fazer agora? *O que vamos fazer agora?*

Malcolm parecia calmo. Aproximou-se da janela e espreitou por entre as cortinas. Depois dirigiu-se a outra divisão e regressou com uma mala preta.

– Provavelmente morrer – respondeu.

O coração de Michelle parecia bater a cem à hora. A qualquer momento, homens armados e com uniformes podiam irromper por ali.

Uma parte dela estava tomada pelo medo e a outra pela vergonha. Sabia que havia defraudado os seus amigos, que pusera fim a tudo pelo que haviam lutado. Contudo, ajudara a matar mulheres e crianças e talvez agora pudesse acabar com a matança.

De súbito o telefone tocou. Por um segundo todos se viraram, de olhos fixos no telefone. Os toques assemelhavam-se a campainhas de alarme.

– Atende – disse Robert para Malcolm. – Já que queres ser o líder, então atende.

Malcolm dirigiu-se para o aparelho. Quatro, cinco toques. Por fim, levantou o auscultador.

Ficou à escuta durante um segundo. O seu rosto não registou nem medo nem espanto. Até lhes disse o seu nome.

– Stephen Hardaway – revelou com orgulho.

Depois escutou durante mais algum tempo.

– Estou a entender – replicou. Pousou o auscultador, engoliu em seco e olhou em redor. – Dizem que temos apenas uma oportunidade. Se alguém quiser sair, é melhor fazê-lo agora.

Um silêncio mortal abateu-se sobre o quarto. Robert encontrava-se à janela. Julia, de costas contra a parede. Malcolm parecia, por fim, chocado e sem respostas. Michelle queria gritar que tudo aquilo era culpa sua.

– Pois a mim não me vão pôr as mãos em cima – declarou Robert. De costas para a porta da cozinha, levantou a espingarda automática observando a carrinha estacionada no passeio frente à casa.

Piscou o olho, à laia de despedida silenciosa. Depois abriu a porta e correu para o exterior.

A pouco mais de um metro da carrinha, empunhou a arma, disparando uma rajada na direcção da polícia. Escutaram-se dois ruídos secos e sonoros. Apenas dois. Robert estacou. Girou sobre ele mesmo com uma expressão surpreendida e duas manchas vermelhas começaram a crescer na sua camisa.

– Robert! – gritou Julia. Partiu o vidro da janela da frente com a culatra da sua arma e desatou a disparar como uma louca. Depois caiu para trás e não voltou a mover-se.

De repente, uma lata preta voou através da janela partida e não tardou a verter um gás estranho. Em seguida, outra lata preta. Uma nuvem escura começou a envolver toda a divisão, apertando os pulmões de Michelle.

– Oh, Malcolm! – gemeu ela, fitando-o.

Ele permanecia ali de pés, sem medo.

Nas mãos tinha um telefone portátil.

– Não vou sair daqui – disse.

– Eu também não. – Michelle abanou a cabeça.

– És de facto uma menina muito corajosa. – Malcolm sorriu.

Viu-o introduzir o número composto por quatro algarismos. Um segundo mais tarde escutou um toque. Vinha da mala.

Depois um segundo toque.

Um terceiro...

– Não te esqueças – Malcolm inspirou –, sem carburante não há arranque, não é verdade, Michelle?

QUANDO A CASA EXPLODIU estávamos agachados atrás de um carro-patrolha, a uns escassos trinta metros da casa.

No instante em que as janelas rebentaram viram-se clarões alaranjados, após os quais a casa pareceu separar-se das suas fundações e uma nuvem abrasadora se ergueu atravessando o telhado.

– Para o chão! – gritou Molinari. – Toda a gente para o chão!

A deslocação do ar empurrou-nos para trás. Derrubei Cindy, que se encontrava de pé ao meu lado, e protegi-a da força da explosão e da chuva de destroços.

Permanecemos deitados enquanto a rajada tórrida passava por cima de nós. Escutaram-se alguns gritos de « Valha-me Deus » e « Estás bem ? » .

Pouco a pouco, fomo-nos levantando.

– Oh, meu Deus... – gemeu Cindy .

Onde há um segundo se erguia uma casa branca, agora restava apenas fumo, chamas e uma cratera.

– Michelle – murmurou Cindy . – Vá lá, Michelle.

Observámos as chamas a crescer batidas pelo vento. Ninguém saiu. Era impossível alguém ter sobrevivido àquela explosão.

As sirenes desataram a tocar. Os rádios começaram a transmitir freneticamente. Escutei alguns polícias gritarem para os seus *walkie-talkies*: « Temos uma explosão no número setecentos e setenta e dois da Seventh Street... »

– Talvez ela não estivesse lá dentro. – Cindy abanou a cabeça, ainda com os olhos pregados na casa devastada.

Coloquei o braço por cima dos ombros da minha amiga.

– Eles mataram a Jill, Cindy .

Mais tarde, depois de os bombeiros terem reduzido o incêndio a cinzas fumegantes e de as equipas médicas terem etiquetado todos os restos mortais chamuscados, eu mesma vasculhei por entre os escombros.

Seria o fim ? Teria a ameaça desaparecido ? Quantas pessoas estavam no interior daquela casa ? Não fazia ideia, mas parecia serem quatro ou cinco. O mais provável era Hardaway estar morto. Estaria Charles Danko, August Spies, ali com ele ?

Claire chegara entretanto. Encontrava-se ajoelhada junto aos corpos tapados, contudo os restos estavam tão queimados que pareciam irreconhecíveis.

– Estou à procura de um homem branco – informei-a –, com cerca de cinquenta anos.

– Pelo que consigo perceber, parecem-me quatro pessoas – revelou ela. – O homem negro que foi morto no passeio. Mais três no interior da casa. Dois deles são mulheres, Lindsay .

Joe Molinari aproximou-se de mim. Havia estado ao telefone com Washington, fazendo uma atualização da situação.

– Estás bem ? – perguntou.

– Ainda não acabou – declarei, e apontei com a cabeça para os corpos tapados e etiquetados.

– O Danko ? – Encolheu os ombros. – Terá de ser o pessoal médico a dizer-nos isso. De qualquer forma, a sua rede, a sua célula foi desmantelada. O engenho também. O que poderá ele fazer agora ?

Por entre os escombros, vislumbrei algo, um gancho. Havia nele qualquer coisa de quase engraçado. Baixei-me e apanhei-o.

– Que a voz do povo seja ouvida – disse para Molinari, mostrando-lhe o gancho.
Tinha o símbolo da paz.

CHARLES DANKO deambulava sem rumo pelas ruas de São Francisco e pensava no que acabara de suceder em Berkeley, onde os seus amigos tinham morrido pela causa, como mártires, tal como William há muito tempo.

Podia matar muita gente agora. Aqui mesmo.

Sabia que podia provocar grandes estragos e que ninguém o apanharia durante várias horas, talvez mais, se tivesse a cabeça no lugar, se analisasse bem a situação, se agisse como um assassino meticuloso.

Estás morto, jovem e cretino executivo no teu dispendioso fatinho preto.

Tu também estás morta, loura fútil e vaidosa.

Tu. E tu. Tu! Tu! E vocês, quatro amiguinhos idiotas!

Ora, seria tão fácil dar rédea solta à sua raiva.

A polícia e o FBI eram patéticos quando se tratava do seu dever de «proteger» os cidadãos.

Todas as suas deduções estavam erradas.

Não entendiam que aquilo podia tratar-se de justiça e de vingança. Ambos os conceitos eram perfeitamente compatíveis; podiam andar de mão dada. Estava a seguir os passos do seu irmão William, honrava o inspirado sonho do irmão já morto e, ao mesmo tempo, vingava a sua morte. Duas causas era melhor do que apenas uma. Era o dobro da motivação e o dobro da raiva.

Os rostos que passavam por ele, as roupas caras, as lojas absurdas, começava tudo a enevoar-se frente aos seus olhos; todos eram culpados. O país inteiro era culpado.

Mas não o entendiam. Não ainda.

A guerra encontrava-se mesmo ali, nas suas ruas de ouro. A guerra tinha vindo para ficar.

Ninguém podia detê-la.

Haveria sempre mais soldados.

Afinal, era isso que ele era, um simples soldado.

Parou numa cabina telefónica e fez duas chamadas.

A primeira para outro soldado.

A segunda, para o seu mentor, a pessoa que pensara em tudo, incluindo em como usá-lo.

Charles Danko havia tomado a sua decisão: no dia seguinte iria espalhar o terror.

Nada tinha mudado.

NO DIA SEGUINTE, as reuniões do G-8 começaram segundo o programa. Os tipos da linha dura, os tipos de Washington, assim o desejavam. Pois então que assim fosse.

Os debates estavam preparados para aquela noite, com uma recepção na Rodin Gallery no Palácio da Legião de Honra, com vista para a Golden Gate Bridge.

O anfitrião seria Eldridge Neal, um dos afro-americanos mais admirados do país, o actual vice-presidente. Todos os polícias disponíveis estavam a garantir a segurança dos locais e das ruas. Todos os cartões de identificação seriam verificados três vezes, todos os caixotes do lixo e condutas de ar seriam farejados por cães em busca de explosivos.

Mas Danko continuava livre, algures.

E Carl Danko era o único vínculo que eu tinha com o seu filho.

Regressei a Sacramento enquanto o resto do departamento se preparava para as festividades do G-8. Carl Danko pareceu surpreendido ao ver-me de novo.

– Pensei que hoje ia receber alguma medalha de honra. O assassinato de jovens parece ter-se transformado num hábito para vocês. O que faz aqui?

– O seu filho – disse-lhe.

– O meu filho está *morto*.

Danko suspirou e franqueou-me a entrada. Segui-o até ao seu estúdio. A lareira estava acesa. Ajoelhou-se e atçou as chamas, depois sentou-se numa cadeira.

– Como já lhe disse, o momento para falar do William foi há trinta anos.

– Não me refiro ao Billy – declarei –, mas sim ao *Charles*.

Danko pareceu hesitar.

– Disse aos agentes federais...

– Eu sei – interrompi-o. – Conhecemos os antecedentes dele, senhor Danko. Sabemos que ele não está morto.

O velho grunhiu.

– Vocês não desistem, pois não? Primeiro o William, agora o Charlie. Vá aceitar as suas medalhas, tenente. Já apanhou os assassinos. O que a leva a pensar que pode entrar aqui e afirmar que o Charlie está vivo?

– George Bengosian – respondi.

– Quem?

– George Bengosian. A segunda vítima. Conheceu o Billy em Berkeley. Eram mais do que apenas conhecidos, senhor Danko. Foi ele quem denunciou o seu filho.

Danko mudou de posição na cadeira.

– O que quer dizer com isso?

– E o Frank Seymour? Morreu na explosão do Rincon Center. O Seymour foi o agente que liderou a rusga a Hope Street onde o seu filho morreu. O Charles anda por aí a matar pessoas inocentes, senhor Danko. Acho que enlouqueceu. E creio que o senhor é da mesma opinião.

O velho respirou fundo. Olhou para as chamas, depois levantou-se e dirigiu-se a uma secretária. Tirou um molho de cartas da gaveta do fundo e atirou-as para uma mesinha de café à minha frente.

– Eu não menti. O meu filho está morto para mim. Nos últimos trinta anos vi-o uma vez, durante cinco minutos, numa esquina em Seattle. Há alguns anos, começaram a chegar estas cartas. Uma por ano, por volta do dia do meu aniversário.

Meu Deus, eu tinha razão. O Charles Danko está vivo...

Peguei nas cartas e comecei a folheá-las.

O velho encolheu os ombros.

– Acho que dá aulas numa universidade, ou algo assim.

Examinei os envelopes. Não tinham remetente, porém as últimas quatro eram originárias do Norte, de Portland, no Oregon. Uma delas era até bastante recente, do dia 7 de Janeiro, fazia quatro meses.

Portland.

Tive uma ideia. Não podia ser coincidência. Stephen Hardaway estudara em Portland. Em Reed. Voltei a minha atenção para o velho.

– Diz que ele está a dar aulas? Onde?

Abanou a cabeça.

– Não sei.

Mas *eu* sabia. De repente, foi como se se tivesse feito luz.

Danko encontrava-se em Reed. Todo este tempo, ele estivera lá a ensinar.

Foi assim que ele e Stephen Hardaway se conheceram.

PUSERAM-ME EM CONTACTO com Molinari no Palácio da Legião de Honra. Faltava menos de duas horas para a recepção do vice-presidente. Os eventos do G-8 tinham começado.

– Acho que sei onde podemos encontrar o Danko – gritei para o telemóvel. – Está no Reed College. Em Portland. É professor lá, Joe. Foi em Reed que o Stephen Hardaway estudou. Tudo se encaixa na perfeição.

Molinari disse-me que enviaria uma equipa do FBI à universidade enquanto eu regressava à cidade. Acendi as luzes de emergência e conduzi com a sirene a tocar durante todo o caminho. A sul de Vallejo impacientei-me e pedi o número da universidade.

Identifiquei-me a uma rececionista, que passou a chamada a um decano de estudos académicos, um tal Michael Picotte. Os agentes do FBI da delegação de Portland chegaram no exacto momento em que ele atendia a minha chamada.

– Precisamos desesperadamente de localizar um dos vossos professores. É uma emergência – expliquei ao decano. – Não tenho nem o nome nem a descrição. O seu nome *verdadeiro* é Charles Danko. Deve ter cerca de cinquenta anos.

– Dan... Danko? – gaguejou Picotte. – Não há ninguém relacionado com a universidade com esse nome, mas temos vários professores na casa dos cinquenta, incluindo eu.

Estava a ficar cada vez mais exasperada e impaciente.

– Tem faxe? – questionei. – Um número de faxe que eu possa usar?

Contactei o meu gabinete e pedi que me pusessem em contacto com Lorraine. Pedi-lhe que localizasse o cartaz de busca e captura de Charles Danko que o FBI emitira nos anos 70. Com sorte, as semelhanças ainda seriam evidentes. Dean Picotte colocou-me em espera enquanto o faxe chegava.

Estava a aproximar-me da Bay Bridge. O aeroporto internacional de São Francisco ficava a apenas vinte minutos de distância. Podia apanhar um avião naquele instante e ir a Portland eu mesma.

– Muito bem, já chegou – anunciou o decano, regressando ao telefone. – Isto é um cartaz de...

– Observe-o com atenção – pedi. – Por favor... Reconhece esse rosto?

– Meu Deus... – O decano pareceu engasgar-se.

– Quem é? Preciso de um nome! – gritei ao telefone. Presenti que Picotte hesitava. Podia estar a denunciar um colega, ou até um amigo.

Saí da ponte para São Francisco e para a Harrison Street.

– Professor Picotte, por favor... Preciso de um nome! Há vidas em risco.

– Stanzer – disse o decano por fim. – Parece tratar-se do Jeffrey Stanzer. Tenho quase a certeza.

Peguei numa caneta e anotei o nome. Jeffrey Stanzer. Stanzer era Danko!

Danko era August Spies. E continuava à solta.

– Onde podemos encontrá-lo? – perguntei. – Há agentes do FBI na universidade neste preciso momento. Precisamos da morada do Stanzer.

Picotte voltou a hesitar.

– O professor Stanzer é um membro respeitado da nossa universidade.

Parei o carro junto a um passeio.

– Tem de dizer-me com exactidão onde podemos encontrar o Jeffrey Stanzer. Trata-se de uma investigação por homicídio! O Stanzer é um assassino. E vai matar novamente.

O decano soltou um suspiro.

– Disse que estava a ligar de São Francisco?

– Sim.

Fez-se uma pausa.

– Ele está aí... O Jeffrey Stanzer vai dar uma conferência na reunião do G-8. Creio que está programada para esta noite.

Meu Deus, Danko ia matar toda a gente presente na reunião.

CHARLES DANKO, inquieto, excitado pelo que ia acontecer, permanecia de pé sob as luzes brilhantes do Palácio da Legião de Honra. Aquela era a *sua* noite. Seria famoso, e o mesmo aconteceria ao seu irmão, William.

Quem acreditava que o conhecia ficaria surpreendido ao saber que ia falar em São Francisco naquela noite. Jeffrey Stanzer havia passado anos vivendo uma discreta existência académica, evitando cuidadosamente qualquer publicidade. Ocultando-se da polícia.

Mas naquela noite ia fazer algo muito mais audaz do que falar numa aborrecida conferência. As teorias e as análises de nada serviam. Naquela noite iria reescrever a história.

Todos os polícias de São Francisco andavam à sua procura. August Spies. E o mais engraçado é que iam deixá-lo entrar – e pela porta da frente!

Sentiu um calafrio. Agarrou a pasta e encostou-a com força contra o seu amarrado fato de cerimónia. No interior estava o seu discurso, uma análise do efeito da inversão de capital estrangeiro no mercado laboral do Terceiro Mundo. O trabalho de toda a sua vida, podia dizer-se. Mas o que sabiam dele na realidade? Nada. Nem sequer o seu nome.

Mais adiante, agentes de seguranças de *smoking* e armas reviravam os bolsos e as malas de economistas e de mulheres de embaixadores, o tipo de pessoas egotistas que acorriam àquele tipo de eventos.

Podia matá-los a todos, cogitava. E porque não? Vinham para dividir o mundo, para deixar a sua impressão digital económica naqueles que não podiam competir, nem sequer lutar contra eles. Sanguessugas, pensou. Seres humanos horríveis e desprezíveis. Todos ali mereciam morrer. Tal como Lightower e Bengosian.

A fila avançou, passando frente a uma imitação de *O Pensador* de Rodin. Sentiu outro formigueiro de nervosismo. Por fim, Danko mostrou o seu convite especial de VIP a uma atraente mulher que envergava um vestido de noite preto. Devia ser agente do FBI. Sem dúvida que teria uma *Glock* escondida sob o vestido. *Raparigas com armas*, matutou Danko.

– Boa noite – cumprimentou ela, e verificou se o nome se encontrava na lista. – Pedimos desculpa pelo incómodo, professor Stanzer, mas podia passar a sua pasta pelo *scanner*?

– Com certeza. Mas trata-se apenas do meu discurso – explicou Danko, entregando-lhe a pasta como qualquer académico nervoso. Estendeu os braços enquanto um segurança lhe passava um detector de metais em redor do corpo.

O guarda revistou-lhe o casaco.

– O que é isto? – interrogou.

Danko extraiu um pequeno recipiente de plástico com uma etiqueta de farmácia e uma receita passada em seu nome. O recipiente era outra das obras-primas de Stephen Hardaway. Pobre Stephen, morto. Pobre Julia, Robert e Michelle. Soldados. *Tal como ele.*

– É para a minha asma – replicou Danko. Tossiu um pouco e apontou para o peito. – *Proventil*. Preciso sempre de o tomar antes de um discurso. Até tenho um substituto.

O guarda observou-o por instantes. Aquilo até era divertido. Ele e Stephen haviam aperfeiçoado o recipiente. Quem precisava de armas e de bombas quando todo o terror do mundo cabia na palma da mão?

William ficaria orgulhoso!

– Pode entrar, senhor. – O guarda fez-lhe sinal para que avançasse. – Tenha uma boa noite.

– Oh, é essa a minha intenção.

PISEI NO ACELERADOR do meu *Explorer* e passei um semáforo vermelho em Ness quando me dirigia para Geary. O Palácio da Legião de Honra situava-se em Lands End. Ainda que não houvesse trânsito, seria uma viagem de dez minutos.

Marquei o número de Molinari. Não estava a receber sinal.

Tentei que me pusessem em contacto com o chefe. Um dos seus assistentes disse-me que ele se encontrava no meio da multidão.

– O vice-presidente está a entrar neste preciso instante – declarou. – Ali está ele.

– *Escuta-me!* – gritei ao mesmo tempo que virava bruscamente, abrindo caminho com as sirenes e as luzes de emergência ligadas. – Quero que encontres o Tracchio ou o Molinari, aquele que vires primeiro. Encosta-lhe o telefone ao ouvido. *É um assunto de importância nacional.* Pouco me importa com quem estejam a falar! Vai! Mexe-te!

Lancei um olhar rápido ao relógio do carro. A qualquer momento podia explodir uma bomba. Tudo o que tínhamos para identificar Charles Danko era uma foto antiga. Eu própria não sabia se seria capaz de o identificar.

Um minuto passou muito lentamente. Depois soou uma voz no meu telemóvel. Era Molinari.

– Joe, escuta-me bem, por favor – despejei. – O Charles Danko está aí! Neste momento! Está a usar o nome Jeffrey Stanzer. É um dos oradores da conferência. Estou aí dentro de três minutos. Neutraliza-o, Joe!

Discutimos brevemente os prós e os contras de evacuar o palácio ou de fazer algum tipo de aviso usando o nome de Stanzer. Molinari não optou por um nem pelo outro, pois, ao primeiro sinal de alarme, Danko podia decidir pôr em marcha o seu plano, qualquer que fosse.

Por fim, virei na Thirty-Fourth, segui pelo parque e subi a colina em direcção à Legião de Honra. O parque estava repleto de manifestantes e as vias de acesso encontravam-se cortadas.

Os agentes pediam a identificação a toda a gente. Desci o vidro e mostrei o meu crachá, fazendo soar a buzina com todas as minhas forças.

Lá consegui manobrar pela estreita faixa entre as limusinas e os carros-patrolha que levava até ao círculo principal do palácio. Abandonei o *Explorer* frente à entrada e desatei a correr. Encontrei agentes federais que falavam pelos seus rádios e a todos exibiu o meu crachá.

– *Deixem-me passar!*

Por fim, lá consegui entrar no edifício principal. As salas e os corredores estavam a abarrotar de dignatários e de estadistas.

Avistei Molinari a dar ordens pelo rádio e estuguei o passo na sua direcção.

– Ele está aqui – alertou. – O nome figura na lista de convidados. E já entrou.

POR TODO O LADO VIAM-SE EMBAIXADORES, membros do governo, dirigentes empresariais. Conversavam em grupos, tomavam champanhe. A qualquer instante podia explodir uma bomba. O vice-presidente estava a ser levado para um lugar seguro, mas Charles Danko podia estar em qualquer lugar e só o diabo sabia o que teria em mente. Nem sequer tínhamos ideia de qual era o aspecto actual do filho-da-mãe!

Molinari entregou-me um *walkie-talkie* sintonizado na mesma frequência do dele.

– Tenho o cartaz da captura. Eu vou pela esquerda. Mantém-te em contacto comigo, Lindsay. Não quero actos heróicos esta noite.

Comecei a deambular por entre a multidão. Mentalmente, esbocei uma imagem de Charles Danko trinta anos antes e tentei colá-la em cada rosto que via. Oxalá tivesse pedido ao decano de Reed uma descrição actualizada. Tudo tinha acontecido demasiado depressa. Continuava a acontecer muito depressa.

Onde estás tu, Danko, seu filho-da-mãe?

– Estou a revistar a sala principal – disse para o *walkie-talkie*. – Não o vejo.

– Eu estou no anexo – retorquiu Molinari. – Nada até agora. Mas ele anda por aqui algures.

Observei atentamente cada rosto. A nossa única vantagem era o facto de ele não saber que sabíamos. Uns quantos agentes federais escoltavam em silêncio algumas pessoas em direcção às saídas. Não convinha semear o pânico e revelar as nossas cartas.

Mas não o avistava em lado nenhum. Onde estava Danko? O que planeava para aquela noite? Tinha de ser algo em grande, – a sua presença comprovava-o.

– Vou dirigir-me para os Rodins – disse a Molinari.

Estava rodeada por enormes estátuas de bronze em pedestais de mármore e por pessoas que beberravam champanhe. Aproximei-me de um grupo reunido perto de uma das estátuas.

– O que se passa aqui? – perguntei a uma mulher de vestido preto.

– O vice-presidente – respondeu ela. – Segundo o programa, deve chegar aqui a qualquer momento.

O vice-presidente havia sido retirado de cena, mas ninguém fora informado. As pessoas faziam fila para o cumprimentar. Estaria Danko entre elas?

Examinei a fila, um rosto atrás do outro.

Vi um homem alto, magro, um pouco calvo, com a testa alta, os olhos juntos e muito estreitos. Tinha uma mão metida no bolso do casaco. Senti um calafrio no centro do peito.

Apercebi-me da semelhança com a fotografia de há trinta anos. As pessoas em redor bloqueavam-me a vista. Contudo, não havia dúvidas – Charles Danko era a imagem viva de seu pai.

Virei a cabeça e falei para o *walkie-talkie*.

– Encontrei-o! Joe, ele está aqui.

Danko encontrava-se na fila para conhecer o vice-presidente. O meu coração batia furiosamente. A sua mão esquerda continuava metida no bolso do casaco. Estaria a segurar algum tipo de detonador? Como conseguira fazê-lo passar pela segurança?

– Estou na sala dos Rodins. Joe, ele está mesmo à minha frente.

Molinari disse:

– Fica onde estás. Vou já para aí. Não corras riscos desnecessários.

De súbito, o olhar de Danko dirigiu-se para mim. Não sabia se me havia visto na televisão, entre os investigadores, ou se eu tinha «policia» escrito na testa. Mas de alguma forma ele

parecia saber. Os nossos olhares cruzaram-se.

Vi-o abandonar a fila onde se encontrava, os seus olhos sempre fixos em mim.

Dei um passo na sua direcção. Abri o casaco para sacar da arma. Tinha pelo menos uma dúzia de pessoas a bloquearem-me o caminho. Tinha de passar. Por um segundo, perdi Danko de vista. Foi apenas um segundo.

Quando a multidão se afastou, Danko já ali não estava.

O coelho branco tinha desaparecido de novo.

ABRI CAMINHO até ao lugar onde ele estivera há apenas alguns segundos. *Tinha desaparecido!* Esquadrinhei a sala.

– Perdi-o! – resmunguei para o *walkie-talkie*. – Deve ter-se escondido por entre a multidão.

Filho-da-mãe! – Sem razão alguma, estava furiosa comigo mesma.

Não via Charles Danko em parte nenhuma. Os homens estavam todos de fato de cerimónia e pareciam iguais uns aos outros. E toda aquela gente estava exposta ao perigo, talvez até à morte.

Abri caminho com o crachá na mão e corri por um longo corredor que levava a uma parte encerrada do museu. Não havia sinal de Danko.

Regressei de imediato ao salão de baile principal e esbarrei com Molinari.

– Ele está aqui. Eu sei que está, Joe. Este é o momento pelo qual ele esperava.

Molinari anuiu e deu instruções pelo rádio para que ninguém, absolutamente ninguém, abandonasse o edifício. Pensei que se algum engenho explodisse ali, com tanta gente, seria um desastre total. Eu morreria. E Molinari também. Seria pior do que o Rincon Center.

Onde estás, Danko?

Foi então que o vi de relance. Ou pelo menos assim o pensei. Apontei para um homem alto e quase calvo que se afastava de nós, escondendo-se por entre a multidão.

– É ele! Danko! – gritei, sacando da minha *Glock*. – Danko! Pára!

As pessoas afastaram-se o suficiente para o ver tirar a mão do bolso do casaco. Os nossos olhares voltaram a cruzar-se... e sorriu-me. O que teria ele no bolso?

– Polícia! – bradou Molinari. – Todos para o chão!

Os dedos de Charles Danko estavam enrolados em redor de qualquer coisa. Não conseguia perceber se era uma arma ou um detonador.

Foi então que o vi, um recipiente de plástico. Que diabo era aquilo? Ele ergueu o braço e eu investi contra ele. Não me restava mais nenhuma opção.

Segundos depois caí sobre Charles Danko e agarrei-lhe o braço na esperança de que soltasse o recipiente. Prendi-lhe a mão, tentando desesperadamente arrancar-lho. Não consegui sequer movê-lo.

Escutei-o gemer de dor e vi-o rodar o recipiente para mim, na direcção do meu rosto.

Molinari estava do outro lado de Danko, tentando também dominá-lo.

– Afasta-te dele! – alertou-me.

O recipiente girou uma vez mais. Desta vez na direcção de Molinari. Estava tudo a acontecer demasiado depressa, em apenas alguns segundos.

Continuei agarrada ao braço de Danko. Agora tinha alguma vantagem e tentei partir-lhe o braço.

Ele virou-se para mim e os nossos olhares encontraram-se uma vez mais. Nunca antes sentira tanto ódio, tanta frieza.

– Cretino! – gritei-lhe na cara. – Lembra-te da Jill!

Nesse instante, apertei o recipiente.

Um borriço atingiu-o na cara. Muito perto. Danko tossiu, arquejou. O seu rosto contorceu-se numa máscara de horror. Já outros agentes o seguravam e arrastavam para longe de mim.

Danko respirava com dificuldade. Continuava a tossir, como se conseguisse cuspir o veneno dos pulmões.

– Acabou – arquejei. – É o teu fim. É o teu fim. *Perdeste*, imbecil.

Os seus olhos sorriram, vazios. Fez sinal para que me aproximasse.

– Nunca acabará, idiota. Haverá sempre outro soldado.
Foi quando ouvi disparos e entendi que era mesmo uma idiota.

CORREMOS para o pátio, de onde vinham os disparos. Joe Molinari e eu abrimos caminho por entre a multidão. Algumas pessoas arquejavam e outras soluçavam.

Ao princípio não percebi o que se passava, mas não tardei a compreender. E desejei ter ficado na ignorância.

Eldridge Neal encontrava-se caído de costas. Uma mancha carmesim alastrava-se pela sua camisa branca. Alguém disparara sobre o vice-presidente dos Estados Unidos. Ai, meu Deus, mais uma tragédia.

Alguns dos agentes dos serviços secretos seguravam uma mulher que não deveria ter mais de dezoito ou dezanove anos. Cabelo ruivo encaracolado. Gritava qualquer coisa ao vice-presidente sobre bebês que eram vendidos como escravos no Sudão, sobre a sida que matava milhões de pessoas em África, sobre crimes de guerra praticados por multinacionais no Iraque e na Síria.

Deveria ter estado à espera de Neal enquanto o retiravam do salão principal.

De repente, reconheci a rapariga. Já a vira antes, no gabinete de Roger Lemouz. Era a rapariga que me mostrara o dedo do meio quando a mandara embora. Meu Deus, não passava de uma miúda.

Joe Molinari soltou-me o braço e acorreu em auxílio do vice-presidente. A rapariga, que não parava de gritar e de praguejar, foi levada. Entretanto, uma ambulância entrou directamente no pátio. Os médicos da equipa de emergência saíram do veículo e começaram a cuidar do vice-presidente Neal.

Teria Charles Danko planeado aquilo?

Saberia que o tínhamos descoberto?

Tratar-se-ia de uma armadilha? Saberia ele que o caos reinaria se o apanhássemos? Que tinha ele dito? « Haverá sempre mais um soldado. »

Era isso que mais me assustava. Sabia que Danko tinha razão.

DEVIA IR AO HOSPITAL para ser examinada, mas recusei. Ainda tinha trabalho para fazer. Joe Molinari e eu acompanhámos a rapariga do cabelo ruivo até ao Palácio da Justiça. Interrogámos Annette Breiling durante várias horas, após as quais a revolucionária, a terrorista, a pessoa capaz de disparar contra o vice-presidente a sangue-frio, se desmoronou.

Annette Breiling disse-nos tudo o que precisávamos de saber, e mais. Falou-nos sobre o plano do Palácio da Legião de Honra.

Eram quatro da madrugada quando chegámos a um bairro da classe alta em Kensington. Havia pelo menos meia dezena de carros-patrolha no local e todos os agentes estavam fortemente armados. A rua, situada nas colinas, tinha vista para o San Pablo Reservoir. Muito bonita. Surpreendentemente luxuosa. Dir-se-ia que nada de mal podia acontecer ali.

– O tipo vive bem – comentou Molinari, mas foi só para não estar calado. – Façamos as honras, tu e eu.

Roger Lemouz, professor de Línguas Românicas abriu a porta. Envergava um roupão de veludo e o seu cabelo preto encaracolado estava despenteado. Tinha os olhos vítreos e raiados de sangue, e questionei-me se teria bebido naquela noite, em jeito de celebração.

– Senhora inspectora – disse com um sussurro rouco –, começa a não ser tão bem-vinda. São quatro da madrugada e esta é a minha casa.

Não me dei ao trabalho de trocar indelicadezas com Lemouz, nem tão-pouco o fez Molinari.

– Está preso por associação criminosa – declarou, entrando.

Infelizmente, a esposa e os dois filhos de Lemouz apareceram na sala. O rapaz não devia ter mais de doze anos e a rapariga era ainda mais nova. Molinari e eu guardámos as nossas armas.

– O Charles Danko está morto – informei Lemouz. – Uma jovem que você conhece, chamada Annette Breiling, implicou-o no assassinato da Jill Bernhardt, e em todos os assassinatos. Contou-nos que foi o senhor quem criou a célula de Stephen Hardaway. Entregou a Julia Marr e o Robert Green à célula. E controlava o Charles Danko, sabia que cordelinhos devia puxar. A raiva dele permaneceu latente durante trinta anos e o senhor conseguiu reactivá-la e levá-lo a agir. Ele foi o seu fantoche.

Lemouz riu na minha cara.

– Não conheço nenhuma dessas pessoas. Bem, a menina Breiling foi uma das minhas alunas. Infelizmente, desistiu da universidade. Isto não passa de um grande mal-entendido e não hesitarei em chamar o meu advogado se os senhores não se forem embora.

– Está preso – afirmou Joe Molinari, tornando o óbvio oficial. – Quer ouvir os seus direitos, professor? Eu gostaria de lhos ler.

Lemouz esboçou um sorriso estranho e arrepiante.

– Continua sem perceber, não é? Nenhum dos dois entende. É por isso que estão condenados. Um dia todo o vosso país sucumbirá. Aliás, já está a acontecer.

– Então, porque não nos explica? – atirei-lhe.

Acenou afirmativamente com a cabeça e depois virou-se para a sua família.

– O que não entende é isto.

O filho empunhava um revólver, e era óbvio que sabia usá-lo. O olhar do rapaz era tão frio quanto o do pai.

– Mato-os aos dois – ameaçou ele. – E será um prazer.

– O exército que se está a formar contra vocês é enorme e a sua causa é justa. Mulheres, crianças, muitos soldados, senhora inspectora. Pense nisso. A Terceira Guerra Mundial... já

começou.

Lemouz dirigiu-se tranquilamente para a sua família e tirou a arma da mão do filho. Apontou-a a nós. Depois beijou a mulher, a filha e o filho. Eram beijos ternos e sentidos. Havia lágrimas nos olhos da esposa. Lemouz sussurrou algo a cada um deles.

Recuou da sala de estar e não tardámos a ouvir passos apressados. Uma porta bateu algures na casa. Que esperanças tinha ele de se evadir?

Um disparo ressoou no interior da casa.

Molinari e eu corremos nessa direcção.

Encontrámo-lo no quarto. Tinha-se matado com um tiro na têmpora direita.

A sua mulher e os filhos começaram a chorar num outro quarto.

Tantos soldados, pensei. Isto não vai terminar, pois não? Esta Terceira Guerra Mundial.

CHARLES DANKO não me atingiu com ricina. Isso asseguravam os médicos que me rodearam toda a manhã na unidade de toxicologia do hospital.

Para além disso, o vice-presidente ia recuperar totalmente. De acordo com os rumores, encontrava-se internado num quarto dois andares abaixo do meu e até já teria falado com o seu chefe em Washington.

Passei várias horas com um labirinto de tubos e cabos por todo o corpo: monitores que registavam a pressão do meu sangue e eléctrodos no meu peito. O conteúdo do recipiente de Danko foi identificado como ricina. Uma quantidade suficiente para matar centenas de pessoas se não tivesse sido detectada. Danko tinha ricina nos pulmões e ia morrer. Não fiquei triste ao saber a notícia.

Por volta do meio-dia recebi uma chamada telefónica do presidente, que é como quem diz *o presidente*. Encostaram-me o telefone ao ouvido e na minha desorientação recorde-me de ter ouvido a palavra *heroína* pelo menos seis vezes. O presidente chegou a dizer que gostaria de me agradecer em pessoa e eu brinquei que talvez fosse melhor esperar que o brilho tóxico desaparecesse.

Quando abri os olhos depois de uma pequena sesta, Joe Molinari estava sentado na beira da minha cama.

Sorriu.

– Então, pensei que tinha dito que não queria actos heróicos!

Pestanejei e sorri também, um pouco mais tonta do que triunfante e envergonhada por causa dos tubos e dos monitores.

– A boa notícia – continuou com um piscar de olhos – é que os médicos dizem que estás ótima. Querem apenas manter-te aqui mais algumas horas por precaução. Está um batalhão de jornalistas lá fora.

– E a má notícia? – inquiri num tom rouco.

– Alguém terá de te ensinar a vestir para as sessões de fotografia.

– Uma nova afirmação de moda. – Contive um sorriso.

Reparei que ele trazia a gabardina dobrada sobre o braço e vestia o fato azul com o qual o vi pela primeira vez. Era um fato bonito e ficava-lhe bem.

– O vice-presidente está a recuperar bem. Regresso a Washington esta noite.

Tudo o que consegui fazer foi acenar afirmativamente com a cabeça.

– *Okay...*

– Não – Abanou a cabeça, aproximando-se. – Não está okay. Porque não é o que eu quero.

– Ambos sabíamos que isto iria acontecer – afirmei, tentando ser forte. – Tens o teu trabalho.

As estagiárias...

Molinari fez uma careta.

– És forte o suficiente para perseguir um homem com um recipiente cheio de um veneno mortal, mas não estás disposta a perseguir aquilo que desejas.

Senti uma lágrima a crescer ao canto do olho.

– Neste momento não sei o que quero.

Molinari pousou a gabardina, aproximou-se de mim, colocou a mão na minha bochecha e limpou a lágrima.

– Creio que precisas de tempo. Quando as coisas acalmarem, tens de decidir se estás preparada para deixar entrar alguém na tua vida. Uma relação, Lindsay.

Pegou-me na mão.

– Não me chamo Molinari, Lindsay. Nem director-adjunto – piscou-me o olho –, mas sim *Joe*. E estou a falar de ti e de mim. E não estou a brincar, pois sei que já foste magoada antes. Talvez não gostes do que eu vou dizer, Lindsay, mas tens direito a ser feliz. Sabes o que eu quero dizer. Podes chamar-me antiquado. – Sorriu.

– Antiquado – repeti, fazendo exactamente aquilo de que ele me acusava: fazer piadas quando devia estar a falar a sério.

Era como se houvesse algo dentro de mim que me impedia de dizer aquilo que sentia.

– Então, virás cá com que frequência?

– Se contares os discursos, as conferências sobre segurança... e juntares umas quantas crises nacionais...

Soltei uma gargalhada.

– Não conseguimos fugir às piadas, nenhum de nós.

Molinari suspirou.

– Não sou um filho-da-mãe, Lindsay, creio que já deves ter percebido isso. Isto entre nós pode funcionar. O próximo passo cabe-te a ti. Tens de fazer qualquer coisa para tentar.

Levantou-se e passou a mão pelo meu cabelo.

– Os médicos garantiram-me que isto é perfeitamente seguro. – Sorriu, debruçou-se sobre mim e beijou-me nos lábios. Os seus lábios, suaves, e os meus, gretados e secos, colaram-se. Tentava *mostrar-lhe* o que sentia, sabendo que seria uma loucura não o *dizer* por palavras e impedir que se fosse embora.

Joe Molinari endireitou-se e colocou a gabardina no braço.

– Foi um privilégio e uma honra conhecê-la, tenente Boxer.

– Joe – disse, um pouco assustada por ver que ele se ia embora.

– Sabes onde me encontrar.

Fiquei a vê-lo dirigir-se para a porta.

– Nunca se sabe quando uma rapariga pode ter uma emergência nacional...

– Sim... – Virou-se e sorriu. – Sou um tipo que gosta de emergências nacionais.

NESSA MESMA TARDE o meu médico explicou-me que eu estava de perfeita saúde e que não havia nada no meu sistema que não pudesse ser curado com um ou dois copos de vinho.

– Estão ali algumas pessoas que querem levá-la a casa – informou ele.

Vi Claire e Cindy meterem a cabeça na porta.

Já em casa, deram-me tempo suficiente para tomar um duche, mudar de roupa e dar um abraço a *Martha*. Depois tive de ir ao Palácio da Justiça. Todos pareciam querer um pedaço da minha pessoa. Combinei encontrar-me com as raparigas mais tarde, no Susie's. Era importante que nos reuníssemos.

Dei a entrevista para a televisão nos degraus do edifício. Tom Brokaw fez as perguntas através de uma ligação de vídeo.

Ao recontar a história de como havíamos encontrado Danko e Hardaway, senti um tremor percorrer-me o corpo, distanciando-me de tudo enquanto falava. Jill estava morta; Molinari tinha partido. Não me sentia uma grande heroína. O telefone iria tocar com a informação de outro homicídio e a vida retomaria o seu curso habitual. Mas desta vez eu sabia que nada seria como antes.

Eram quatro e meia quando as raparigas vieram buscar-me. Eu encontrava-me a terminar os relatórios. Embora Jacobi e Cappy não parassem de dizer que tinham a melhor tenente da polícia, eu sentia-me deprimida, solitária e vazia... Bem, pelo menos até as raparigas chegarem.

– Vamos embora – chamou Cindy, agitando uma pequena bandeira de *cocktail* mexicana frente à minha cara. – As *margaritas* estão à nossa espera.

Levaram-me ao Susie's, o último lugar onde havíamos estado com Jill. Na verdade, dois anos antes, foi ali que demos as boas-vindas ao grupo que estávamos a formar. Acomodámo-nos no lugar do costume e pedimos uma rodada de *margaritas*. Contei-lhes sobre a terrível luta no Palácio da Legião de Honra na noite anterior, no telefonema do presidente e na entrevista de Brokaw.

Mas era triste, estarmos ali só as três. O lugar vazio ao lado de Claire.

As nossas bebidas chegaram.

– São por conta da casa, claro – disse Joanie, a empregada.

Levantámos os copos, cada uma de nós tentando sorrir, mas contendo as lágrimas.

– À nossa menina – brindou Claire. – Talvez agora possa descansar em paz.

– Ela nunca descansará em paz – comentou Cindy, a rir por entre as lágrimas. – Não é do seu carácter.

– Tenho a certeza de que ela está lá em cima agora – acrescentei –, a observar-nos e a avaliar a situação. « Bem, meninas, já tenho tudo resolvido... »

– Então está a sorrir – concluiu Claire.

– À Jill – brindámos em coro, encostando os copos. Custava a crer que aquele seria o nosso ritual a partir daquele momento. Sentia tantas saudades dela, e nunca tanto como naquele instante à nossa mesa, sem ela.

– Bem – disse Claire, pigarreando e olhando para mim. – Então e agora?

– Pedimos umas costeletas – respondi. – E eu vou beber outra destas. Talvez até mais do que uma.

– Estava a perguntar o que vai passar-se entre ti e o director. – Cindy piscou o olho.

– Regressa a Washington – informei. – Esta noite.

– Para sempre? – interrogou Claire, surpreendida.

– É lá que estão os dispositivos de escuta e os helicópteros pretos. – Agitei a minha bebida. – Creio que são helicópteros *Bell*.

– Oh. – Claire anuiu. Olhou para Cindy. – Gostas deste tipo, não gostas, Lindsay?

– Gosto – respondi. Fiz sinal a Joanie para que nos trouxesse outra rodada.

– Não estou a perguntar se o achas simpático, querida. Mas sim se *gostas* dele.

– O que queres que eu faça, Claire? Que desate a cantar o refrão de uma canção romântica?

– Não – respondeu Claire, olhando para Cindy e depois de volta para mim. – O que queremos, Lindsay, é que ponhas de lado o que te impede de fazer o que é melhor para ti e não deixes que esse tipo se meta no avião.

Arqueei as costas contra o encosto da cadeira e engoli em seco.

– É a Jill....

– A Jill?

Inspirei fundo e um rio de lágrimas molhou-me os lábios.

– Não estive lá para a ajudar, Claire. Na noite em que ela correu com o Steve.

– O que estás para aí a dizer? – ralhou ela. – Estavas em Portland.

– Estava com o Molinari – revelei. – Quando regresssei já passava da uma da madrugada. A Jill parecia confusa. Disse-lhe que ia ter com ela, mas não insisti. Sabem porquê? Porque estava a sonhar com o Joe. E ela tinha acabado de pôr o Steve fora de casa.

– Ela assegurou-te de que estava bem – argumentou Cindy. – Foi o que nos disseste.

– A Jill era mesmo assim. Alguma vez a ouviram pedir ajuda? Resumindo, eu não estava lá. E, quer isso esteja certo ou errado, agora não consigo olhar para o Joe sem pensar que, se tivesse ido ter com ela, a nossa amiga ainda estaria aqui connosco.

Nenhuma delas disse nada. Nem uma palavra. Eu fiquei ali sentada, a conter as lágrimas.

– Vou dizer-te o que penso – declarou Claire, os seus dedos deslizando pelo tampo da mesa e agarrando a minha mão. – Acho que és uma mulher demasiado inteligente para acreditares que teres apostado na tua felicidade uma vez na vida poderia ter alguma influência no que aconteceu à Jill. Sabes que ela seria a primeira a ficar feliz por ti.

– Eu sei, Claire. – Assenti. – Mas não consigo deixar de pensar nisto...

– Esquece isso – aconselhou Claire, apertando-me a mão. – Só estás a magoar-te a ti mesma. Toda a gente tem direito a ser feliz, Lindsay. Até tu.

Limpei uma lágrima com o guardanapo de *cocktail*.

– Já é a segunda vez hoje que escuto isso – afirmei, não conseguindo evitar um sorriso.

– Pois então, à Lindsay Boxer – anunciou Claire, levantando o copo. – E para que, ao menos uma vez na vida, o ouça, alto e bom som.

Um grito vindo da zona do bar interrompeu o nosso brinde. Estava toda a gente a apontar para o televisor. Ao invés de um estúpido jogo de futebol, era o meu rosto que aparecia no ecrã. Tom Brokaw estava a entrevistar-me. Escutaram-se assobios e vivas.

Ali estava eu nas notícias da noite.

JOE MOLINARI deu um gole na vodca que a assistente de bordo lhe trouxe e recostou-se no banco do jacto governamental. Com alguma sorte dormiria todo o caminho até Washington. Assim o esperava. Sim, ia dormir de certeza. Pela primeira vez em dias.

De manhã estaria suficientemente fresco e desperto para apresentar as suas conclusões ao director da segurança interna. Poderia dizer-lhe com toda a certeza que aquele assunto estava resolvido. Eldridge Neal iria recuperar. Havia relatórios para preencher. Talvez até tivesse de falar perante uma subcomissão do governo. Existia no país uma raiva que era preciso vigiar. Desta vez o terror não tinha vindo de fora.

Molinari encostou-se no luxuoso assento. Começava a ver com clareza o alcance da extraordinária cadeia de acontecimentos. Desde que, no domingo, o informaram de que explodira uma bomba em São Francisco até ao momento em que Danko lutou com Lindsay Boxer na reunião do G-8 na noite anterior. Sabia o que escrever: os nomes e os pormenores, a sequência dos acontecimentos, o resultado. Estava confiante de que sabia como explicar tudo. Excepto uma coisa.

Ela. Molinari fechou os olhos e sentiu uma incrível melancolia.

Como explicar a descarga eléctrica que o percorria de cada vez que os seus braços se tocavam? Ou a sensação que experimentava quando olhava para os olhos verdes de Lindsay? Ela era tão dura e tão forte e, ao mesmo tempo, tão doce e vulnerável. Um pouco como ele. E engraçada também, quando lhe apetecia, o que acontecia com alguma frequência.

Desejou ser como os grandes actores românticos e metê-la no avião e levá-la para um lugar longínquo. Depois ligar para o gabinete: *A reunião da subcomissão terá de esperar.* Molinari sentiu que esboçava um sorriso.

– Vamos descolar daqui a cinco minutos, senhor – informou a assistente de bordo.

– Obrigado – disse, com um aceno de cabeça. *Tenta relaxar. Descontrair. Dormir.* Obrigou-se a pensar no seu lar. Há duas semanas que vivia com uma mala de viagem. Talvez não fosse assim que gostasse de ver as coisas terminarem, mas seria bom regressar a casa. Fechou os olhos uma vez mais.

– Senhor – chamou de novo a assistente.

Um polícia do aeroporto subiu a bordo do avião e foi conduzido até ele.

– Lamento, senhor – disse o polícia. – Aconteceu algo de urgente. Recebi ordens para reter o avião e acompanhá-lo até à gare de embarque. Deverá ligar para este número.

Sentiu uma pontada de preocupação. Que diabo podia ter acontecido agora? Pegou na folha de papel, na pasta e no telemóvel. Marcou o número, pediu ao piloto que esperasse e seguiu o polícia para fora do avião. Encostou o telefone ao ouvido.

O MEU TELEFONE COMEÇOU A TOCAR quando Molinari apareceu à porta da gare. Fiquei ali a observá-lo. Ao ver-me com o telefone também encostado ao ouvido, começou a entender. No seu rosto apareceu um sorriso, um sorriso *largo*.

Nunca na minha vida conhecera tamanho nervosismo. Separavam-nos cerca de quatro metros e meio. Ele ficou parado.

– Sou eu a emergência – disse pelo telefone. – Preciso da tua ajuda.

Ao princípio sorriu, para logo se conter e ficar com aquele ar sério de director-adjunto.

– Estás com sorte. Sou um tipo que gosta de emergências.

– Não tenho vida – declarei. – Tenho uma cadela muito simpática. E as minhas amigas. E este trabalho, no qual sou bastante boa. Mas não tenho vida.

– E queres o quê? – perguntou Molinari, aproximando-se.

Os seus olhos eram brilhantes e clementes. Reflectiam uma espécie de alegria, que atravessava aquele caso e o continente que nos dividia, uma alegria igual à que eu sentia.

– A ti – respondi. – Quero-te a ti. E ao avião a jacto.

Ele riu e estacou mesmo à minha frente.

– Não – abanei a cabeça. – Quero-te só a ti. Não podia deixar que partisses sem o dizer. Isto de viver cada um no seu lado do continente, podemos tentar que funcione, se quiseres. Dizia que vens aqui de vez em quando para dar conferências e gerir a ocasional crise nacional... Eu também vou lá de quando em vez. Recentemente recebi um convite para ficar na Casa Branca. Já estiveste na Casa Branca, Joe. Podemos...

– Chiu.

Encostou um dedo aos meus lábios. Depois inclinou-se e beijou-me ali mesmo. Estava tão apostada em ser mais aberta que engoli as minhas próprias palavras. Aquele abraço pareceu-me tão natural. Rodeei-lhe os braços com os dedos, apertando-os com todas as minhas forças.

Quando nos soltámos, Molinari fitou-me com um sorriso irónico.

– Então recebeste um convite para a Casa Branca? Sempre me questionei como seria dormir no Quarto Lincoln.

– Vai sonhando. – Ri, sem deixar de olhar para aqueles profundos olhos azuis. Em seguida, dei-lhe o braço e acompanhei-o de volta ao terminal. – Mas a sua secretária no Capitólio, senhor director-adjunto... Isso parece-me bem mais interessante...

Agradecimentos

Como sempre, o nosso sincero agradecimento à inspectora da brigada de homicídios da Polícia de São Francisco Holly Pera e ao seu parceiro Joe Toomey, por tratarem quotidianamente dos assuntos sobre os quais nós só escrevemos, e por nos apresentarem a Dino Zografos, do Grupo de Armas e Tácticas Especiais, que transformou o pânico do tiquetaque de uma bomba em algo real e controlável, ao sargento Joe Sanchez e ao inspector Steve Engler (reformado), da Polícia de Berkeley, que testemunharam a loucura da década de 60 e que, durante algumas horas, ressuscitaram para nós a República Popular de Berkeley, com toda a sua devastação e todos os seus sonhos.

Gostaríamos também de agradecer a Chuck Zion, um homem raro, que faleceu no World Trade Center no dia 11 de Setembro de 2001.

Table of Contents

Ficha Técnica

Primeira Parte

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

Segunda Parte

26
27

28

29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

Terceira Parte

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[67](#)

[Quarta Parte](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[79](#)

[80](#)

[81](#)

[82](#)

[83](#)

[84](#)

[85](#)

[86](#)

[87](#)

88

89

90

91

92

93

94

95

Quinta Parte

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

Agradecimentos